



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA**

**LUCAS ALVES COSTA**

**A CONSTRUÇÃO EXISTENCIAL NO PORTUGUÊS**

**GOIÂNIA**

**2022**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR  
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA  
UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

**1. Identificação do material bibliográfico**

[ ] Dissertação      [ **X** ] Tese

**2. Nome completo do autor**

Lucas Alves Costa

**3. Título do trabalho**

"A construção existencial no português"

**4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)**

Concorda com a liberação total do documento [ **X** ] SIM                      [ ] NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a)** consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b)** novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.



Documento assinado eletronicamente por **LUCAS ALVES COSTA, Discendente**, em 24/03/2022, às 10:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vania Cristina Casseb Galvao, Professor do Magistério Superior**, em 24/03/2022, às 11:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2782266** e o código CRC **F2B2E49A**.

Referência: Processo nº 23070.004361/2022-11 SEI nº 2782266

**LUCAS ALVES COSTA**

**A CONSTRUÇÃO EXISTENCIAL NO PORTUGUÊS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Letras e Linguística.

**Área de concentração:** Estudos Linguísticos.

**Linha de pesquisa:** Forma e funcionamento de línguas naturais com ênfase em língua portuguesa, línguas indígenas e língua de sinais.

Orientadora: Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão (CNPq/UFG)

Coorientador: Prof. Dr. Gian Luigi De Rosa (Università Roma 3)

**GOIÂNIA**

**2022**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Costa, Lucas Alves

A construção existencial no português [manuscrito] / Lucas Alves Costa. - 2022.

164 f.

Orientador: Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão; co-orientador Dr. Gian Luigi De Rosa.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2022.

Bibliografia.

Inclui abreviaturas, gráfico, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Construção existencial. 2. Gramática de Construções. 3. Língua Portuguesa. I. Casseb Galvão, Vânia Cristina, orient. II. Título.

CDU 81



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

### FACULDADE DE LETRAS

#### ATA DE DEFESA DE TESE

Ata Nº 5 da sessão de defesa de tese de **Lucas Alves Costa** que confere o título de **Doutor** em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Linguísticos

Aos **vinte e três** dias do mês de **fevereiro** do ano de **dois mil e vinte e dois**, a partir das **nove** horas, via Google Meet, realizou-se a sessão pública de defesa de tese intitulada "**A construção existencial no português**". Os trabalhos foram instalados pela orientadora, **Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão** (Presidente/PPGLL/FL/UFG), com a participação dos demais membros da banca examinadora: **Prof. Dr. Gian Luigi De Rosa** (UniRoma3), Coorientador, **Profa. Dra. Deborah Magalhães de Barros** (POSLLI / UEG) e **Prof. Dr. Agameton Ramsés Justino** (POSLLI/UEG), membros titulares externos e **Prof. Dr. Sinval Martins De Sousa Filho** (PPGLL/FL/UFG) e **Prof. Dr. Rubens Damasceno Moraes** (PPGLL/FL/UFG), membros titulares internos. Durante a arguição, os membros da banca **não** fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A banca examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da tese tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela **Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão**, presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos membros da banca examinadora, aos **vinte e três** dias do mês de **fevereiro** do ano de **dois mil e vinte e dois**.

#### TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Agameton Ramsés Justino, Usuário Externo**, em 02/03/2022, às 12:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vania Cristina Casseb Galvao, Professor do Magistério Superior**, em 02/03/2022, às 14:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rubens Damasceno Moraes, Professor do Magistério Superior**, em 09/03/2022, às 11:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sinval Martins De Sousa Filho, Professor do Magistério Superior**, em 09/03/2022, às 14:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Déborah Magalhães de Barros, Usuário Externo**, em 09/03/2022, às 16:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Gian Luigi De Rosa, Usuário Externo**, em 24/03/2022, às 09:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2727159** e o código CRC **F18FB85D**.

---

Referência: Processo nº 23070.004361/2022-11

SEI nº 2727159

Para minha família, amigos e amigas.

## AGRADECIMENTOS

Para mim, a *existência* é o compartilhamento via *inserção* de sentimentos, de conhecimentos, de experiências, de emoções e de vivências. A elaboração desta tese é, de maneira esplendorosa, resultado de todas e de todos que cruzaram meu caminho, por isso:

Agradeço:

À **UFG**, instituição onde fiz graduação, mestrado e doutorado, por via da qual foi possível me realizar na vida profissional;

À **minha família**, arauto da minha existência, pelo apoio nas minhas decisões;

À **Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão**, que foi mais que uma orientadora, é minha conselheira, amiga, confidente e condutora dos meus passos rumo à pesquisa e ao Funcionalismo;

Ao **Prof. Dr. Gian Luigi De Rosa**, pela orientação e conselhos no meu período na Università Del Salento em Lecce, na Itália;

A **todos meus amigos e amigas**, que estiveram comigo no período de doutorado sanduíche, enfrentando tudo que tivemos de enfrentar, pelos risos, pelas ideias, pelas alegrias e pela paciência na ausência;

À **CAPES**, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo apoio financeiro ao doutorado sanduíche – Università Del Salento – Lecce/Itália, processo nº 88887.314471/2019-00, Edital nº 02/2014 - SECADI/MEC/CAPES; e pela bolsa de doutorado, Programa de Demanda Social, processo nº 88882.385581/2019-01, Edital Regulamento DS (unificado).

## RESUMO

Nesta pesquisa, defende-se a tese central de que a construção existencial é um pareamento de forma e significado, um nó na rede linguística do português que ancora conteúdo do ato de fala por meio da inserção de entidade no plano enunciativo. O objetivo principal é descrever e analisar os traços dessa construção sancionada pelo esquema [(*Exis*) (SN) (*loc-temp.*)] e instanciada com os verbos *ter*, *haver* e *existir*. Fundamenta-se na perspectiva construcional da gramática, nos termos de Bybee (2010), Croft (2001), Fillmore (1977, 1995, 2006), Goldberg (1995, 2006, 2009, 2013, 2019), Hudson (2007), Langacker (1987, 1991, 2000), Tomasello (2003) e Traugott e Trousdale (2013). Utilizou-se *corpora* de língua oral e língua escrita do português, selecionados com critérios preestabelecidos que contemplam as variantes brasileira, africana e europeia. Os dados foram depreendidos do *Corpus* do Português, *Corpus* Fala Goiana, *Corpus* Discurso e Gramática e *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo. Além disso, foi feita uma pesquisa tipológica de cunho bibliográfico em dados de várias línguas, indígenas e não indígenas e românticas e não românticas. Investiga-se o elo simbólico das propriedades gramaticais e discursivas, a fusão entre significado lexical e significado construcional, os níveis de esquematicidade e as suas idiossincrasias. Parte-se do pressuposto de que a construção existencial é um esquema provedor de subesquemas com propriedades discursivo-textuais especiais. Consta-se a sanção plena do esquema matriz, do subesquema de inserção de entidade e do subesquema de ancoragem de tempo em construtos empiricamente atestados em tipos textuais com propósitos comunicativos, como tematizar, argumentar e contextualizar ações narradas.

**Palavras-chave:** Construção existencial; Gramática de Construções; Língua portuguesa.

## ABSTRACT

In this research, the central thesis is defended that the existential construction is a pairing of form and meaning, a node in the Portuguese linguistic network that anchors the content of the speech act through the insertion of an entity in the enunciative plan. The main objective is to describe and analyze the features of this construction sanctioned by the schema [(*Exis*) (*SN*) (*loc-temp.*)] and instantiated with the verbs to *haver*, to *ter* and to *existir*. It is based on the constructional perspective of grammar, in terms of Bybee (2010), Croft (2001), Fillmore (1977, 1995, 2006), Goldberg (1995, 2006, 2009, 2013, 2019), Hudson (2007), Langacker (1987, 1991, 2000), Tomasello (2003) and Traugott and Trousdale (2013). It was used corpora of oral language and written language of Portuguese selected with pre-established criteria that contemplate the Brazilian, African and European variants. Data were derived from the Corpus of Portuguese, Corpus Fala Goiana, Corpus Discurso e Gramática, Corpus of Reference of Contemporary Portuguese. In addition, bibliographical typological research was carried out on data from various languages, indigenous and non-indigenous, romantic and non-Romanesque. It investigates the symbolic link of grammatical and discursive properties, the fusion between lexical and constructional meaning, the levels of schematicity and their idiosyncrasies. It is assumed that the existential construction is a scheme that provides subschemas with special discursive-textual properties. It is verified the full sanction of the matrix scheme, the entity insertion subscheme and the time anchoring subscheme in empirically attested constructs in textual types with communicative purposes, such as thematizing, arguing and contextualizing narrated actions.

**Keywords:** Existential Construction; Construction Grammar; Portuguese Language.

## **LISTAS DE FIGURAS, GRÁFICOS E QUADROS**

### **Figuras**

Figura 1: Perspectiva. p. 26

Figura 2: Modelo de Croft (2001). p. 40

Figura 3: Arquitetura da construção existencial no português. p. 41

Figura 4: Pareamento forma-significado. p. 50

Figura 3: Existência vs. Referência. p. 93

Figura 6: Rede hierárquica da construção existencial. p. 119

### **Gráficos**

Gráfico 1: Construção existencial em tipos textuais. p. 103

Gráfico 2: Frequência dos verbos na amostra de dados. p. 107

Gráfico 3: Distribuição de categorias no subesquema de inserção. p. 135

Gráfico 4: Distribuição de categorias no subesquema de tempo. p. 145

### **Quadros**

Quadro 1: Propriedade das existenciais nas línguas em geral. p. 84

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Adv. temp.	Advérbio de tempo
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CRPC	Corpus de Referência do Português Contemporâneo
D&G	Discurso e Gramática
Exis	Existencial
EXPL.	Expletivo
GEF	Grupo de Estudos Funcionalistas
Loc-temp.	Expressão locativo-temporal
Loc	Locativo
Numer.	Numeral
Prep.	Preposição
Prono.	Pronome
R.	Relação
REF.	Referente
Subst.	Substantivo
SN	Sintagma nominal
SP	Sintagma preposicional
SV	Sintagma verbal
S	Sujeito
SVO	Sujeito Verbo Objeto
Sm.	Semântica
Sx.	Sintaxe
Temp.	Tempo
UEG	Universidade Estadual de Goiás
UFG	Universidade Federal de Goiás
UniSalento	Universidade Del Salento
V	Verbo

## Sumário

CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	11
CAPÍTULO 1: PRINCÍPIOS E PRESSUPOSTOS PARA O ESTUDO DA CONSTRUÇÃO EXISTENCIAL .....	17
1.1. ELEIÇÃO DA PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL .....	17
1.2. PRINCÍPIOS COGNITIVOS .....	21
1.2.1. PERSPECTIZAÇÃO.....	24
1.2.2. MEMÓRIA ENRIQUECIDA .....	29
1.2.3. <i>FRAME</i> .....	33
1.3. PRESSUPOSTOS GRAMATICAIIS .....	38
1.3.1. ARQUITETURA CONSTRUCIONAL .....	39
1.3.2. ESQUEMATICIDADE .....	44
1.3.3. PRODUTIVIDADE .....	47
1.3.4. COMPOSICIONALIDADE.....	49
1.4. CONSTRUÇÃO EXISTENCIAL NA COGNIÇÃO E NA GRAMÁTICA.....	53
CAPÍTULO 2: EXISTENCIAIS NAS LÍNGUAS EM GERAL .....	58
2.1. DELIMITAÇÃO DAS EXISTENCIAIS .....	58
2.2. EXISTENCIAIS NAS LÍNGUAS EM GERAL .....	65
2.3. EXISTENCIAIS: REFERENCIAÇÃO E INTERSUBJETIVIDADE.....	86
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA.....	97
3.1. INTRODUÇÃO.....	97
3.2. CRITÉRIO DE SELEÇÃO E <i>CORPORA</i> .....	99
3.3. <i>CORPORA</i> DA LÍNGUA PORTUGUESA .....	100
3.5. FREQUÊNCIA DE <i>CONSTRUTOS</i> .....	102
CAPÍTULO 4: ANÁLISE DE DADOS .....	105
4.1. RETOMADA DOS OBJETIVOS DA PESQUISA .....	105
4.2. ARQUITETURA DA CONSTRUÇÃO EXISTENCIAL.....	106
4.3. NÍVEIS DE ESQUEMATICIDADE.....	117
4.3.1. SUBESQUEMA DE INSERÇÃO DE ENTIDADE .....	125
4.3.2. SUBESQUEMA DE ANCORAGEM DE TEMPO .....	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	149
6REFERÊNCIAS .....	154

---

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

---

*Tudo estava em espera, calmo, silencioso, imóvel e vazio na extensão do céu. Este é o primeiro relacionamento, o primeiro discurso. Ainda não havia homem, animais, pássaros, peixes, caranguejos, árvores, pedras, cavernas, barrancos e florestas: apenas o céu existia. A face da terra não se manifestou. Havia apenas o mar calmo e o céu em toda a sua extensão. Não havia nada junto ou qualquer coisa se movendo, mexendo ou fazendo barulho no céu. Não havia nada em pé, apenas a água em repouso, o mar calmo e sozinho. Não havia nada dotado de existência. Havia apenas imobilidade e silêncio no escuro, à noite. Somente os criadores Tepeu e Gucumatz estavam na água cercados de clareza. Então veio a notícia: Tepeu e Gucumatz se reuniram, no escuro, à noite. Tepeu e Gucumatz conversaram entre si, consultando um ao outro e meditando. Eles concordaram, juntaram suas palavras e pensamentos. Então ficou claro! Quando amanhecer, o homem deveria aparecer. Eles organizaram a criação, o crescimento das árvores, das videiras e o nascimento da vida [...]. (Mito da criação dos Maias – Popol Vuh. Colección Paradigmas, 2008).*

A epígrafe traz o mito da criação dos povos Maias, os primeiros habitantes que viveram e se desenvolveram no Golfo do México. O mundo, nessa cosmologia, nasce a partir da relação entre Tepeu e Gucumatz, que rompe o silêncio com o diálogo. Dessa conversa, em que houve o encontro de palavras e de pensamentos, nasce a ideia de homem no aurorescer do dia. Na conversa, no ato cooperativo, é organizada a criação e o crescimento dos seres vivos, afinal, até então, “não havia nada dotado de existência”, havia apenas a infinitude do mar calmo, o céu e o espaço.

Nesse mito da criação, a cosmologia é via linguagem, pois é por ela que as coisas passam a existir no diálogo. É na conversação entre os pares que um estado de coisa é descrito, nominado ou referenciado, como na frase: “tudo calmo, silencioso, imóvel e vazio a extensão do céu”. Assim, o domínio existencial é linguagem. No mito, a descrição das coisas serve para a constatação da existência na espacialidade e na temporalidade.

A cosmologia nas culturas remete ao existencialismo como movimento filosófico. O existencialismo orienta os intelectuais ocidentais desde o final do século XIX e influencia a maneira de conceber o mundo, o homem, a sociedade, as artes e a cultura. Para Sartre (1997, 2014), o existencialismo considera a vida humana possível e, por outro lado, declara que toda verdade e toda ação implicam uma subjetividade humana. Antes do existencialismo, a natureza humana era concebida como um conceito, elemento

encontrado em todos os homens. Isso significa que cada homem é um exemplo particular de um conceito universal: homem. Logo, *a essência do homem precede a existência dele*.

Em contrapartida, Sartre (1997, 2014) afirma que *a existência precede a essência*, pois o homem é um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito. Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo, *insere-se* e, só mais tarde, define-se e descreve as coisas.

O homem, tal como o existencialista o concebe, não é passível de uma definição porque, de início, não é nada; só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo. Essa é a noção de subjetividade atrelada ao existencialismo. E essa noção é a base da codificação da existência na gramática das línguas, haja vista que o significado da construção existencial é uma atualização do ato discursivo.

O homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer – como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo. É esse o princípio do existencialismo. Assim, não há nenhuma inteligibilidade no céu, e o homem será apenas o que ele projetou ser, manifestando-se na linguagem.

A noção de existência perpassa as esferas epistemológicas dos saberes humanos. Filosofia, Física, Biologia, Teologia, Psicologia, Linguística etc., todas têm perguntas e respostas a seu respeito. No geral, quando se fala em existência, pode-se pensar que seja uma noção estritamente filosófica, porém a multidisciplinariedade sobre o tema demonstra exatamente o caráter nocional: a existência é a ancoragem básica do conhecimento humano, pois dela parte qualquer percepção, inferência, analogia e racionalidade sobre o mundo codificado no dizer.

No ponto de vista linguístico, a existência projeta uma função nas línguas, o resultado da *inserção* de entidade no plano discursivo, codificado em expressões linguísticas. Estudos sobre expressões existenciais foram feitos em diferentes abordagens – formalista, sociolinguística e funcionalista –, as quais procuram analisar e descrever esse fenômeno em diversas línguas.

Até onde se tem conhecimento, esses estudos partem da visão lexicalista, pois atribuem somente aos verbos o significado de existência. Além disso, partem da concepção de que a configuração gramatical da oração resulta de derivação sintática de outras estruturas, como a locativa ou a copulativa, e desconsideram a inter-relação de propriedades pragmáticas e discursivas na constituição da construção existencial.

Diferentemente, nesta tese, a análise da codificação da existencialidade, no português em perspectiva construcional, rompe com a visão lexicalista e derivacional, visto que se assume que o significado do todo oracional determina o significado das partes. Assim, o significado construcional acomoda o significado das partes (palavras, morfemas) e sanciona as instâncias de uso da língua em situação sociointerativa.

Assim, considera-se que a configuração da construção existencial não está centrada na forma verbal, mas na integração *radical* de propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas, pragmáticas, discursivas e cognitivas, além dos aspectos provindos do ambiente sociocultural (GOLDBERG, 2006; TOMASELLO, 2003; CROFT, 2001).

A construção existencial é complexa e está em interface com outros fenômenos linguísticos, como impessoalidade, ordem sintática, restrição categorial, definitude e indefinitude e referenciação, e revela o caráter integrativo das propriedades gramaticais e discursivas. É um pareamento de forma e de significado. Nos termos de Goldberg (1995, 2006), é uma construção linguística.

Fundamentamo-nos, principalmente, nos trabalhos de Bybee (2010), Croft (2001), Fillmore (1977, 1995, 2006), Goldberg (1995, 2006, 2009, 2013, 2019), Hudson (2007), Langacker (1987, 1991, 2000), Tomasello (1999, 2003) e Traugott e Trousdale (2013), além de propostas teóricas subsidiárias que consideram a integração dos componentes gramaticais e discursivos para descrição e análise da língua.

Partimos do pressuposto de que a construção existencial é um padrão construcional, um esquema abstrato presente na gramática internalizada dos falantes. É um fenômeno linguístico processado na cognição e revelado na gramática. Na gramática da língua portuguesa, por exemplo, os subesquemas provenientes desse padrão são instanciados em construtos com propósitos comunicativos específicos que captam propriedades do esquema matriz (COSTA, 2018a).

Este estudo sobre construção existencial no português tem como *objetivo principal* descrever e analisar as propriedades do pareamento forma-significado dessa construção em amostra ampla de dados reais da língua. Esse objetivo resguarda as perguntas: (i) como a construção existencial é demandada na cognição? e (ii) como ela é revelada na gramática das línguas?

Para isso, acionamos os princípios cognitivos de perspectivação, memória enriquecida e *frame*, que perpassam as instâncias de uso da construção e viabilizam a sua produção, recepção e compreensão. Mobilizamos propriedades construcionais, como

esquemática, composicionalidade e produtividade, bem como reconhecemos a projeção de uma arquitetura construcional, o que favorece a descrição e a análise da construção existencial em *corpora* amplos de língua portuguesa. Além do mais, recorreremos a resultados de estudos tipológicos sobre as existenciais, a fim de ter uma visão ampla e interlinguística desse fenômeno.

A partir disso, traçamos os *objetivos específicos* para esta tese:

1. Verificar como a construção existencial se revela nas línguas em geral, a partir da apreensão de suas propriedades gramaticais e discursivas, a fim de contrastá-la com a língua portuguesa;
2. Selecionar dados de língua para a promoção de uma análise sistematizada e cientificamente embasada, visando promover generalização do fenômeno estudado;
3. Descrever e analisar os aspectos morfosintáticos, semânticos, pragmáticos e discursivos da construção existencial no português, para promover generalização e para destacar as idiosincrasias.

Em vista disso, esta tese apresenta os resultados da investigação sobre o fenômeno em questão, orientados pelas seguintes perguntas de pesquisa:

1. Quais princípios cognitivos e pressupostos gramaticais da perspectiva construcional são relevantes para a descrição e a análise da construção existencial no português?
2. Do contraste entre a língua portuguesa e as línguas em geral, quais as similaridades e idiosincrasias da construção existencial no português?
3. Quais as especificidades discursivo-textuais da construção existencial no português?

Esta é uma pesquisa prioritariamente qualitativa, mas inclui informações quantitativas quando necessárias. Por conseguinte, concentramo-nos prioritariamente na análise e descrição de dados sincrônicos do português na modalidade falada ou escrita, pré-selecionados por critérios delimitados. Os *corpora* são: (1) *Corpus* do Português *Now*; (2) Projeto Fala Goiana; (3) *Corpus* Discurso e Gramática (doravante D&G); e (4) *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo (doravante CRPC). Esses *corpora* são amplos numericamente, visto que buscamos abarcar as variantes da língua portuguesa no mundo (português brasileiro, português europeu e português africano).

Cada variante da língua portuguesa tem características lexicais e gramaticais específicas. Por exemplo, a preferência no português brasileiro pelo emprego do verbo *ter* em detrimento do verbo *haver*, diferentemente do português europeu e do africano. Para isso, fundamentamo-nos no princípio construcional da realização da construção

linguística (significado construcional), independentemente do verbo instanciado (significado dos itens lexicais) (CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995, 2006).

Além disso, para melhor compreender o fenômeno, fizemos um levantamento tipológico, a partir de um estudo bibliográfico, enfocando línguas como alemão, catalão, espanhol, estoniano, finlandês, francês, grego, inglês, italiano, kannada, kiowa maori, nheengatu, pingelapesa, suaíli, tapirapé e turco. Além dos exemplos dessas línguas, utilizamos dados do português nas variantes brasileira, europeia e africana.

Assim, esta tese se organiza da seguinte forma:

No capítulo 1, discutimos os *princípios cognitivos* necessários para a descrição e análise da construção existencial. Dentre os domínios gerais apontados por Bybee (2010), Fillmore (1995, 2006), Langacker (1991, 2000) e Tomasello (2003), destacamos a perspectivização, a memória enriquecida e o *frame*. Ainda, delineamos os *pressupostos construcionais* como arquitetura construcional, esquematicidade, produtividade e composicionalidade, nos termos de Goldberg (1995, 2006, 2009, 2013, 2019), Croft (2001), Traugott e Trousdale (2013) e Hudson (2007).

No capítulo 2, verificamos a proeminência das propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmáticas da construção existencial nas línguas em geral. Discutimos a função discursiva dessa construção e a correlacionamos à referenciação e à intersubjetividade, de acordo com Traugott e Dasher (2005), Givón (2012), Neves (2007, 2010) e Koch (2009), visto que a construção existencial realiza uma *inserção* de entidades no plano discursivo, uma função que envolve esses conceitos.

No capítulo 3, apresentamos a metodologia adotada nesta tese, mais precisamente as particularidades dos *corpora* de língua portuguesa e o critério léxico-gramatical utilizado para o tratamento e a apreensão das ocorrências da construção existencial. Destacamos, também, os procedimentos para identificação, coleta e seleção de dados e a quantificação de ocorrências na frequência de construtos em tipos textuais diversificados.

No capítulo 4, empreendemos a descrição e análise qualitativa dos dados empíricos do português, em vista da integração das propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivas da construção existencial, e a atuação de princípios cognitivos na produção, recepção e compreensão dela. Além disso, são descritos os níveis de esquematicidade do esquema existencial, provedor de subesquemas sancionados em instâncias de uso. Traçamos as especificidades discursivo-textuais dos construtos.

É nesse contexto investigativo que esta tese se elabora, justamente na verificação da interface conceptual entre sintaxe e semântica e na defesa da integralização *radical* dos componentes gramaticais e discursivos. Salientamos que o fenômeno linguístico em questão é motivado pelas situações sociointerativas e perpassado por capacidades cognitivas, como a percepção, a memória, a atenção e o processamento de informação. Dessa maneira, como no mito da criação, citado na epígrafe, de fato a existência é a junção de palavras e de pensamentos, realizada cooperativamente na vivência da linguagem.

---

## CAPÍTULO 1: PRINCÍPIOS E PRESSUPOSTOS PARA O ESTUDO DA CONSTRUÇÃO EXISTENCIAL

---

### 1.1. Eleição da perspectiva construcional

A abordagem construcional é um empreendimento teórico-metodológico elaborado e expandido no mundo nos últimos trinta anos. Surgiu a partir da Gramática de Casos, proposta por Fillmore e demais colaboradores, em Berkeley Califórnia, nos anos 60 e 70 do século XX. Para Salomão (2009), a abordagem construcional alcançou o auge teórico nas obras de Fillmore e Kay (1995), Goldberg (1995) e Croft (2001), abrigadas no quadro da Linguística Cognitiva.

Essa perspectiva, assumida nesta tese, considera que as unidades da gramática são unidades simbólicas, pares indissociáveis de forma-significado. A gramática é uma rede de construções com estruturas semânticas, fonológicas e conexões simbólicas (CROFT, 2001). Essa abordagem parte da noção de que o homem é capaz de criar representações abstratas e projetá-las na realidade objetiva.

A capacidade de pensar e a de se comunicar atribuem ao homem a habilidade de referenciar em ausência; assim, é possível falar de lugares e assuntos ausentes no momento de fala. A construção existencial e muitos outros fenômenos linguísticos expressam essa capacidade, pois as ações humanas, inclusive as linguísticas, são uma integralização de fatores cognitivos, gramaticais e sociais.

Por mais que haja distinções nas abordagens construcionais, todas assumem o conceito de construção como a unidade básica da língua. Essa unidade vai desde morfemas simples, estruturas sintáticas e expressões idiomáticas até padrões textuais (GOLDBERG, 1995, 2006; FRIED; ÖSTMAN, 2005).

Goldberg (1995) afirma que a construção linguística é qualquer padrão de palavras ou morfemas associados a um par forma-significado. Isso implica o reconhecimento da indissociabilidade entre forma e função e sintaxe e semântica – um contínuo entre léxico e gramática. Desse modo, qualquer fenômeno linguístico é apreendido como um pareamento de forma e de significado, que representa padrões gerais (esquemas), os quais captam características comuns entre várias instanciações de uso. Os fenômenos linguísticos envolvem uma complexa teia de princípios cognitivos e socioculturais. Por

consequente, os itens lexicais são pontas de acesso para uma rede de interseção de conhecimentos que representam a conceptualização do mundo pelo usuário da língua.

Assumimos, nesta tese, o princípio da integralização *radical* dos componentes gramaticais e cognitivos. Uma construção linguística é a própria manifestação da junção de gramática e cognição, revelada nos seus aspectos fonológicos, morfossintáticos, semânticos, pragmáticos e discursivos, nos termos de Langacker (1987).

Croft (2001) afirma que o conhecimento linguístico é um inventário de construções, dividido em mais centrais (similares) e mais periféricas (conectadas), relacionadas por nós de vinculação. Nesses nós, segundo Goldberg (2006), correlacionam-se as partes, em que as mais centrais servem como um esquema ou modelo que reúne as similaridades associadas a outras unidades por semelhanças, sendo mobilizadas via categorização, analogia e previsibilidade.

A abordagem construcional da linguagem fundamenta esse tratamento da construção existencial porque é um fenômeno manifestado na vivência da linguagem, isto é, na interação social. A associação por elo simbólico exhibe nela um conjunto de detalhes fonéticos, fonológicos e morfossintáticos, relativo à forma e ao significado.

Qualquer propriedade da forma, independentemente do tamanho, associa-se a algum significado de nuances pragmáticas e discursivas. Esse elo simbólico é sistêmico, pois ocorre em toda a gramática e forma uma ampla rede, e, em cada nó, há hierarquização e interconexão. Por isso, reafirmamos a integralização *radical* dos componentes cognitivos e gramaticais como princípio operacional para esta tese.

A construção existencial é um padrão construcional (esquema) disponível na mente dos usuários da língua, armazenado na memória de longo prazo e motivado pelas necessidades comunicativas. Essa construção se revela na gramática como um fenômeno complexo, e as propriedades morfossintáticas, semânticas, cognitivas e pragmáticas cumprem propósitos discursivos.

Na perspectiva construcional, a visão não segmentada dos componentes gramaticais viabiliza a aceitação das dimensões da forma e das dimensões do significado, as quais se interferem mutuamente. A construção existencial é um esquema abstrato que sanciona construtos empíricos, como mostram os exemplos<sup>1</sup> (1) a (3):

---

<sup>1</sup> Os exemplos, neste capítulo 1 e no capítulo 2, são provenientes de fontes variadas, dos *corpora* selecionados para a tese ou de estudos tipológicos. As fontes dos exemplos são: *Corpus* Português NOW, Fala goiana, *Corpus* D&G, *Corpus* CRPC Portugal Only, *Corpus* CRPC África e amostra não sistematizada.

(1) *Aqui não há nada da representação do povo da Madeira a competir ao Presidente da Assembleia Regional, para depois se dizer que compete à Assembleia Regional, aos Deputados regionais. Aqui há a representação correcta da Região como pessoa, obviamente, colectiva. [...]. (Corpus CRPC, Portugal Only)*

(2) *A avó da menina disse que a família já refez do susto e gora questiona a falta de locais de lazer no bairro, o que leva as crianças as buscarem outras alternativas para brincar e interagir. "Tem muita criança no bairro, elas não têm nenhum parque ou praça para se divertirem, por isso ocorre situações como esta". (Corpus Português NOW)*

(3) *"O Pará tem uma grande produção de laranja e se alastrar para lá vai ser feita barreira, a indústria vai sofrer sério dano econômico e a laranja será impedida de sair para o resto do país. Existe uma portaria ministerial que proíbe a saída de qualquer fruta hospedeira da mosca da carambola do Amapá", informou o auditor fiscal agropecuário. (Corpus Português NOW)*

Os exemplos (1), (2) e (3) são instâncias de uso da construção existencial, sancionadas pelo esquema padrão que comporta as propriedades gramaticais e discursivas. Esse esquema abstrato acomoda as propriedades de forma-significado e licencia o significado construcional (todo) em detrimento dos significados das palavras (partes). Essa moldura perfila os participantes (palavras) mobilizados na composição da construção. Assim, independentemente do verbo (*ter*, *haver* ou *existir*), o significado construcional é preservado.

Um ponto relevante na perspectiva construcional é a noção de  *fusão* do significado construcional e do significado dos itens lexicais. O significado construcional provém de uma cena da experiência humana. Os complementos de um verbo são semânticos e sintaticamente ligados a ele, por vias gramaticais, principalmente porque seus significados são associados a uma cena experiencial. As entidades do mundo são perfiladas na codificação linguística.

O verbo remete a uma moldura de cena, e ela define os papéis semânticos e as funções argumentais de cada elemento da construção, de acordo com Goldberg (1995). A fonte primeira da organização sistêmica do significado lexical é resultado da junção de propriedades gramaticais e discursivas na efetivação do uso da língua. A integralização das propriedades implica o significado das partes que compõem o todo.

Na construção existencial, o vínculo entre as partes da construção é forte, e essa junção está armazenada na memória de longo prazo e se manifesta na vivência cotidiana

das pessoas. Com isso, a descrição e a análise desse fenômeno linguístico destacam a junção das interfaces da forma e do significado, além dos fatores cognitivos e socioculturais.

Apropriamo-nos, então, de razões apresentadas por Goldberg (1995), as quais justificam a vantagem da perspectiva construcional. Para o estudo da construção existencial, destacamos três delas:

1. *O significado verbal não é plausível por si só*: o significado do verbo não se faz diretamente a partir do item lexical, mas sim do significado construcional. Essa associação favorece a seleção de certos verbos em detrimento de outros. Por exemplo, na construção existencial, são favorecidos os verbos *ter*, *haver* e *existir*. Assim, as instâncias da construção são o resultado da fusão dos significados dos itens lexicais e do significado construcional;
2. *A circularidade de análise*: a abordagem construcional evita múltiplas e distintas análises, realizadas por meio da estrutura argumental do verbo, com seus respectivos complementos obrigatórios, pois os diferentes significados de um verbo são decorrentes da fusão com o significado da construção. Não há postulação de novos sentidos sempre que uma nova configuração sintática é verificada;
3. *Economia semântica*: os múltiplos significados dos verbos, em diferentes contextos, não precisam ser vistos como uma atribuição idiossincrática do verbo. Essa visão implica mais economia e mais generalização, visto que a língua é apreendida tanto a partir de generalizações amplas como de padrões específicos, via pensamento analógico, previsível e baseado em exemplários atestados empiricamente.

O significado é elaborado do mais concreto (cena sensorio-motora) para o mais abstrato (o esquema) e envolve estratégias discursivas. Para Fillmore (1995), o que temos de mais concreto e objetivo é nosso corpo, o espaço que ocupamos no mundo. Isso nos permite transportar traços de significados básicos de uma palavra para significados abstratos e mais intersubjetivos.

Uma construção tem caráter convencional fixado na mente dos falantes e, conseqüentemente, na gramática da língua. Afinal, realizamos melhor e mais automático aquilo que fazemos sempre, desde as atividades cotidianas mais básicas, entre elas as atividades verbais, até as ações mais sofisticadas.

O caráter holístico de análise dos usos linguísticos se dá na concepção de pareamento forma-significado, que embasa, também, o tratamento metodológico, uma vez que se consideram os dados empíricos e atestados. Por isso, justificamos a eleição da

perspectiva construcional pelo seu caráter holístico, pela integralização *radical* dos componentes gramaticais e discursivos e pela revelação dos desempenhos cognitivos e contextuais nas instâncias de uso da língua.

Ao longo desta exposição, no capítulo 1, discutimos os princípios cognitivos e os pressupostos gramaticais necessários para a descrição e análise da construção existencial do português. Esses princípios e pressupostos contribuem para o tratamento qualitativo dos dados empíricos depreendidos dos *corpora*. Fundamentamo-nos nos trabalhos de Bybee (2010), Croft (2001), Fillmore (1977, 1995, 2006), Goldberg (1995, 2006, 2009, 2013, 2019), Hudson (2007), Langacker (1987, 1991, 2000), Tomasello (1999, 2003), Traugott e Trousdale (2013) e outros subsidiários.

## 1.2. Princípios cognitivos

Bybee (2010) afirma que todos os fenômenos linguísticos são processados na cognição humana, havendo domínios gerais que perpassam a atividade linguística e qualquer outra atividade da vida humana. A gramática remete à concepção de língua em uso, e isso implica o reconhecimento dela como um sistema *emergente* do uso. Além do mais, no uso, revelam-se fatores como a intenção interacional, os participantes e o contexto de atualização gramatical.

O termo *uso* se refere à atualização gramatical na sociocomunicação, no momento de fala ou de escrita, independentemente do registro. A momentaneidade não é um recorte estritamente temporal, mas sim temporal, espacial, idiossincrático, cognitivo e sociocultural, embutido nas instâncias de uso da língua.

Outro termo importante é *discurso*. Discurso é um conjunto de ações criativas dos usuários da língua na produção e organização linguística. Essas ações são modos individualizados (inovações) e coletivos (convencionalizados) que as pessoas fazem das expressões linguísticas. Givón (2012) e Neves (2010) afirmam que as estratégias discursivas determinam a atualização gramatical na vivência da linguagem. Nesse ponto, a análise linguística se relaciona à concepção de gramática fortemente vinculada ao *uso* e ao *discurso* na interação verbal (LANGACKER, 1987).

A estruturação linguística se realiza pelas inúmeras circunstâncias estabelecidas na atualização linguística. Há uma linha tênue entre atualização e estruturação. Afinal, a estrutura por si e em si mesma só existe nos tratados e nas teorias linguísticas desvinculados da manifestação real (GIVÓN, 2012).

Para Tomasello (2003), a configuração de mundo é mediada pela linguagem, não havendo um mundo exterior a ela, mesmo sendo os estímulos biopsicológicos tributários de um aparato biológico. O conhecimento linguístico é necessário para a sociointeração, uma competência discursiva. Esse conhecimento é compartilhado no meio social, sendo internalizado, feito e refeito a cada momento pelos usuários da língua.

Todo conhecimento envolvido na organização da interação social implica vários conhecimentos, pois entra em jogo a eficiência sociocomunicativa. Língua e linguagem são distintas para fins metodológicos, porém, na vivência cotidiana, não se manifestam separadas, e sim de modo integral (NEVES, 2010). A metalinguagem, fiel a essa concepção, verifica os componentes gramaticais (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática) atrelados à cognição. É essa a postura adotada nesta tese sobre construção existencial no português.

O fato de o usuário da língua escolher utilizar um artigo definido ou indefinido na construção existencial, por exemplo, não é uma questão de implicação morfossintática, como defendem os seguidores da teoria efeito de definitude (FREEZE, 1992). Pelo contrário, a escolha é feita baseada no que é mais produtivo, previsível e recorrente no inventário construcional da língua, em vista da eficiência comunicativa. Essa escolha é possível devido às disposições semânticas, cognitivas e pragmáticas das construções rotinizadas nos momentos de fala.

O grau de monitoramento do usuário acerca do conhecimento linguístico é correlacionado aos propósitos discursivos, e não necessariamente ao arranjo morfossintático da oração. Langacker (2000) argumenta que o uso ou não de uma expressão linguística atende a esses propósitos. Para Tomasello (2003), todas as ações humanas têm intuídos comunicativos, como gestos, sons, movimentos etc., e essas são fontes de formas linguísticas simples e complexas.

A gramática é sociointeração, simbólica e proveniente das necessidades interacionais na cooperação humana pelos atos de solicitar, informar e compartilhar. A língua é teleológica movida para finalidades; a estruturação gramatical, para esse fim. Os eventos de mundo simples exigem sintaxe simples, enquanto eventos de mundo complexos necessitam de uma sintaxe mais complexa (TOMASELLO, 2003).

As necessidades discursivas promovem a instabilidade gramatical e provocam a emergência de construções linguísticas. A interação verbal se organiza por meio de contrato social preestabelecido, negociado e compartilhado pelos membros da

comunidade. Por conseguinte, como argumenta Langacker (2000), gramática e vida são integralizadas radicalmente.

Nesta tese, o termo *cognição* se refere às habilidades de processar mentalmente todas as experiências e o evento do mundo. Isso envolve as experiências corporais mais concretas até as puramente abstratas. A percepção, a categorização, o pensamento analógico e a memória são habilidades cognitivas básicas e vinculadas à linguagem e a outras atividades da vida humana (BYBEE, 2010). Por isso, o uso da língua envolve o exercício de habilidades cognitivas aperfeiçoadas e desenvolvidas nas experiências culturais.

Os processos cognitivos são associados à intencionalidade compartilhada e à comunicação cooperativa, o que resulta na elaboração de convenções sociocomunicativas. Para Tomasello (2003), a cooperação humana direciona as habilidades cognitivas, bem como as práticas sociais e culturais. Assim, as construções linguísticas emergem da interação social e das demandas cognitivas.

Na experiência de mundo, o ser humano aciona a cognição para processar estímulos fisiológicos, por meio da memória e da associação, e organiza esses estímulos via analogia e categorização. A associação é sempre em rede de experiência, onde os conceitos são mobilizados a partir dos conhecimentos novos e dos adquiridos.

Para Bybee (2010), é com a experiência em eventos no mundo que as habilidades cognitivas atuam para organizar essas vivências. A categorização perpassa o conhecimento linguístico, pois as palavras são acionadas e organizadas por grupos similares. A capacidade perceptiva é, também, uma habilidade fundamental nessa organização, visto que desloca foco e controla Fluxo de Atenção na sequência enunciativa.

Essas considerações alicerçam a perspectiva assumida nesta tese, partindo da ideia de que a língua é movida por fatores cognitivos, sociointerativos e socioculturais realizados cooperativamente (LANGACKER, 1987; TOMASELLO, 2003).

O componente cognitivo tem uma série de habilidades gerais, desempenhada nas atividades simples e complexas da vida humana. Essas habilidades deslocam a gramática para a aparente estabilidade e instabilidade e provoca o duelo profícuo de aspectos internos e externos da língua. Para Bybee (2010), as habilidades (1) de categorização, (2) memória enriquecida, (3) *chunking*, (4) analogia e (5) associação transmodal são domínios gerais presentes nos fenômenos linguísticos.

Bybee (2010) afirma que não se pode investigar um fenômeno linguístico sem se remeter a algumas dessas habilidades. Afinal, a metalinguagem é alicerçada, prioritariamente, na interpretação da língua em uso, demonstrando a eficiência comunicativa dos falantes. Por isso, para a descrição e análise da construção existencial no português, apropriamo-nos de três princípios cognitivos: (1) *perspectivização*, (2) *memória enriquecida* e (3) *frame*, os quais estão relacionados à representação dos construtos.

### 1.2.1. Perspectivização

A diversidade é um atributo da vida, do mundo, das coisas e dos seres humanos. Tudo se mostra pela diversidade diante de outras coisas. Por isso, as diversas maneiras como os eventos do mundo podem ser percebidos implicam as diferentes codificações linguísticas. O ponto de vista é o pilar para a descrição de um evento sociofísico e revela as escolhas do usuário da língua.

Langacker (1987) afirma que a conceituação é sempre proveniente de uma cena. A perspectiva é o conjunto de elos impulsionado em sua grande parte pela visualização. Sobre esse elo visual, o autor destaca que há uma relação global entre o espectador e a cena mostrada. Nessa configuração, o usuário da língua assume o papel de espectador que associa os significados às expressões linguísticas.

Nessa mesma linha de pensamento, Talmy (2000) afirma que a perspectiva é orientada pela *atenção focal* que, dependendo da intencionalidade, pode ser direcionada para dimensões variadas. Esse direcionamento demanda escalas de atenção, em que um plano recebe mais e outro menos foco. Assim, constituem-se as saliências perceptuais, e esse empenho humano se reflete na estrutura da gramática.

García (1989, 1992) afirma que todas as informações que chegam ao cérebro humano são tratadas como dados linguísticos, visuais, cinéticos ou de outro tipo. Para ele, cada cena pode ter várias formas de ser vista e tem uma hierarquia de saliências (capacidade de destaque). As línguas manifestam a maneira como se percebe o mundo, e a percepção é a fonte primordial de significado.

A conceptualização das imagens visuais transfere para as expressões verbais elementos da cena ou fragmentos do real. Jackendoff (2002) chamou de *restrição cognitiva* os níveis de representação mental nos quais as informações são transmitidas para a linguagem. Essas informações são compatíveis com sistemas periféricos, como visão, audição não verbal, olfato, cinestesia e assim por diante. Se não houvesse tais

níveis, seria impossível usar a linguagem para relatar informações sensoriais e falar sobre o que vê, ouve ou sente.

Para Jackendoff (2002), o nível de representação mental é onde se dá a compatibilidade entre as informações linguísticas, sensoriais e motoras. Por isso, nos processos de organização linguística, é crucial a distinção da fonte de contribuição: (1) o ambiental e (2) a palavra. García (1992) aponta que esse aparato mental de mundo projetado tem primeiro do mundo em si e segundo de mundo projetado. Além disso, esse nível de representação mental não é estritamente referencial, mas sim conciliatório.

Na Gramática Liminar, elaborada por García (1989, 1992), a noção de espetáculo ou cena é a chave para uma concepção cognitiva da língua. Para o autor, esta ideia pode ser aplicada à descrição de qualquer fenômeno linguístico. Afinal, a oração é a mínima unidade de captação verbal do mundo, a unidade primeira de estabelecimento do mundo.

Para García (1992), cada cena tem várias maneiras de ser intervinda, a partir de uma hierarquia causal de saliência (capacidade de destaque). Essa capacidade envolve *perspectivização*, que está relacionada ao espraiamento da diversificação das cenas apreendidas no meio ambiente. O autor (1989) destaca que as línguas são formas de se perceber o mundo. Assim, existe um nível de conceptualização, no qual as leis que regem a composição de imagem visuais (*Gestalt*) interferem na cena oracional.

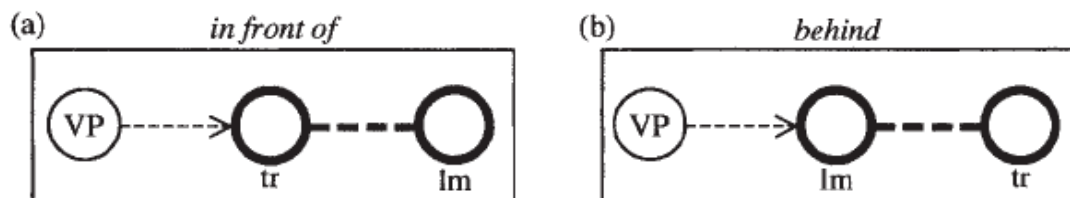
Langacker (1987) afirma que os usuários da língua podem compartilhar uma mesma cena e, a partir dela, observar e descrever ocorrências do mundo em volta, de maneira similar ou não, dependendo da atenção (capacidade de destaque). Além disso, as estruturas linguísticas escolhidas para a descrição de uma cena se distanciam da perspectiva básica, devido à capacidade de conceptualização. Essa conceptualização envolve a abstratização de elementos reais ou não reais, como espaço, tempo e entidades.

No elo perceptivo, a posição do espectador contribui para a definição de elementos conceptualizados, como o tempo ou o espaço. Langacker (1987) descreve que as palavras, aqui e agora, por exemplo, referem-se ao local de posição em relação à conversação face a face. Mesmo com o distanciamento espacial, a abstratização desse tipo de cena viabiliza a interação virtual. Assim, a percepção é o substrato conceitual fundamental para a conceptualização ou abstratização.

Para exemplificar, a abstratização do posicionamento na cena torna possível a perspectiva de frente e de atrás, uma vez que o ponto de vista remete à localização real do espectador em relação à cena experimentada. Nasce, assim, a diversidade de significado com as diferentes interpretações. Nos dois pontos (atrás e frente), ocorrem o

movimento de configuração do trajeto (ponto fixo) e do ponto de referência (ponto movido). Langacker (1987) ilustra essa proposta na figura a seguir:

**Figura 1:** Perspectiva.



Fonte: Adaptada de Langacker (1987, p. 75)

Na Figura 1, o VP indica o ponto de vista e a seta indica a visão do espectador. No quadro (a), a linha de visão parte do trajeto (tr) para o ponto de chegada (lm). No quadro (b), a visão do espectador é o ponto de chegada (lm) para o trajeto (tr). A Figura 1 ilustra o movimento que configura as diferentes perspectivas possíveis. As posições frontal e traseira demonstram a escolha de trajeto. O ponto de referência é fulcral para destacar a saliência e implica a diferença do perfilamento da cena ou do espetáculo.

García (1992) afirma que a linguagem é uma projeção do mundo e a cognição é regida pelas leis da *Gestalt*. Para o autor, todo esquema gestáltico está articulado sobre a oposição figura/fundo. Por exemplo, percebe-se uma figura humana A entre seus companheiros B, C\_N, em uma foto na linha do equador, e é possível *focalizar*, de maneira diferente, a pessoa fotografada, que pode aparecer em *primeiro plano*, enquanto todas as demais ficam retraídas em *segundo plano*. Do contrário, não poderíamos dizer que se trata de uma foto de A, se não uma foto de B ou de C etc., ou, talvez, uma foto do todo (de A, B, C\_N) sobre o fundo de uma paisagem.

Na elaboração ou codificação de uma cena, sempre salta aos olhos a parte mais relevante, dependendo de como o usuário da língua organiza linguisticamente o enunciado. Essa demanda implica a informatividade que orienta a informação e interfere no grau de acessibilidade do interlocutor à informação enunciada.

Quando a interpretação é mais restrita, o foco é direcionado a uma porção da informação; já quando é mais específica, o foco é dado ao perfil. Logo, a dupla face, figura e fundo (perfil, foco e dado novo), organiza elementos pragmáticos provindos da perspectiva. As diferenças ocorrem quando o direcionamento da atenção é demandado para porções diversas na comunicação. Desde a entonação mais forte até a recolocação

do tópico, são ações provenientes da perspectiva. Não é somente uma questão de destacar porções linguísticas, mas de valorar aspectos contextuais que interferem no compartilhamento de informação. Além disso, quando uma expressão recebe o foco, isto é, a posição de figura, as demais se posicionam como fundo.

O significado interpretado oscila entre o convencional (matriz) e o subjetivo; tanto um como o outro acionam um conjunto de domínios diversos de perspectivas diferentes. O domínio central é posicionado no primeiro plano (figura) e entra em contraste com o mais periférico, o fundo. O foco se torna mais acentuado quando um item é selecionado para contextos diferentes, podendo ser específicos ou gerais.

O enunciado exige o acesso aos conhecimentos culturais que potencializam a elaboração de outros conhecimentos e tem como base os significados matrizes ou convencionais. A informatividade se torna uma estratégia discursiva e demonstra que sua assimilação se dá de maneira contextualizada, e não isolada. A ordenação e a codificação dependem desse elo cognitivo-perceptivo.

A perspectivização se realiza, por exemplo, na estratégia pragmática de topicalização, pois é um mecanismo de codificação das informações, vinculada ao foco, ou seja, à saliência dada a uma informação. O tópico interfere na ordenação das palavras e na linearidade dos itens linguísticos. Como atributos de uma cena no mundo, são deslocados para atender às demandas do Fluxo de Atenção. Assim, a perspectiva é fundamental para a informatividade, uma vez que dosa a informação e aciona os conhecimentos diversos.

A construção existencial demanda perspectiva, muito mais que ordenamento sintático, visto que *inserir* algo no discurso exige do usuário da língua a focalização da entidade inserida. A perspectivização contribui para a configuração dela, visto que o deslocamento da entidade inserida na sequência enunciativa envolve atenção concentrada. Isso significa que o sintagma nominal dessa construção recebe a focalização. Nessa perspectivização concentrada, o acionamento dos conhecimentos provoca informatividade, isto é, identifica ou generaliza a entidade inserida, como no exemplo (4):

**(4) *Tem uma mulher na beira da estrada querendo uma coroa para a cidade [...]. (Fala goiana, feminino, 36 anos)***

Nesse exemplo, o sintagma nominal *uma mulher* é inserido na sequência enunciativa, demandando foco nessa informação, de modo a concentrar nela o acesso a

conhecimentos para interpretá-la. O verbo em posição inicial e a expressão locativa estabelecem informações complementares que contribuem para a interpretação. A perspectiva concentrada nessa construção destaca a Entidade Focalizada, especialmente a partir da estratégia discursiva da não definição. Diferentemente, no exemplo (5), a perspectiva é espalhada em outras porções do texto:

*(5) Pessoal que já teve que obter visto para Portugal para doutorado sanduíche: considerando que mesmo lendo todas as instruções que estão na internet sobre os procedimentos sempre **há o risco de faltar algo**, peço uma força aos que já tiveram que passar por isso, principalmente aos que tiveram que tratar das burocracias em BH. (Amostra não sistematizada)*

Nesse exemplo, a construção existencial demonstra que a perspectiva está centrada na Entidade Focalizada, e as informações complementares espalhadas em outras porções do texto. Isso significa que várias informações são acionadas para direcionar a interpretação da identificação da entidade. Por mais que o sintagma nominal seja focalizado (*o risco*), a identificação é feita em outras porções do texto. Dessa maneira, a perspectiva espalhada se torna uma estratégia de individualização da entidade.

Para García (1992), uma cena oracional envolve outros elementos perceptuais, como a figura secundária que rodeia a entidade recebedora de maior foco na cena. O fundo secundário é constituído por outras ampliações possíveis, por exemplo, ornamentos para constituir os traços identificadores da figura. Esses traços se espalham por várias porções da sequência enunciativa, como expressões de lugar, de tempo, de quantificação e de adjetivos; é o que mostra o exemplo:

*(6) Hoje em dia normalmente as pessoas casam-se que pergunta se esta pessoa é da etnia xis ou epsilon, eh, acho que essa é a última coisa a perguntar... de resto, acho que **há uma certa harmonia** nesse sentido... e tanto é que valores de algumas regiões, **há tendência** de serem importadas para outras etnias... por exemplo, os bacongos têm por tradição, quando **há um casamento tradicional**, antes do acto se realizar, então a família do pretendente do rapaz tem que dar um certo dote... e esse dote é feito à base de uma lista. (Corpus CRPC, África)*

No exemplo (6), o falante expõe uma série de opiniões sobre as tradições em torno do casamento e destaca a relação entre pessoas de etnias diferentes e os seus costumes. As instâncias de uso da construção existencial, em (6), servem para inserir um cenário possível. Os artigos indefinidos *um* e *uma* antecedem o sintagma nominal, o núcleo informativo e a figura. Esse cenário tem como pano de fundo a temporalidade trazida pela expressão temporal *hoje em dia*; assim, o foco secundário se encontra em outras porções do texto.

A perspectivização viabiliza a convicção de que as cenas visuais e verbais têm um fundo mais saliente, que se sobressai frente aos outros. Isso evidencia seu caráter plural, com os fundos simples e complexos, dependendo das exigências das situações sociointeracionais, sendo estas amplamente imbuídas de circunstâncias contextuais que detêm ou limitam o quadro ou a cena discursiva. Discute-se, no próximo subtítulo, o princípio cognitivo de memória enriquecida.

### **1.2.2. Memória enriquecida**

A memória enriquecida diz respeito à capacidade cognitiva relativa às funções executivas que envolvem, precisamente, a memorização de informações provindas de variadas fontes, desde os estímulos corporais até as experiências abstratizadas. Bybee (2010) afirma que a memória enriquecida faz parte do pensamento e da percepção, que oferecem conceitos para a estruturação da gramática.

O armazenamento na memória envolve focalização em detalhes de experiências. Nesse sentido, o uso linguístico remete às experiências linguísticas com a língua, incluindo exemplários fonéticos, palavras e frases. A memória comumente é reconhecida no senso comum como um depósito de experiências. No entanto, no que diz respeito à língua, a memória não é um depósito, mas uma fonte dinâmica acionada a todo momento. Ela contribui na sociointeração, fornecendo experiências linguísticas através de associações e inferências.

Pela memória perpassam todas as ações humanas. Ela organiza as informações, alinhando-as em blocos, e, assim, as informações idênticas são aproximadas e as diferentes vinculadas via relações taxonômicas diversas. Essa representação cognitiva é inter-relacionada à categorização, uma espécie de mapeamento.

Bybee (2010) afirma que o armazenamento de experiências linguísticas se dá por construções diversas, desde fonéticas, semânticas e contextuais. Os componentes gramaticais são associados a grupos estocados na memória, e sedimentam a representação

da memória enriquecida. As construções são estocadas e vinculadas às experiências com a língua, e o significado associado aos contextos gerais e específicos.

A memória enriquecida é uma capacidade fundamental para estabelecer a fluência e a excelência sociocomunicativa. As ações humanas são realizadas por meio do paralelismo entre as experiências vivenciadas no passado (anteriores), e, por meio delas, projetam experiências projetadas (posteriores). O uso da língua envolve a memória enriquecida, pois mobiliza as informações sedimentadas, que são matrizes para as mais variadas instâncias de uso.

Para Sampaio (2015), a memória se apresenta em dois tipos: (1) memória de longo prazo; e (2) memória de procedimento (curto prazo). Trata-se, então, de uma habilidade executiva sempre ativa para o desempenho de qualquer atividade, sendo fundamental na percepção sensorio-motora. A retenção, na memória, depende de variados fatores, desde os biopsicológicos até os fisiológicos, porém é efetivada pela rotinização.

A memória de longo prazo é utilizada nas rotinas diárias e nas necessidades cotidianas e acionada com frequência ao ponto de ser sedimentada. Conseqüentemente, o acesso se torna mais rápido quando é mais veloz, mais automático, mais imediato, mais preciso e mais necessário para a resolução de situações instantâneas.

Por outro lado, a memória de procedimentos é usada em situações específicas, não sendo tão rotinizada e potencialmente automatizada. Essa memória de curto prazo pode ser estocada e associada às matrizes sedimentadas. Ela consolida os conhecimentos e favorece o processo de associação de categorias.

Mesmo sendo uma capacidade individual, a memória enriquecida tem elementos constituídos coletivamente. É constituída por arquétipos, isto é, padrões compartilhados por membros de uma comunidade, sedimentados sócio-historicamente, que interferem, principalmente, na elaboração do imaginário coletivo. Esses arquétipos influenciam as ações individuais cotidianamente, muitas vezes de maneira automatizada, pois são modelos abstratizados e coletivamente compartilhados.

Quando se faz referência a “um cachorro”, por exemplo, as imagens associadas envolvem as acepções “melhor amigo do homem, fiel e companheiro”, as quais estão armazenadas na memória coletiva e compartilhadas pelos membros da comunidade. Os arquétipos são imagens primordiais, armazenadas na memória de longo prazo, formando o imaginário historicamente vivenciado de geração a geração. Assim, essas imagens primordiais fornecem significados básicos para as palavras e frases que usamos cotidianamente.

Bybee (2010) argumenta que o acesso à memória enriquecida é por via de mobilização de feixe de exemplares na língua, acoplados de conhecimentos de uso linguístico, com detalhes da experiência do falante. É *enriquecida* porque contém detalhes de toda o inventário linguístico, da fonética, da fonológica, da morfológica, da sintaxe, de significados e do contexto sociointerativo.

O *padrão construcional* se constitui via armazenamento na memória enriquecida. O padrão concentra as propriedades da língua, equacionando diferenças e semelhanças. Ele fornece subterfúgios para a memória enriquecida e manifesta a previsibilidade. Essa ação aciona informações armazenadas para o acesso mais fluído da produção-compreensão da construção. Logo, a *previsibilidade* é necessária para a sociointeração e para a execução das atividades humanas.

Langacker (1987) destaca que a *generalização* é resultante de acesso à memória, e a produtividade das expressões linguísticas é baseada em um conjunto de exemplos disponíveis na gramática da língua. A previsibilidade favorece a eficiência sociocomunicativa, pois os exemplários são complementados por efeito *priming*. Os usuários da língua têm na memória enriquecida exemplários pré-fabricados, que servem de encaixes para palavras e frases.

Ainda, Bybee (2010) afirma que o papel da imitação é importante para o fortalecimento da memória enriquecida e, conseqüentemente, para a constituição da língua. Historicamente, a imitação sempre foi vista como um processo inerente às espécies. Na sociedade humana, a vida social é repassada de geração em geração via ações imitativas, a partir da elaboração de hábitos rotinizados e previsíveis.

Para Meltzoff e Moore (1999), a imitação é orientada pela intencionalidade, que consiste em um processo de emparelhamento dirigido ao alvo. Na fase de aquisição da linguagem, o usuário da língua desempenha a capacidade de organizar ações com base em representações armazenadas de eventos ausentes.

A imitação permite perceber e emparelhar os movimentos corporais e fonético-fonológicos a partir de um modelo exemplar. Para os autores, esse processo demonstra equivalências intermodais, pois a capacidade imitativa não pode ser considerada isolada, mas sim inserida em um panorama da capacidade humana. Os usuários da língua retêm propriedades da forma e do significado contextualizadas em situações de uso da língua. Assim, a ativação da construção reforça a retenção na memória, acumulada como um todo interconectado em uma rede construcional.

A construção linguística pertence a um feixe de exemplários, imbuídos de significação e provenientes de experiências cotidianas. Cada experiência tem efeito extensor na estocagem da memória e na organização linguística. A combinação de construções demonstra categorização e previsibilidade, nas quais ocorrências semelhantes se agrupam em blocos, formando exemplários para outros usos da língua, motivados pela necessidade sociointeracional.

Assim, a construção existencial, no português, por exemplo, é um padrão construcional disponível na gramática da língua. É um exemplar abstrato que comporta propriedades gramaticais e discursivas agrupadas na memória dos usuários, de maneira que a estocagem envolve a associação ao significado construcional.

Na instância de uso, os conhecimentos linguísticos e contextuais são acionados, favorecendo a compreensão da sequência enunciativa. Esse processo corrobora com a produção, recepção e compreensão das instâncias, pois qualquer falante do português reconhece a construção existencial na sequencialidade, como neste exemplo:

*(7) Bom, é claro que **há médicos falsos**, mas também **há economistas falsos** que até vão para a cadeia, **há testemunhas falsas** cujos testemunhos são aceites pelos juristas nos tribunais, e isso não invalida nem a justiça dos tribunais, nem a seriedade dos economistas, nem a seriedade dos médicos. (Corpus CRPC, Portugal Only)*

Pelo exemplo (7), os usuários da língua reconhecem a construção existencial pelos detalhes de forma e de significado armazenados na memória. Nas situações de interação verbal, os falantes acessam esquemas mais frequentes na comunidade linguística. Quanto mais as usam, mais sedimentam na memória as propriedades gramaticais e discursivas. O grau de experiência com a língua provoca o reconhecimento de exemplários linguísticos de modo eficiente, fluído e automatizado, visto que a fluidez, na interlocução, é uma estratégia necessário na interação verbal (NEVES, 2010).

A produção e a compreensão de porção linguística pelos falantes demonstram a experiência armazenada na memória dos usuários da língua. O armazenamento ocorre por agrupamento das propriedades gramaticais e discursivas compartilhadas na comunidade linguística. Esse processo de produção, recepção e compreensão da construção, em contextos de uso, exhibe a previsibilidade e a automatização. Ela, também, favorece o acesso aos conhecimentos provenientes de uma moldura básica, do *frame*, discutido no próximo subtítulo.

### 1.2.3. *Frame*

A construção tem traços que remetem a uma experiência sensório-motora. Nesse sentido, a Semântica de *Frames* parte da concepção de que a base do significado é a experiência sensório-motora no ambiente sociofísico. Dessa relação, o conhecimento é constituído e compartilhado pelos usuários da língua. Palavras, frases e construções são pontos de acesso para o significado base e para a representação de uma cena conceptual.

Na plataforma digital, *FrameNet Brasil*<sup>2</sup>, o lexema “existência” tem a acepção de entidade declarada como existente, independentemente de ser especificada. Esse lexema evoca significados relativos aos domínios de *tempo*, *duração*, *finalidade inerente* e *estado*. Esses significados são contrastados com o de *presença*, que descreve a existência de uma entidade em um contexto espaço-temporal particular (e relevante) e implica a presença de um Observador, que pode detectar a existência de uma entidade.

A palavra “existência” é composta dos termos latinos “*ex*” e “*sistentia*”; esse último significa *estar*, *permanecer* e *se manter*. Nesse sentido, existência significa “o que se mantém, permanece, exterioriza”. Comumente, considera-se existência um estado. Na interação verbal, a construção existencial constitui uma *inserção* de uma entidade na sequência enunciativa. Esses conhecimentos são tributários de uma cena conceptual.

Fillmore (2006) afirma que as palavras são caracterizadas com base nas experiências abstratizadas conforme as demandas da vida cotidiana. Essas são representadas por *frames*, que são representações de situações prototípicas. Um *frame* é evocado pelo verbo e pelo item lexical e possibilita o acesso à cena experiencial básica, mesmo não sendo um processo consciente ou controlado pelo falante, visto que está armazenado na memória.

A construção se instancia com itens lexicais, pontos de partida para a interpretação, pontos de acesso ou *links* às cenas experimentadas. Qualquer significado interpretado é associado a uma experiência humana básica, e a construção linguística acessa as cenas compartilhadas pela comunidade linguística. Goldberg (1995) afirma que as cenas são provenientes de experiências corporais e os itens linguísticos configurados a partir de elementos sensoriais, contendo vestígios da experimentação visual, auditiva, olfativa etc.

---

<sup>2</sup> *FrameNet Brasil* é um laboratório de Linguística Computacional sediado na Universidade Federal de Juiz de Fora. A missão é desenvolver soluções computacionais para a Compreensão de Língua Natural, com base na Semântica de *Frames* e na Gramática das Construções. <https://www.ufjf.br/framenetbr/> .

Em alusão à Gramática de Casos, os papéis temáticos ou traços semânticos advindos da estrutura argumental são elementos da cena experiencial. Fillmore (1995) afirma que os papéis temáticos são, na verdade, bases epistemológicas, com conhecimentos interligados em rede de experiências, onde um conhecimento acessa outros, alinhados em uma moldura básica (*frame*).

O *domínio existencial* é um *frame* que comporta um conjunto de experiências compartilhadas pelos usuários da língua. É um domínio porque inclui conhecimentos diversificados na sua constituição. Costa (2018a, 2018b) afirma que a cena básica remetida por esse domínio tem elementos fundamentais: *Observador*, *Entidade Focalizada* e *Campo Visual*.

A cena básica do *frame* do domínio existencial é constituída por esses elementos. O *Observador* representa um sujeito cognoscente. O *Campo Visual* corresponde à totalidade horizontal acessível ao *Observador*, inclusive o interno, e representa o espaço-tempo. A *Entidade Focalizada* apreendida pelo *Observador* recebe o *Fluxo de Atenção* que conduz à atenção do interlocutor para ela. Discursivamente, a inserção da entidade se empenha na sequência enunciativa.

No *frame*, a percepção do *Observador* se volta para a *Entidade Focalizada*. A função primordial da construção existencial é a inserção dessa entidade no plano discursivo. O *Campo Visual* é o contêiner espaço-temporal, codificado na expressão locativo-temporal. E o *Observador* é o locutor que detém a fonte do conhecimento.

A partir dos princípios da Semântica de *Frame*, consideramos, então, o *frame* do domínio existencial um padrão abstrato, ao qual as expressões linguísticas estão ligadas, perfilando a acepção de *existência*. Esses conhecimentos são a conceptualização da cena experiencial humana.

Lakoff e Johnson (1980) argumentam que os domínios são definidos como versões de imagens que representam experiências corporais vivenciadas. Por conseguinte, o domínio existencial diz respeito à constatação da existência da *Entidade* pelo *Observador*, não mantendo nenhum compromisso ontológico com esse conhecimento. O usuário da língua, ao instanciar a construção existencial, demonstra, assim, seu engajamento com o dito.

A Semântica de *Frames* atribui importância aos conhecimentos implícitos, pois esses conhecimentos operam nos processos semânticos de inferenciação, básicos para a abstratização. Com relação à construção existencial, a inferência recai, então, na *Entidade Focalizada*, codificada no sintagma nominal inserido no plano discursivo. Quando a

*Entidade Focalizada* é inserida, abre-se um *link* para o acesso aos conhecimentos diversificados.

Nesse aspecto, o conhecimento de mundo é imprescindível para a produção, recepção e compreensão de uma construção linguística. Para Fillmore e Kay (1995), o *frame* é o que permite explicar porque a interpretação de um enunciado envolve mais informações do que aquelas diretamente codificadas na sequência enunciativa.

Os conhecimentos acionados a partir da construção são provenientes da cena experiencial e estão integrados na elaboração de significados. O significado de existência, segundo Lyons (1977), é constituído com base na noção de espaço-tempo. Givón (2012) também afirma que *existir* só é possível pelo espaço e pelo tempo. Essas noções constituem o domínio existencial e contribuem para o acesso aos conhecimentos que identificam a *Entidade Focalizada*. Essa identificação não, necessariamente, exige uma expressão espaço-temporal.

Os interlocutores podem acessar à *Entidade Focalizada* em diferentes graus de compartilhamento de conhecimento entre os interlocutores, não cabendo estritamente ao *Campo Visual* da cena conceptual definir a identificação dela. A construção existencial no português pode envolver a noção de locação, mas não deriva dessa noção, do mesmo modo que não deriva da noção de posse. Isso contraria Avelar (2004, 2007) e Gonçalves (2012, 2014), para quem a construção existencial deriva da oração possessiva.

A constituição semântica de *existência* e a de *posse* são diferentes. O *frame* do domínio existencial e do possessivo resultam da experiência sensório-motora direta do ser humano com o meio ambiente, armazenada na memória enriquecida. No domínio existencial, a calibragem perceptiva é direcionada para a *Entidade Focalizada*, e essa é contida em um espaço ou em um tempo. Essas noções contribuem para a identificação ou para a individualização da entidade, conforme Givón (2012), como mostram os exemplos:

(8) *Sr. Secretário de Estado, isto significa que o Governo **tem** uma política casuística, uma política em função de critérios de oportunidade, com o que isso traduz em instabilidade para a actividade económica. (Corpus CRPC, Portugal Only)*

(9) *No bosque **tem** pássaros, seu canto vos detém e vos faz enrubescer. **Tem** um relógio que não toca (...). (Amostra não sistematizada)*

No exemplo (8), no domínio de posse, a calibragem perceptiva é direcionada para a ação do possuidor e pode ser restrita ou limitada. Dessa maneira, *ter* algo já vem inferido

que existe ou existiu. Por conseguinte, *existência* e *posse* projetam esquemas diferentes com calibrações perceptuais. Assim, Fillmore (1995) afirma que diversos conhecimentos estão implicados na elaboração de um significado em *frames*, estes que viabilizam o armazenamento e o compartilhamento das construções linguísticas.

O conhecimento compartilhado é exigido para a interpretação da construção existencial, pois a inserção da entidade no discurso pode ou não acionar conhecimentos do *Campo Visual*, espaço-tempo, como no exemplo (10):

(10) **Existe livros** na biblioteca da faculdade... (Fala goiana, feminino, 20 anos)

No exemplo (10), a constatação de que existem livros se apoia na informação “na biblioteca”, que aciona o *frame* existencial. O conhecimento compartilhado é acionado pelos itens lexicais instanciados na construção. Nesse exemplo, o locutor e o interlocutor compartilham o conceito de “livros”, assim como o de “biblioteca”, logo compartilham informações relativas à rede de ações que se passa no espaço biblioteca.

Na instância de uso da construção existencial, os elementos linguísticos projetam o *frame* existencial. A *Entidade Focalizada* inserida pode representar graus variados de compartilhamento de conhecimentos entre os interlocutores. O *Campo Visual* da cena conceptual é utilizado para a identificação da entidade, porém a ancoragem na noção espaço-tempo não é exigida na codificação da construção existencial. Essa possibilidade é instaurada, no português, pelo subesquema de inserção de entidade, como neste exemplo:

(11) **Existe um filme** chamado “Rubber”, que é sobre um Pneu de carro que ganha vida e começa a matar pessoas. (Amostra não sistematizada)

Nesse exemplo, não ocorre uma expressão locativa-temporal, instância de uso do *subesquema de inserção de entidade*. A identificação da entidade inserida é desenvolvida na sequência enunciativa e demonstra que esse subesquema da construção existencial dispensa a noção espaço-tempo. A identificação da entidade é estabelecida por outras porções do texto, como seu nome “Rubber”.

A partir do conceito de *frame*, considera-se a construção existencial associada ao domínio existencial, um *frame* que conjuga conhecimentos relativizados à cena da

experiência humana. Os significados dos itens lexicais são vinculados aos elementos do *frame*, pois são pontos de acesso a esses conhecimentos.

Na construção existencial, o sintagma nominal é o núcleo informativo e detém a carga referencial genérica ou não individualizada. Duas possibilidades de interpretação se abrem: (1) o locutor conhece as características individualizantes da entidade inserida; (2) o locutor generaliza a informação inserida para ampliar o âmbito do núcleo informativo. A codificação da *Entidade Focalizada* se faz, em geral, pela construção nominal artigo def. indef. + substantivo ou por substantivo pouco referencial, como mostra o exemplo:

(12) *O Sr. Deputado estará de acordo que neste momento em Portugal se vive uma situação anómala quanto à situação das ordens, **há uma norma constitucional** da qual a lei ordinária não tirou as implicações práticas. A Ordem dos Engenheiros tem um artigo verdadeiramente abstruso que prevê a sua alteração mediante referendo da classe, obrigando o Governo a alterar o decreto-lei [...]. (Corpus CRPC, Portugal Only)*

Em (12), a instância de uso associa-se ao domínio existencial, delineada pelo *frame* que fornece os elementos *Entidade Focalizada*, *Observador*, *Fluxo de Atenção* e *Campo Visual*. É possível relacionar expressões linguísticas às informações que remetem a esses elementos do *frame*. O locutor, por exemplo, corresponde ao Observador; “uma norma constitucional” acessa a Entidade Focalizada; e “em Portugal” representa o Campo Visual. O agrupamento desses elementos viabiliza a interpretação da construção existencial, que, de certa maneira, representa a cena básica de experiência.

O domínio existencial é uma teia de conhecimentos compartilhados pelos usuários da língua. Esses conhecimentos se atualizam na expressão linguística. O princípio cognitivo *frame* fundamenta a análise da construção existencial, pois demonstra os acessos aos conhecimentos que viabilizam a informatividade da construção. Os conhecimentos compartilhados e a *previsibilidade* promovem o uso. Isso facilita o processamento da sequencialidade enunciativa e deixa vestígios na memória.

A construção existencial potencializa a capacidade humana de previsibilidade, uma vez que a construção é um bloco único processado automaticamente. Assim, essa previsibilidade favorece a produtividade e a eficiência comunicativa, visto que demonstra o acionamento integral dos componentes gramaticais e discursivos na produção e na recepção.

No próximo subtítulo, discutem-se os pressupostos gramaticais para o estudo da construção existencial no português. Destacam-se a *arquitetura construcional*, a *esquematicidade*, a *produtividade* e a *composicionalidade*. Esses pressupostos são operacionais para a descrição e análise da construção existencial, porque exibem a integração das propriedades gramaticais e discursivas.

### 1.3. Pressupostos gramaticais

A abordagem construcional vai de encontro aos modelos componenciais. Esses modelos não abarcam os fenômenos linguísticos de maneira plena, pois explicam as relações gramaticais provenientes diretamente de itens lexicais tomados isolados. Por outro lado, na perspectiva construcional, os itens linguísticos isolados, no léxico, são associados às construções maiores, que incluem elementos contextuais, cognitivos e gramaticais de ordens diversas.

Traugott e Trousdale (2013), Goldberg (1995, 2009, 2019) e Croft (2001) afirmam que a construção é um pareamento de forma e de significado convencional e simbólico. Na gramática das línguas, o significado construcional tem um escopo maior que os significados lexicais. A gramática é holística e nenhum componente é autônomo ou nuclear. Nela, há modelos que concentram propriedades capturadas por outras microconstruções. Esses modelos são nós na rede construcional da língua, isto é, matrizes centrais que abarcam um maior número de outras microconstruções (HUDSON, 2007).

Ademais, a gramática é um resultado de conceptualizações, de como criamos categorias e estabelecemos semelhanças entre as coisas. Para Traugott e Trousdale (2013), as propriedades gramaticais são *traços* de uma construção, que se revelam em conjunto nas instâncias de uso. Por isso, no arcabouço da Gramática de Construções, há pressupostos operacionais que favorecem a descrição e a análise linguística.

Os pressupostos selecionados para o estudo da construção existencial no português são: (1) *arquitetura construcional*, (2) *esquematicidade*, (3) *produtividade*, (4) e *composicionalidade*, nos termos de Croft (2001), Goldberg (2003, 2009) e Traugott e Trousdale (2013). Esses pressupostos são operacionalizados neste estudo, visto que exibem o processo de fusão de significados e a integração radical das propriedades do polo da forma e do significado.

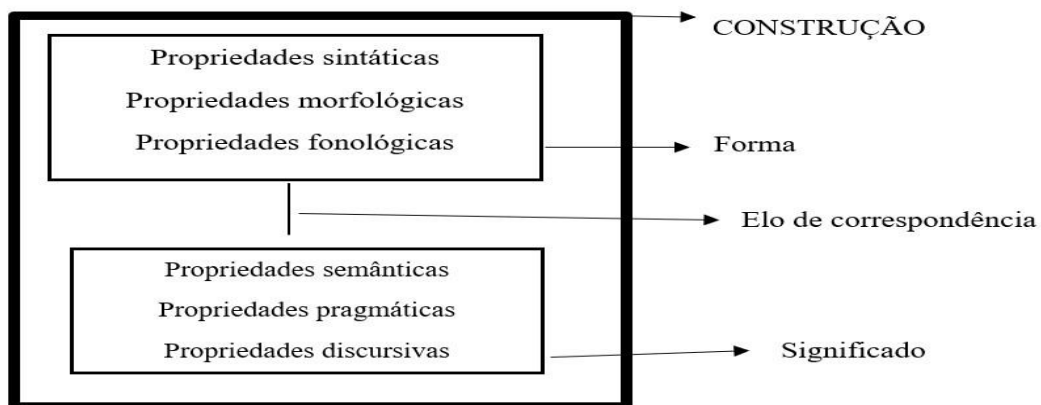
### 1.3.1. Arquitetura construcional

No modelo de Croft (2001), o termo “construção” é utilizado como uma unidade simbólica convencional, vista como um padrão rotinizado (unidade) e empregado na comunidade de usuários da língua (convencional). Isso significa uma oposição aos modelos modulares da gramática, nos quais os itens linguísticos atuam isoladamente para a composição de um significado. A abordagem construcional trata a gramática não só na sintaxe, mas oferece um modelo uniforme de representação gramatical que radicaliza o princípio da Linguística Funcional da integração de componentes, de acordo com Givón (1979), Beaugrande (1993), Halliday (1994), Dik (1997) e Neves (2006, 2010).

O modelo de gramática de construções proposto por Croft (2001), por exemplo, é autodeclarado radical e se fundamenta em quatro pontos: (1) as categorias gramaticais (classe de palavras e funções sintáticas) não são primitivas, e sim construções específicas; (2) as construções são as unidades básicas de representação sintática; (3) as relações sintáticas como entidades independentes da construção não existem; (4) as construções são específicas de cada língua.

Croft (2001) alega que a noção de construção traz como consequência a representação uniforme de todos os tipos de estruturas gramaticais: palavras e regras sintáticas e semânticas. Nessa proposta, a construção se constitui de multicamadas e exhibe as dimensões da forma (fono-morfo-sintaxe) e as do significado (semântico-pragmático-discursivo).

Para Traugott e Trousdale (2013), as propriedades são traços da construção, sendo, necessariamente, salientes do ponto de vista cognitivo para o falante em dado momento. Por conseguinte, as dimensões da forma e do significado não são deriváveis da combinação das partes de componentes. Segundo Croft (2001), a noção de construção na gramática é bastante ampla e pode representar qualquer aspecto morfossintático, semântico e pragmático ou discursivo. Sua interpretação parte do elo de correspondência que envolve os processos cognitivos e as interferências contextuais. A arquitetura da construção proposta por Croft (2001) é exibida nesta figura:

**Figura 2:** Modelo de Croft (2001).

Fonte: Adaptada de Croft (2001, p. 18)

Na Figura 2, as propriedades da construção são ligadas à forma, que abrange fonologia, morfologia e sintaxe, e ao significado, que abarca as dimensões semânticas, pragmáticas e discursivas. Croft (2001) explica que o significado é a representação de todos os aspectos convencionalizados da construção e inclui aspectos da situação e do contexto em que o enunciado se encontra.

A natureza multifacetada da construção se materializa nas dimensões físicas da expressão fônica, nos gestos, na prosódia etc. Além disso, as informações sintáticas e as relações hierárquicas e de dependência são realizadas pós-conceitualização vinculada às exigências contextuais e pragmáticas. O elo simbólico entre forma-significado é convencionalizado e interno à construção. As unidades linguísticas são socialmente admitidas e organizadas como unidades simbólicas. Esse elo se refere a usos linguísticos, resultados de convencionalização e da relação entre língua, cognição e contexto social.

Na sociointeração, a inter-relação dessas dimensões motiva a fixação de padrões gramaticais via ritualização (BYBEE, 2010). Por isso, tanto a presença de uma expressão locativa-temporal como a ausência mantêm o significado básico da construção existencial, pois essa construção é instaurada pelo elo simbólico. A seleção do verbo e a ordenação e combinação de sintagma nominal decorrem de motivações semânticas e formais internas à construção. Logo, a fusão e a combinação são fundamentais para o pareamento forma-significado.

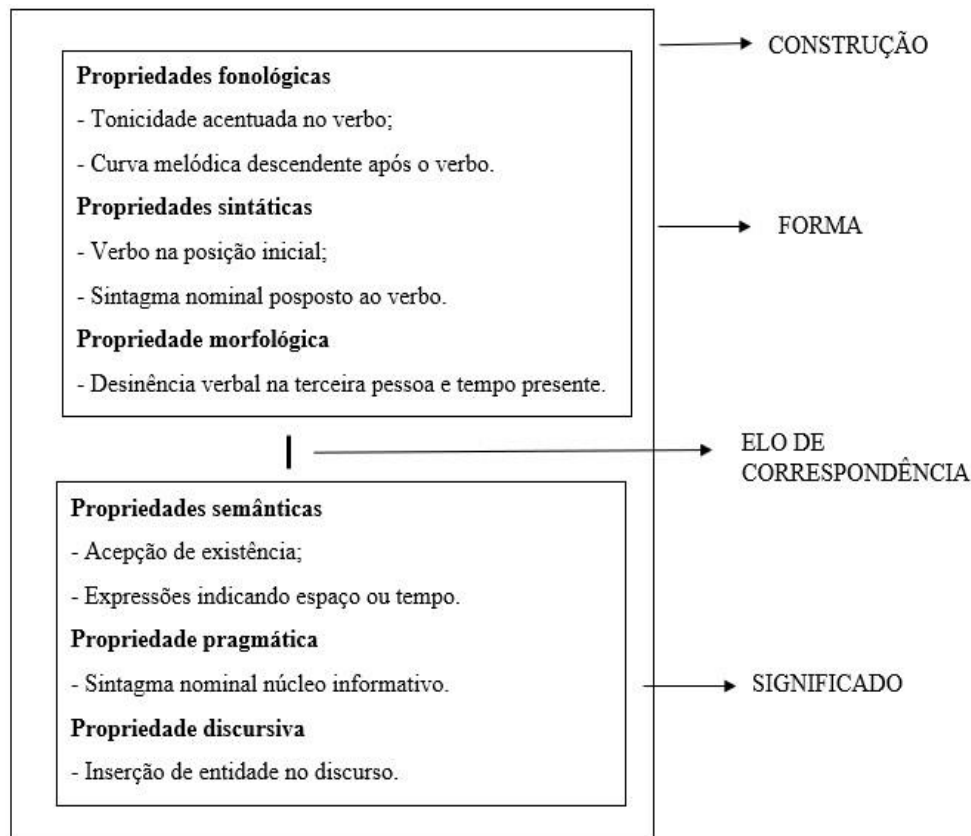
A arquitetura de uma construção é realizada pela pavimentação de um conjunto de propriedades ligadas internamente, edificando um bloco único com multicamadas. As construções linguísticas são padrões que formam um inventário, ou seja, um plano arquitetônico, convencionalizado em cada língua, e constituem uma rede taxonômica.

Na proposta de Croft (2001), todas as categorias linguísticas são tratadas de maneira não reducionista, vinculadas à construção. Cada língua contém categorias específicas e categorias gerais. Há línguas nas quais as categorias gramaticais como tempo, pessoa e modo são manifestadas como nomes, adjetivos ou advérbios, e línguas nas quais essas categorias não se manifestam no nível das palavras.

No plano arquitetônico das construções, as dimensões são altamente complexas, pois envolvem propriedades gramaticais, cognitivas e contextuais diversas. Sua organização segue um conjunto estruturado de conhecimentos linguísticos. Assim, as propriedades sintáticas, morfológicas, semânticas e pragmáticas são alinhadas.

Nesse plano, as propriedades são repartidas por tipos e armazenadas conjuntamente. As peças são dispostas para demonstrar o agrupamento, facilitando captar as trocas de informações entre as partes e o todo. Na arquitetura gramatical, os fatores contextuais e cognitivos envolvem o elo de correspondência simbólica entre as partes. Com relação à construção existencial no português, o plano arquitetônico pode ser esboçado nesta figura:

**Figura 3:** Arquitetura da construção existencial no português.



Fonte: Elaboração própria.

Na Figura 3, as propriedades pareadas da construção existencial no português têm as três dimensões da forma e as três dimensões do significado integradas radicalmente em uma relação produtiva. No português, os verbos produtivos na construção existencial são *ter*, *haver*, *existir* e *ser*, em acepções que perfilam os elementos do *frame* do domínio existencial. Assim, interdependente dos verbos instanciados, o significado construcional é preservado, o que não significa que a escolha do verbo seja aleatória.

Goldberg (1995) afirma que uma abordagem *bottom-up* (item para a construção) e *top-down* (da construção para o item) são aplicáveis. Para a autora, a construção (totalidade) contribui para a semântica dos itens e, principalmente, do verbo. O verbo contribui para o significado construcional, visto que a compatibilidade de um verbo em uma construção determina a atualização do significado, havendo uma espécie de acomodação ao significado construcional.

Para Goldberg (1995), dois verbos podem compartilhar o mesmo significado e o mesmo padrão sintático quando instanciados. A autora apresenta duas motivações para isso:

- 1°. Se a estrutura do argumento fosse projetada exclusivamente a partir da semântica do verbo, precisaria de um sentido verbal especial para cada um dos verbos que instancia a construção;
- 2°. Os aspectos sintáticos relevantes do significado do verbo são como os significados de itens de classes fechadas, isto é, os significados do verbo são *frames*, e os aspectos sintáticos e semânticos são decorrentes desse *frame*.

Os *frames* verbais remetem aos eventos – padrões conceituais relativos às ações, aos processos ou aos estados – e integram um domínio convencional disponível aos usuários da língua. Esse domínio é acionado, na sociocomunicação, via produtividade e previsibilidade e nele se concentram vestígios das experiências humanas.

Com relação à construção existencial, vimos, no subtítulo 1.2.4 (*Frame*) deste capítulo, que essa construção é vinculada a uma cena e os verbos ali perfilados não são exclusivos dessa construção, podendo ser usados em outras situações, com significados diversos. O verbo “ter”, por exemplo, tem acepção de *posse*, e sintaticamente abre duas casas na estrutura argumental, com os papéis semânticos de possuidor e de objeto possuído, respectivamente. Na construção existencial, esse verbo tem outra acepção e sintaticamente não seleciona argumentos.

A análise semântica e sintática, item por item, não favorece a identificação direta e intuitiva do significado do verbo na construção, visto que os significados mais abstratos

não são interferidos pelo significado isolado do verbo. Para Goldberg (2006), o verbo pode até ser reconhecido como o codificador de ações, mas é tributário do significado construcional nas instâncias de uso.

Na arquitetura da construção existencial, o verbo perfila um *frame* básico e evoca, de alguma maneira, um cenário. Nesse cenário, há vestígios da experiência sensorio-motora humana. Goldberg (2009) aponta que a abundância de verbos disponíveis na língua está relacionada à variação de cenários socioculturalmente compartilhados pelos usuários da língua. Assim, os itens lexicais isolados representam vestígios de eventos.

A restrição de verbos na construção existencial se deve ao *frame* convencional, pois o verbo evoca a cena não diretamente experimentada no momento de fala, porém é necessário que ela seja culturalmente convencionalizada. Os significados verbais correspondem ao *frame* que designa um cenário generalizado e, possivelmente, complexo. Os elementos desse cenário formam o domínio semântico da construção.

Goldberg (2013) aponta três aspectos relativos a uma construção verbal: (1) especificidade dos verbos que combinam com ela; (2) restrição à classe de verbos que pode ser integrada a ela; (3) especificidade do modo como o evento designado pelo verbo se integra ao evento designado por ela.

As construções são caracterizadas em termos de tamanho, grau de especificidade e tipo de conceito. Para Traugott e Trousdale (2013), a dimensão do tamanho implica construções atômicas, complexas ou intermediárias. As atômicas são monomórficas; as complexas são unidades compostas de subpartes analisáveis; e as intermediárias estão entre as atômicas e as complexas. Para os autores, o tipo de conceito das construções pode ser de conteúdo (lexical) ou procedural (gramatical). Como procedurais, as construções têm sentido abstrato e contribuem com informações combinatórias de conceitos em uma representação conceptual; já como de conteúdo, as construções podem ser usadas referencialmente.

A arquitetura das construções prevê propriedades como esquematicidade, produtividade e composicionalidade, que se realizam em graus. Salomão (2009) afirma que a análise construcional não trata todas as informações em todos os níveis da arquitetura, porém o ponto de chegada é a constatação de conhecimentos linguísticos estabilizados e públicos. Essa estabilidade é aferida pela instabilidade, resultado das pressões dadas pela necessidade comunicativa (BYBEE, 2010). Assim, a construção existencial no português *funde* propriedades internas e externas, convencionadas na vivência linguística cotidiana das pessoas.

### 1.3.2. Esquematicidade

A esquematicidade envolve abstratização, visto que um esquema é uma generalização taxonômica de categorias. Para Traugott e Trousdale (2013), o esquema é abstrato, um agrupamento semanticamente geral de propriedades procedurais ou de conteúdo. Ainda, é abstrato porque perpassa um conjunto de construções relacionadas em rede construcional.

Nesse aspecto, Traugott e Trousdale (2013) apontam que a esquematicidade tem níveis de generalidade ou especificidade. Na generalização, o conceito mais abstrato é mais inclusivo, por exemplo, o conceito “móvel” é mais abstrato que o conceito “poltrona”. Na especificidade, os conceitos detalhistas são acomodados no mais abstrato. Para Croft (2001), os níveis de esquematicidade da construção variam do mais esquemático a construtos, definidos como:

1. *Esquema*: construções mais genéricas e mais abertas, que enquadram as estruturas complexas de possibilidades infinitas de preenchimento, matrizes definidoras de regularidade no sistema;
2. *Subesquemas*: construções semiabertas e de padrões similares, com particularidades e possibilidades mais específicas;
3. *Construto*: construções empíricas, imediatas no momento de fala, que são cristalizadas ou instanciadas momentaneamente, molduradas na forma e no significado.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a esquematicidade de uma construção linguística está relacionada ao grau em que ela captura padrões mais gerais em uma série de construções mais específicas. Os autores (2013) definem os níveis de esquematicidade em *esquema*, *subesquema* e *microconstrução*.

As microconstruções são instanciadas, no uso, por *construtos*. Construtos (falados ou escritos) são ocorrências empiricamente atestadas, em ocasiões particulares, e produzidas por um falante particular, com propósitos comunicativos específicos.

Traugott e Trousdale (2013) afirmam que as instâncias de uso atendem às necessidades comunicativas específicas ou gerais. Os construtos têm uma grande quantidade de significados pragmáticos, muitas vezes irrecuperáveis fora do momento de fala. Para Bybee (2010), os construtos são eventos de uso que ajudam a modelar a representação mental da língua. A partir dessas definições, consideramos o esquema da construção existencial na língua portuguesa, conforme a seguinte notação:

[(*Exis*) (*SN*) (*loc-temp.*)]

A notação desse esquema corresponde ao *frame* do domínio existencial. O (*Exis*) acomoda o verbo, o (*SN*) é o elemento a ser inserido e (*loc-temp.*) é a expressão locativo-temporal, que é alternativa. Os colchetes externos denotam que o pareamento forma-significado é uma unidade convencionalizada. Nesse esquema, concentram-se as propriedades de forma e significado que são armazenadas e mobilizadas em conjunto.

A propriedade morfológica, como desinência de terceira pessoa e de tempo presente do indicativo no verbo, e a propriedade sintática, como a posição inicial do verbo e a posição posterior do sintagma nominal, são mobilizadas pelos interlocutores automaticamente. Isso favorece a identificação e a previsibilidade dessa construção. É o que exemplificam as seguintes ocorrências:

(13) *Há eleições presidenciais nos EUA, mas também eleições para a Duma na Rússia. Vai ser ainda um ano recheado de eventos desportivos com Jogos Olímpicos e Europeu de Futebol.* (Corpus Português NOW)

(14) *Nos prédios públicos, os cadeirantes encontram dificuldade para entrar até na prefeitura. “Na porta da frente, pela Avenida Afonso Pena, só **tem aquela escadaria**. O deficiente tem que entrar pela garagem”, lembra Joaquim.* (Corpus Português NOW)

Esses exemplos são a sanção do esquema matriz e revelam as informações sintáticas, semânticas e pragmáticas integralizadas nas instâncias de uso. Segundo determinado grau de abstratização, os *slots* são as lacunas preenchidas lexicalmente, item por item, selecionando em grupo irrestrito de palavras. O acesso a esse esquema, pelo usuário da língua, implica o processo de previsibilidade, pois qualquer falante do português identificaria essa construção; porém, os *slots*, no esquema, abrem infinitas possibilidades de escolhas no preenchimento no momento de fala.

O grau de esquematicidade se relaciona aos níveis de generalidade ou especificidade da rede construcional. Esquemas são configurados por espaços (*slots*), sendo que as construções podem ser constituídas de *slots* abertos, parcialmente preenchidos ou inteiramente preenchidos.

Assim, a esquematicidade está vinculada à gradiência e se realiza de duas maneiras: (1) uma escolha mais ou menos convencional é atribuída, com um grau de

convenção da construção mais esquemático ou mais convencionalizado; (2) as distinções hierárquicas podem ser feitas na taxonomia da construção, visto que níveis mais altos comportam mais *slots* com menos restrições de preenchimento, e níveis mais baixos menos *slots* e mais restrições.

O esquema existencial, no português, prevê uma posição fixa ocupada pelo verbo. Além disso, o *slot* do sintagma nominal pode ser preenchido por um ilimitado conjunto de itens lexicais, e a expressão locativa e temporal pode ser opcional, ou seja, explícita ou implícita. Assim, esse esquema tem um grau de virtualidade maior, em que os *slots* estabelecem espaços previsíveis a serem preenchidos, pois um elemento predispõe o subsequente, e a instanciação é apreendida com um bloco informacional único.

A esquematicidade envolve acesso à memória enriquecida. Isso porque os *slots* são possibilidades de escolhas generalizadas, realizadas sistematicamente dentro dos limites discursivos (BYBEE, 2010). No caso da construção existencial, tem-se a propriedade de inserção de uma entidade no plano discursivo. Logo, entram em jogo, via memória enriquecida, rejunctes de cenas e experiências que dão o acabamento à esquematicidade, favorecendo a *previsibilidade* do esquema.

A construção existencial está disponível na mente dos usuários da língua e, quando é acionada por necessidade comunicativa, ativa processos cognitivos diversos, como a perspectividade e a memória enriquecida. Esses fatores são atuantes tanto no seu armazenamento como na sua produção, recepção e compreensão.

A configuração da rede taxonômica de uma construção delinea diferentes níveis de esquematicidade, do maior para o menor grau. Os três níveis se especificam ou se especializam, os quais são definidos como:

1. Nível de maior esquematicidade: esquema abstrato com alto teor de previsibilidade, armazenado na memória enriquecida, sendo um padrão prototípico que preserva vestígios da cena experiencial;
2. Nível parcial de esquema (subesquema): diferentes categorias gramaticais o preenchem, com especificidades na sequência enunciativa;
3. Nível zero: espaços do esquema se encontram totalmente preenchidos, por exemplo, expressões idiomáticas.

Na análise da construção existencial, partimos da ideia de que o esquema matriz é o captador das propriedades do par forma-significado. Isso demonstra processos cognitivos demandados na produção e recepção da construção. Nos níveis abaixo do esquema, o preenchimento parcial se realiza com categorias distintas, como advérbios,

substantivos, pronomes e numerais, e capta as propriedades básicas do esquema matriz – é o caso da função discursiva de inserção de entidade no discurso.

O esquema existencial é mais abstrato, com o nível mais alto da esquematicidade, vinculado à cena da experiência humana. O nível mais esquemático tem atrelada a noção de espaço e tempo, pois essa noção provém da conceptualização do *frame* do domínio existencial.

No nível dos subesquemas, a propriedade discursiva é captada, porém um *slot* é parcialmente preenchido por categorias como substantivos, pronomes e numerais sem expressão locativo-temporal. Na língua portuguesa (nas amostras analisadas), derivam, do esquema existencial, o *subesquema de inserção de entidade* e o *subesquema de ancoragem tempo*, sendo esse último preenchido somente por palavras ou frases designadoras de tempo.

Na análise dos dados (capítulo 4), retomaremos esse pressuposto para demonstrar os níveis de esquematicidade da construção existencial no português. Essa taxonomia parte de *construtos*, materializados e observados em gradiente, desde níveis mais esquemáticos até subesquemáticos dessa construção. Além disso, esse pressuposto envolve a produtividade, que diz respeito, justamente, à extensão de uso da construção. Discutimos no próximo subtítulo.

### 1.3.3. Produtividade

A produtividade de uma construção se relaciona com os usos estendidos a partir dela. Quanto mais usada uma construção, maior sua quantidade de instanciações e maior a sua produtividade. Bybee (2010) argumenta que a produtividade está vinculada às frequências *token* e *type* da construção. A frequência de *token* é a quantidade de vezes que a mesma unidade linguística ocorre em um texto ou contexto, enquanto *type* é número de diferentes expressões de um padrão particular, com possibilidade de escolhas e preenchimentos.

A relação entre (A) frequência *token* (frequência do *construto*) e (B) frequência *type* implica o aumento da (C) frequência de uso e, logo, o aumento na frequência do *construto* (D). O *construto* capitaliza a estratificação e a contabilidade linguística, porém essa superfície topográfica conduz fatores cognitivos, gramaticais e sociointerativos.

Quanto mais se usa uma instância de uma construção, pela repetição, mais rotinizada e automatizada ela se torna. Isso mobiliza os processos cognitivos que subjazem à atualização das propriedades construcionais. O uso é vinculado à rotinização;

assim, mais rotinização e automatização implicam mais disponibilidade nas instâncias de uso. Tal fato amplia a possibilidade de usos de *type* e aumenta a frequência de *token*.

Bybee (2010) afirma que as construções são um emparelhamento de forma e de significado dispostos na arquitetura construcional. Para essa perspectiva, a gramática não contém módulos para cada componente gramatical nem realiza derivações na superfície. Os níveis de abstratização, na gramática, são configurados via categorização de exemplários similares de uso. A generalização ocorre com representação direta do exemplário matriz.

Nesse processo, a frequência de ocorrências (*tokens*) de certos itens em construções (*types*) determina a representação da construção e sua produtividade. Por conseguinte, os exemplares específicos de construções afetam a representação cognitiva e podem se transformar, gradualmente, em outras construções novas.

As construções novas são provenientes de uma construção prototípica, um nó na rede, atualizadas para atender a necessidades comunicativas que exigem determinadas estratégias discursivas. Essas estratégias pressionam a desvinculação de usos estáveis para usos parcialmente convencionais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Ademais, a frequência de *construtos* de construções impacta as categorias formadas pela posição esquemática das construções. A construção existencial, por exemplo, é um esquema com *slots* a serem preenchidos, com a possibilidade de instâncias específicas; ainda, o subesquema de ancoragem de tempo (*[(Exis) (Adv. temp.)]*) é vinculado ao esquema existencial e, com a frequência de uso, estabeleceu-se na gramática como uma porção utilizada para indicar tempo passado durativo.

O esquema, uma vez convencionalizado, serve de modelo para a elaboração de outras instanciações, visto que o aumento da frequência *type* da construção revela a amplitude da experiência dos usuários com a língua. A produtividade destaca processos cognitivos que atuam para atender às necessidades comunicativas. Tanto sincronicamente como diacronicamente, as construções se movem no uso e desempenham total eficiência comunicativa. A repetição e a automação são expedientes para o usuário da língua se apropriar, cada vez mais, da linguagem.

A partir desses pressupostos, admitimos que a composicionalidade é operacional para a descrição e a análise da construção existencial do português. Afinal, as construções são desenvolvidas de exemplários estocados de uso da língua, e essa estocagem se calca na noção de transparência entre forma e significado. Discutimos esse pressuposto no próximo subtítulo.

### 1.3.4. Composicionalidade

A noção de composicionalidade é importante para o estudo da construção existencial, pois se relaciona à transparência entre forma e significado. Isso significa que a arquitetura da construção mantém a aplicabilidade da integração das propriedades gramaticais. Tanto as propriedades de significado (o significado das partes e do todo) quanto as propriedades de forma compõem o todo. Para Langacker (1987), a construção tem composicionalidade, uma vez que a estrutura composicional de suas subpartes fornece pistas para o significado do todo.

Para Bybee (2010) e Goldberg (2009), a composicionalidade revela a compatibilidade ou a incompatibilidade entre propriedades da forma e do significado. O construto é semanticamente composicional, logo o usuário da língua produz uma sequência sintaticamente convencional para o interlocutor. A interpretação é sempre do todo para as partes. Para Traugott e Trousdale (2013), se o construto não fosse composicional, haveria uma incompatibilidade entre o significado dos itens individuais e o significado do todo.

Goldberg (2009) argumenta que a construção amalgama propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas, molduradas em propriedades morfossintáticas e fonológicas. Ainda mais, inclui as especificidades da situação perfilada no enunciado e no conhecimento do contexto de uso. A construção tem a fusão do binômio construção e palavra. Essa fusão se espalha em construções desde lexicalizadas até totalmente idiomáticas e pode ser atômica ou complexa.

Goldberg (1995, 2009) explicita a integração conceptual entre o significado da construção e o da expressão linguística. A fusão se realiza do maior para o menor, e, na estratificação superior, conectam-se as partes isoladas do léxico da língua. A autora, analisando a estrutura argumental, afirma que os papéis argumentais são associados à construção e os papéis participantes associados ao verbo.

Nos termos de Goldberg (1995), o significado construcional resulta da associação entre o significado da construção e o dos itens lexicais que compõem a construção. O significado do verbo não é aleatório, no entanto mantém um significado convencional. A autora apresenta dois princípios gerais, que viabilizam essa fusão entre o papel participante e o argumental:

*I. Princípio da Coerência Semântica:* papéis participantes dos verbos e papéis argumentais da construção devem ser semanticamente compatíveis para se fundirem;

*II. Princípio da Correspondência:* papéis perfilados pelo verbo devem ser codificados por papéis argumentais perfilados (GOLDBERG, 1995, p. 50, tradução nossa).

Goldberg (2006) explica que as palavras contribuem para o significado da oração, mas não são responsáveis por todo o significado. Os significados dos verbos são atribuídos e atualizados nas instâncias de uso. Nesses termos, a autora afirma que os padrões oracionais de uma língua envolvem um verbo principal combinado a uma construção.

Ademais, a construção especifica os verbos que podem ser fundidos a ela. Esses verbos revelam o tipo de evento proveniente da experiência sensório-motora, assim as especificidades semânticas do evento interagem com o verbo.

Goldberg (1995) aponta que o elo simbólico é um dispositivo provedor da integração de forma e de significado. Para Croft (2001), esse dispositivo é interno à construção e envolve processos cognitivos como a analogia, a memória enriquecida e a perspectiva, que, juntos, viabilizam a fusão do pareamento forma-significado, como ilustra a Figura 4:

**Figura 4:** Pareamento forma-significado.



Fonte: Adaptada de Goldberg (1995).

A primeira linha formaliza a semântica da construção e envolve um predicado e argumentos determinados pelo significado construcional. Na segunda linha, os papéis participantes da cena (*frame*) são vinculados à semântica do verbo que participa da construção. As linhas contínuas indicam a compatibilidade semântica e a integração entre o papel participante ligado ao verbo e o papel argumental associado à construção. A partir disso, o elo se codifica sintaticamente.

A fusão entre o significado construcional e o significado lexical se realiza na dimensão cognitiva, linguística e contextual. Goldberg (1995, 2006, 2009) considera que essas dimensões estão imbuídas na construção, e a relação de transparência entre as propriedades pode variar a depender do grau de *composicionalidade* construcional. O usuário da língua assimila a sequência convencional e compreende o significado dos itens individualmente, mas, de início, apreende o significado da construção como um todo.

O significado, aparentemente, pode ser não composicional, item por item, porém o seu acionamento é pelo conjunto significativo. A composicionalidade e a estrutura de uma oração fornecem pontos de acesso para o significado construcional. Esse significado se revela nas propriedades gramaticais, discursivas e contextuais, armazenadas e produzidas juntas. Nos momentos de interação verbal, o locutor aciona esse bloco único para atender às necessidades sociocomunicativas e o interlocutor recebe e compreende esse bloco via previsibilidade e efeito *priming*, como no exemplo (15):

(15) *É curioso atentar nesse quadro que **há um corredor** no longo corredor da morte, o corredor dos sentenciados ou indicados para a morte em África. Normal, perfeitamente normal (de norma) de conduta política em África. Numa pauta, as notas musicais cantam vozes humanas, roucas e abafadas, ritmadas pelo compasso barulhento do sapatear, que vão aumentando de intensidade até a uma cela de morte. (Corpus CRPC, África)*

Em (15), o locutor instancia a construção existencial, sancionada pelo esquema matriz, para inserir uma entidade, “um corredor”, na sequência enunciativa, com intuito de descrever o objeto “quadro”. Na instância de uso, houve a não individualização da entidade inserida, morfologicamente codificada pelo artigo indefinido “um”.

Qualquer usuário da língua reconhece essa porção linguística. Em primeiro plano, há a função discursiva de inserção, que desencadeia o reconhecimento das propriedades semânticas, morfossintáticas e fonológicas, não analisáveis. Para Bybee (2010), esse reconhecimento automático vem das experiências linguísticas dos usuários da língua. Isso demonstra que a construção não é aleatória, mas sim convencionalizada na comunidade de falantes.

A analisabilidade, preceito relacionado à composicionalidade, é gradiente, manifestada quando o usuário da língua reconhece o significado das partes que compõem o todo. Sendo assim, pode-se dizer que a construção existencial é mais esquemática e composicional. Desse modo, os usuários da língua armazenam na memória esquemas que

representam pareamentos de forma e de significado. Esses esquemas são úteis porque viabilizam a estocagem de informações sobre um conjunto de construtos e microconstruções em nó da rede construcional.

A composicionalidade envolve processos cognitivos atuantes intermitentemente para a captação do todo. Um desses processos é a *perspectiva* que obedece às leis de *gestalt*, como da *pregnância*. Nela, a composição da forma tem uma estrutura simples, equilibrada, homogênea e regular, a qual estabelece harmonia e clareza, em vista de uma mínima complicação. Essa lei *gestalt* aciona, também, a *unicidade*, que é a tendência perceptual para o todo – por mais que haja segregação, a unidade é o ponto de partida e de chegada da composição de formas.

Na composicionalidade, atuam as leis da *semelhança*, da *proximidade*, da *continuidade* e do *fechamento*. A semelhança contribui para a unificação dos elementos semelhantes entre grupos. Logo, características idênticas ou próximas induzem à interpretação como pertencentes à mesma família. Com ela, a proximidade orienta a interpretação de elementos próximos como sendo do mesmo grupo, apreendidos com unidades ou partes de uma unidade.

A *continuidade* delinea a composição visual-auditiva sem interrupções, garantindo a fluidez e facilitando a *previsibilidade* em uma continuidade fluida preferível, mais estável e, aparentemente, agradável. Por fim, há o *fechamento* que viabiliza a interpretação de unidades em unidade, buscando contornos para o fechamento de imagens abertas ou vazadas, sendo um processo de harmonização.

Além desses processos cognitivos, a composicionalidade está relacionada à atividade espalhada. Esse fenômeno é um mecanismo neural que permite a ativação simultânea de nós construcionais estritamente relacionados. Bybee (2010) afirma que a ativação espalhada é como um efeito *priming* (pré-ativação). Nesse aspecto, um significado e uma forma mais frequentes são vinculados a um significado e uma forma próximos. A pré-ativação é via semântica para a morfossintaxe e para a fonologia.

A composicionalidade se realiza, também, em *priming*, no qual uma unidade linguística é acessada mais rapidamente se precedida por outra, ligando-se por um feixe da propriedade fonológica, semântica ou morfológica. Esse processamento ocorre no momento de fala e exhibe as motivações contextuais. Assim, os processos cognitivos conduzem a interpretação do significado via pré-ativação.

Esses processos cognitivos envolvem inferências, silogismos e princípio da não contradição – recursos lógicos acionados na comunicação. O usuário da língua produz a

construção, ativando, simultaneamente, os processos cognitivos e lógicos e as propriedades pragmáticas, semânticas, morfossintáticas e fonológicas. Essa ativação é *radicalmente* integral, haja vista a imprecisão de fronteiras entre componentes gramaticais-cognitivos e detalhes do uso em contexto de cultura no momento de fala.

A construção existencial, por exemplo, é um *token* com detalhes fonéticos, fonológicos, morfológicos e sintáticos, variando em menos ou mais específicos, com propriedades pragmáticas e discursivas mais ricas. Na *inserção* de uma entidade no plano enunciativo, entra em jogo o princípio da cooperação que rege as trocas interativas, pois os usuários da língua produzem e compreendem os dizeres, independentemente de conhecerem os detalhes da arquitetura construcional.

No evento de uso, a ativação da memória estimula a coleta de informações, fundamentando-se nos conhecimentos compartilhados. Nesse processo, a construção existencial é composta de vários conhecimentos socioculturais *linkados* aos itens lexicais disponíveis na sequência enunciativa. Com isso, ocorre o processo de *parsing*, que permite diferentes análises *bottom-up* de elementos e porções linguísticas subsequentes.

O acesso às variedades de conhecimentos na construção viabiliza o pensamento analógico. Essa capacidade diz respeito à interpretação de significados por meio da ligação de unidades da rede construcional. Os efeitos disso são a combinação, a equiparação e a equalização das propriedades da construção, uma vez que o pareamento da forma-significado equilibra as incompatibilidades entre as construções disponíveis no inventário da língua. Assim, a construção existencial demanda habilidades cognitivas e se revela na gramática da língua, para cumprir propósitos sociocomunicativos. Essa interface cognição-gramática caracteriza a vivência da linguagem, âmbito da manifestação da potencialidade humana.

#### **1.4. Construção existencial na cognição e na gramática**

A construção existencial é processada na cognição e se revela na gramática. A integralização dos elementos da construção existencial envolve o armazenamento do esquema na memória enriquecida dos usuários da língua. As instâncias de uso são processadas por *priming*, que favorece a fluidez do *construto* na sequencialidade enunciativa. A base para a ocorrência do efeito *priming* é o esquema virtual ativável. Esse esquema é acionado pelo locutor na produção e recepcionado pelo interlocutor.

Outro princípio cognitivo que viabiliza a interpretação da integração dos elementos da existencial é a lei *gestalt* de unidade. A unidade designa a estrutura

possivelmente percebida e interpretada como bloco único, mesmo que seja composta de várias outras subpartes. A percepção humana tende a unificar o objeto-forma, que permite a compreensão de imagens abstratas e o processamento da construção.

Para Bybee (2010), o fato de a construção compartilhar propriedades de outras construções significa que os falantes fazem generalizações sobre as construções. O compartilhamento de propriedades está relacionado à captação de traços pela produtividade da construção.

Segundo a perspectiva construcional, a construção existencial é um esquema virtual disponível na língua. O esquema tem espaços a serem ocupados por microconstruções, pois o *slot* do sintagma nominal é preenchido por um ilimitado conjunto de itens lexicais. Essa esquematicidade envolve processos cognitivos como a generalização e o acesso à memória enriquecida – isso porque os *slots* são possibilidades de escolhas generalizadas realizadas nos limites discursivos da língua.

A noção de esquema abarca uma complexa teia de fenômenos linguísticos e cognitivos. O usuário da língua produz enunciados a partir do acionamento de conhecimentos linguísticos aparentemente estáveis na mente. Esses conhecimentos são de dimensão fonológica, morfológica, sintática, pragmática, discursiva e situacional e envolvem uma gama de processos cognitivos viabilizadores das propriedades.

Para Langacker (2000), as unidades linguísticas produtivas e repetidas são embaladas juntas na cognição e passam a ser acessadas com uma unidade integral. Assim, o acesso ao esquema existencial disponível na mente dos usuários da língua decorre de processos cognitivos diversos como a perspectivação, a memória enriquecida e o *frame*. Esses fatores atuam tanto no seu armazenamento como na produção das informações construcionais. Assim, esse esquema capta as propriedades gramaticais, discursivas e contextuais, sancionadas nas instâncias de uso e materializadas em construtos empíricos na vida das pessoas, como mostram os exemplos:

*(16) As galerias do município estão passando por vistorias para identificar onde **há necessidade de manutenção e de limpeza**. Para aumentar o escoamento da água, os principais córregos da cidade também estão sendo limpos, e sendo trocados em pontos onde houve rompimento ou obstrução. (Corpus Português NOW)*

*(17) **Tem muitos locais** aonde chega muito material na tubulação, o que acaba assoreando os córregos e causando o fechamento das saídas dos tubos. Por isso temos que fazer essa limpeza, para garantir o funcionamento. (Corpus Português NOW)*

Os exemplos (16) e (17) satisfazem propósitos comunicativos específicos, porém as instâncias da construção existencial em ambos os casos se realizam de maneira similar. Ou seja, elas especificam o mesmo esquema construcional: as propriedades morfossintáticas, como a posição inicial do verbo, a posposição do sintagma nominal e o verbo com desinência de terceira pessoa do singular e de tempo presente; as semânticas, como a descrição da existência de algo ou alguém; as pragmáticas, como o núcleo informativo no SN; e as discursivas, voltadas para a inserção de entidade no plano discursivo, que se mantêm independentemente da escolha pelo verbo “haver” ou “ter”. Fonologicamente, qualquer falante do português daria tonalidade acentuada ao verbo.

O acionamento, pelos usuários da língua, das propriedades da arquitetura da construção demonstra *composicionalidade* proveniente da rotinização de uso dessa construção na interação verbal. A construção existencial está disponível no inventário da língua, mobilizada em bloco único, com seus propósitos pragmáticos. O armazenamento na memória do esquema matriz preserva as propriedades convencionalizadas da construção. Ela não é uma construção customizada.

Costa (2019) afirma que a esquematicidade constitui a parte lógica do mundo das mensagens e das representações, porque os esquemas são plataformas que têm a tripla função de serem memória, instrumento de investigação e transmissor de informação. Para o autor, os esquemas são *supersignos*, um todo significativo processado em um só instante de percepção, cometido de informação, e indica nível aceitável de complexidade, inteligibilidade e propagação.

Linguisticamente, a sistematicidade paradigmática aplicada nos *slots* preenchíveis da construção viabiliza a escolha do falante. Isso pressiona o esquema para formar novos esquemas. Assim, padrões esquemáticos podem ser criados, mas também eliminados ou perderem membros (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Segundo Goldberg (2013), o processamento de esquema evidencia a capacidade humana de categorizar exemplares e compartilhar informações, além de cooperar e antecipar os próximos eventos. Por isso, esse processamento tem vários tipos de previsões, claramente vantajosos para os usuários da língua, pois os falantes têm não apenas conhecimento específico do item em expressões particulares, como também um conhecimento esquemático ou generalizado sobre ela.

As ocorrências reais, materializadas empiricamente, são sancionadas ou licenciadas pelo esquema matriz. Os itens lexicais são acomodados ao pareamento forma e significado e associados à construção mais abstrata. Com isso, as generalizações muito

amplas são capturadas pelas construções significativas e abstratas. Ainda, os padrões convencionalizados são mais limitados e capturados por construções mais concretas em vários pontos médios da rede hierárquica (CROFT, 2001).

Os esquemas são nós na rede construcional. As infinitudes de construções mantêm relação parental ou de herança e formam um inventário idiomático. Por isso, pode-se dizer que a construção existencial não é uma derivação sintática das possessivas, copulativas e locativas, como defendem estudos tradicionais sobre o tema. Afinal, a construção tem propriedades específicas na gramática da língua e atende a demandas cognitivas especiais.

A construção existencial é um esquema abstrato, um nó na rede taxonômica do sistema linguístico. Desse nó provêm subesquemas com *slots* parcialmente preenchidos, com nível de previsibilidade variado. Por conseguinte, os subesquemas representam um tipo de captação das características do esquema matriz. Na sanção, feita no uso, revelam-se integralmente as propriedades semântica, pragmática, discursiva, sintática, morfológica e fonológica.

A realização empírica do construto demonstra a compatibilidade entre o significado dos itens individuais e o significado construcional. Os construtos amalgamam as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas, molduradas morfossintaticamente, e as fonológicas. A fusão do binômio construção e palavras espraia em construções atômicas ou complexas.

Sendo assim, nosso estudo sobre a construção existencial justifica a escolha pela perspectiva construcional da gramática, pois esta considera a *radical* integração de componentes gramaticais, discursivos e cognitivos. A gramática é vista como essencialmente simbólica e é, portanto, associada a conhecimentos diversos para a composição de significados.

A partir das discussões empreendidas neste capítulo, a descrição e a análise da construção existencial, no português, pautam-se nos *princípios* e *pressupostos* destacados. Sinteticamente, consideramos que:

1. a construção existencial é processada na cognição dos usuários da língua e envolve princípios cognitivos como perspectivização, memória enriquecida e *frame*, fundamentais para a produção, recepção e compreensão dessa construção;
2. a construção existencial é um esquema altamente abstrato, com distintos níveis de esquematicidade. No nível esquemático maior, o preenchimento de *slots* é abrangente, já no nível subesquemático, o preenchimento é parcial. Além disso, ela apresenta graus de

produtividade e de composicionalidade. Essa construção se revela na gramática com a integração radical das propriedades gramaticais e discursivas;

3. o contexto sociocomunicativo é um fator essencial para a interpretação da construção existencial. A instanciação dessa construção perpassa a intersubjetividade, especialmente a partir de processos de referenciação e de evidencialidade não marcados. O nível semântico inclui as noções de espaço e de tempo. É uma construção produtiva, repetida e automatizada nas situações cotidianas.

No capítulo 2, discutem-se as propriedades gramaticais e discursivas proeminentes da construção existencial nas línguas em geral. O objetivo é depreendermos essas propriedades, a fim de fazermos um estudo aprofundado em relação à gramática do português. A construção existencial, interlinguisticamente, destaca-se diante das outras construções, por sua funcionalidade essencialmente discursiva. Por isso, discutimos as noções de referenciação e intersubjetividade, visto que são basilares para a interpretação da entidade inserida, codificada no sintagma nominal da construção.

---

## CAPÍTULO 2: EXISTENCIAIS NAS LÍNGUAS EM GERAL

---

### 2.1. Delimitação das existenciais

A existencial tem propriedades diversificadas e similares nas línguas em geral, independentemente do tronco linguístico (MCCLOSKEY, 2014). A literatura especializada sobre o tema se concentra na descrição sintática da compatibilidade das orações possessivas, copulativas, locativas e existenciais, considerando a codificação como um resultado derivacional (MORO, 1997; AVELAR, 2007; MCNALLY, 2011; MCCLOSKEY, 2014).

Diferentemente, nesta tese, consideramos que a existencial não é derivada de qualquer outra construção, pois ela atende a necessidades pragmáticas específicas na língua: sua função primordial envolve a ancoragem de conteúdo, a partir da inserção de entidade(s) no plano discursivo.

Para Bentley, Ciconte e Cruschina (2013), nas línguas em geral, a existencial tem uma estrutura linear similar, variando apenas a ordem de alguns elementos. Algumas línguas têm uma ordenação mais ou menos rígida, ou seja, os elementos que constituem o construto apresentam um maior ou menor grau de entrincheiramento. Assim, nas línguas requerentes de sujeito expletivo – por exemplo, no inglês – há a tendência a uma estrutura mais rígida. Para essas autoras, interlinguisticamente, a estrutura linear da existencial é representada pela seguinte notação:

(EXPLETIVO) (CÓPULA) (PIVÔ) (CODA)

Desse modo, nessa configuração, está previsto um elemento expletivo, isto é, um verbo dessemantizado de sua acepção básica, como “*geben*” em alemão e “*ter*” em português, ambos os verbos com acepção de posse. Em algumas línguas, esse esquema prevê um item lexical com acepção exclusivamente existencial – é o caso do nheengatu. A estrutura prevê, também, um pivô nominal retomado ou não na sequencialidade enunciativa e uma coda, que pode ser opcional ou obrigatória a depender da língua. Em algumas línguas, a expressão locativa é opcional, mas, em outras, é obrigatória, como no estoniano e no finlandês. Além disso, há línguas com uma expressão homófona (proforma); por exemplo, no italiano:

(18) *ci sono molte ragazze alla festa.*  
*Pro. for. há/tem muitas meninas na festa.*

(EXPL.) *PROFORM CÓPULA PIVÔ CODA*

No português brasileiro, como apontam Pezatti (2014), Castilho (2014) e Avelar (2006), a construção existencial se organiza a partir de um verbo dessematizado na posição inicial, seguido de um sintagma nominal definido ou indefinido, e pode comportar ou não uma expressão locativo-temporal. É um ordenamento linear similar ao das línguas em geral.

A principal função da construção existencial é discursiva: ela faz a inserção de uma entidade na sequência enunciativa que assevera ou não a existência dela, localizando-a ou contextualizando-a (CRUSCHINA, 2012). O sintagma nominal, na posição pivô, recebe o foco e exibe uma condição de novidade. As existenciais diferem das orações declarativas prototípicas e das orações apresentativas, pois estas se configuram a partir do predicado (verbo) seletor de argumentos, como nos exemplos:

(19) *There is only one even prime number. (Existencial)*

*Existe apenas um número primo par.*

(20) *One even prime number exists. (Declarativa)*

*Um número primo par existe.<sup>3</sup>*

Givón (2012) alerta para o *status* privilegiado da oração principal, declarativa, afirmativa e ativa, como um padrão prototípico básico nas línguas das quais todos os outros tipos sintáticos são tributários. Para o autor, as existenciais têm uma complexidade pressuposicional mais alta no discurso quando comparadas a todos os outros tipos. Essa oração tem um grau de dificuldade de interpretação mais alto, uma vez que o falante pressupõe que o ouvinte compartilha conhecimentos vinculados à entidade inserida, codificados pelo sintagma nominal.

Para Givón (2012), as variantes sintáticas constituem um conjunto de categorias. Os processos de acusativo-definido, mudança de tópico, passiva, pronomes anafóricos, apresentativas e existenciais são incluídos na categoria de orações que envolvem alto grau

<sup>3</sup> Realiza-se a tradução livre dos exemplos de outra língua neste capítulo 2, resguardando as particularidades da língua-fonte e da língua-alvo (português).

de indefinidade dos argumentos, em contraste com a oração básica. Assim, existenciais são um tipo dissidente na gramática das línguas.

Nos estudos sobre o tema, o conceito de definitude irrestrita e o de predicação restrita são utilizados para a identificação das existenciais nas línguas em geral (MORO, 1997; MCNALLY, 2011; MCCLOSKEY, 2014). A *definitude irrestrita*, em algumas línguas, é expressa pelo sintagma nominal que ocupa a posição de pivô.

Na *predicação restrita*, a coda da construção existencial é compatível com uma predicação individual-leve, fazendo uma descrição genérica da entidade inserida em um estágio leve de predicação, ou seja, o espaço ou o tempo.

As propriedades das existenciais revelam a complexidade desse fenômeno presente na gramática e na vivência dos usuários das línguas, visto que a junção de várias propriedades gramaticais e discursivas atua na sua caracterização.

O domínio existencial suscita a relação entre a existência do mundo exterior e os elementos que a representam linguisticamente, isto é, diz respeito à relação entre a referência explícita e a realidade em si. A existencialidade como estratégia discursiva se liga à referência explícita e ao contexto predicativo do dizer, onde a afirmação ou a negação de algo ou de alguém implica descrevê-lo e referenciá-lo.

Na literatura sobre o tema, a noção de existência é atrelada à de espaço e à de tempo, como apontam Lyons (1977), Clark (1978), Milsark (1979), Givón (1989), Freeze (1992), Trask (1995), Hazout (2004), Benveniste (2005), Avelar (2006), Francez (2007), Perini (2008), Castilho (2014) etc. Independentemente do paradigma, esses trabalhos destacam as representações de espaço e tempo presentes na construção existencial, como nestes exemplos em português:

(21) *Há tanto jeito de resolver as coisas **hoje em dia**.* (Fala goiana, masculino, 25 anos)

(22) *Existe uma cidadezinha **depois do rio**.* (Amostra não sistematizada)

(23) *Tem gente perdida **na rua** [...].* (Corpus D&G)

A ocorrência de expressões de espaço ou de tempo é comum em orações existenciais<sup>4</sup> em português, porém não é uma exigência. Para Costa (2018a), as existenciais mantêm o significado de existência, mesmo não contendo uma expressão locativo-temporal na estrutura linear, como no exemplo (24):

---

<sup>4</sup> Quando empregamos os termos “oração” (unidade sintática), “frase” (unidade comunicativa) e “construção” (par forma-significado), ressaltamos que não são intercambiáveis.

(24) *Se **tem respeito, tem harmonia!** As pessoas precisam entender umas as outras.*  
(Amostra não sistematizada)

Em (24), não há expressões locativo-temporais; nota-se que houve uma inserção de um objeto de discurso no plano enunciativo (a relação de condicionalidade entre respeito e harmonia). Esse objetivo pode ou não ser retomado na sequencialidade do texto.

Pezatti (2014) afirma que, nas existenciais, ocorrem duas funções pragmáticas: (1) função existencial; e (2) função apresentacional. Pezatti (2014) e Viotti (2002) defendem que a função pragmática das existenciais é instruir o interlocutor quanto às entidades presentes na interlocução, inserindo-o. Já a função apresentativa, geralmente, implica retomá-lo ou individualizá-lo com mais precisão, tal como ocorre nas orações declarativas simples, comumente do tipo tópico-comentário.

Com relação ao português, Santos (2019) distingue esse tipo de oração como apresentacional não existencial e apresentativa existencial. As apresentacionais não existenciais, por sua vez, dividem-se em: (1) construção apresentacional focalizadora; (2) construção apresentacional com verbo pleno e sintagma nominal obrigatoriamente posposto; (3) construção apresentacional com verbo funcional; e (4) construção apresentacional não prototípica. Respectivamente, nos exemplos (25), (26), (27) e (28) de Santos (2019):

(25) ***Chegou duas canoa** de... de famílias crente, evangélica de Tarauacá que me conhecia e conhecia ele, né?*

(26) *Eu entrei na sala de cirurgia e só sei disso. Me acordei depois de oito dias... que **deu eclampsia** em mim... até hoje eu tenho a sequela aqui.*

(27) *É... me lembra muito, quando **chega essa época de festa junina**, me lembra muito.*

(28) *De lá de casa pra escola **dá sete quilômetros**... pra ir e é de noite, a aula lá eu não quis ir não.*

Santos (2019) apresenta as características desses quatro tipos. O tipo (1) é constituído de um verbo pleno de ação ou de processo, cujo argumento único, embora posposto, aparece anteposto ao verbo, correspondendo a uma necessidade pragmática de focalização do elemento introduzido no discurso; no tipo (2), o verbo pleno e um sintagma nominal são necessariamente pospostos; em (3), os verbos têm como característica principal a função de inserir no discurso um sintagma nominal, expressando a noção de

tempo; já em (4), o verbo apresentacional existencial é estativo e cumpre a função de apresentar uma entidade como existente no mundo, sendo que o sentido verbal é esvaziado e os seus usos correspondem ao de um verbo existencial.

Santos (2019) afirma que os verbos apresentativos ocorrem em estruturas apresentacionais na ordem V+SN (verbo + sintagma nominal) ou V+SP (verbo + sintagma preposicional), com o papel de apresentador do argumento no enunciado. Os verbos apresentativos servem para introduzir no discurso novas entidades e para focalizar o argumento introduzido, uma vez que a anteposição do verbo evidencia o argumento.

Ainda, segundo Santos (2019), os verbos existenciais são os que cumprem a função básica de inserir no discurso uma entidade como existente no mundo. Já os não existenciais apresentam uma entidade no discurso e predicam o argumento. Diferentemente, consideramos distintas a função apresentativa e a função existencial.

Consideramos os verbos existenciais no português os verbos “ter”, “haver” e “existir”. A relação entre apresentacional e existencial exhibe as diferenças semânticas e, principalmente, sintáticas dos verbos, pois um verbo existencial não predica argumentos como fazem os verbos apresentacionais. Os existenciais pertencem a um grupo restrito, visto que há um número limitado de verbos que pode entrar na construção.

A repartição entre existencial e apresentativa é importante para a identificação dos aspectos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos dos verbos classificados como apresentacionais no português. A noção de apresentação herda da função existencial o recurso de inserção de uma entidade no discurso, viabilizada via semântica e via sintaxe do verbo. Distintamente, as existenciais não mantêm vínculo sintático com o sintagma nominal inserido.

Um dos critérios que identifica e delimita uma construção existencial é a ordem do verbo na oração. Nessa construção, há a junção de várias propriedades gramaticais e discursivas, de modo que atuam em conjunto, como a desinência de terceira pessoa do singular e do presente do indicativo e a possibilidade da expressão locativo-temporal.

Por via do princípio cognitivo da *perspectivização*, ressalta-se que apresentar e inserir são aspectos diferentes. Na apresentação, o foco se concentra estritamente nos atributos da entidade apresentada na sequencialidade enunciativa. A inserção não necessariamente focaliza os atributos da entidade inserida, mas traz para o primeiro plano a existência de algo, de alguém ou de uma ideia.

Kim (2013) afirma que a diferença entre existencial e apresentativa, nas línguas em geral, consiste na configuração sintática. A existencial *insere* uma entidade, afirmando

ou negando a existência, codificada no sintagma nominal, sem vínculo com o verbo. Enquanto isso, a apresentativa fornece uma *descrição* da entidade, estabelecida pela vinculação gramatical entre o verbo e o sintagma nominal, como mostram os exemplos:

(29) "**Há problemas** sim, pois estamos vivos, e se existe vida, vamos celebrar", propôs Vanessa da Mata, no palco da casa Vivo Rio, através dos versos de *Gente feliz (Sinceridade)*, música que lançou em 2017 e que reviveu no bis do show *Quando deixamos nossos beijos na esquina*. (Corpus Português NOW) (Existencial)

(30) A informação tá difundida pra todo mundo, então, **vem a modernidade, vem as facilidades**, mas **vem as mazelas** junto. E essa é uma como a pedofilia pela internet, como outros que ainda vão surgir, né, por aí. (Corpus D&G) (Apresentativa)

Nesses exemplos, a diferença entre existencial e apresentativa transpassa a configuração morfossintática e destaca as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas de cada uma delas. Em (26), o emprego da existencial no texto conduz o Fluxo de Atenção do leitor para a admissão de uma ideia abstrata, genérica e estática, utilizada como pano de fundo para a argumentação posterior. Há, em (27), a apresentação serial de noções desencadeadas em ações subseqüentes causativas, uma ação processual descrita.

Cruschina (2012) aponta que a distinção entre as apresentacionais e existenciais, nas línguas em geral, é uma tendência, pois a expressão locativa-temporal da existencial não descreve a entidade, como ocorre na apresentativa, mas favorece a interpretação da existência da entidade, como apresentam os exemplos:

(31) **C'è tuo fratello** che ti aspetta da un'ora. (Corpus PAISÀ)

*Tem seu irmão que espera aqui por uma hora.*

O exemplo (31) é uma apresentativa na língua italiana; não é existencial, por mais que seja introduzida pela "C'è". Para Cruschina (2012), a expressão "tuo" restringe a informação inserida, e a expressão locativo-temporal "da un'ora" serve para a descrição da situação. A individualização do sintagma nominal ocorre por meio de um pronome de relação "tuo", atributo não muito frequente nas existenciais, segundo Cruschina (2012).

A diferença entre apresentativas e existenciais também é defendida por Hengeveld (1992). Para ele, as apresentativas compartilham algumas características com as existenciais, por exemplo, a posição inicial do verbo. Na existencial, acontece o

espraiamento da noção locativo-temporal. Isso conduz à interpretação dessa expressão como um requisito para a individualização da informação.

A individualização não é recorrente nas existenciais, pois informações podem retirar o caráter de novidade da entidade inserida. Neves (2018) afirma que, no português, o sintagma nominal serve para referenciar qualquer objeto da classe pertencente. Um exemplo prototípico é um substantivo tanto comum como próprio. No português, o substantivo pode ser precedido de um conjunto de palavras, artigo definido (*o, a*), artigo indefinido (*um, uma*) ou pronome demonstrativo (*esse, isso, aquilo, isto*). Assim, nas frases, o sintagma nominal tem como núcleo um nome/substantivo iniciado por um determinante ou especificador.

Com relação à existencial, por exemplo, na oração “Tem uma mulher no meio da rua”, o sintagma nominal núcleo é “mulher”, um substantivo, posposto ao verbo “ter”. Nota-se, nesse exemplo, um determinante, um artigo indefinido que funciona à esquerda do núcleo. Pezatti (1993) verificou que, nas existenciais, o sintagma nominal geralmente é indefinido, e o núcleo é um substantivo com baixa carga semântica e com pouca referência, por exemplo, “coisa”, “pessoas”, “jeito” etc., não individualizado.

Para Koontz-Garboden (2009), nas existenciais, o uso do artigo definido é licenciado se houver um conjunto de conhecimento compartilhado entre interlocutores. A referenciação do núcleo do sintagma nominal possibilita o acesso ao conhecimento compartilhado no momento da interação. McNally (2011) afirma que o mais importante, na existencial, é a função de inserir uma entidade no discurso. Essa função relaciona duas características: (1) a restrição de definição do sintagma nominal não individualizado; e (2) a complexidade dessa restrição, pois os nomes têm propriedades de qualificação, de quantificação e de especificidade para a identificação. Esses atributos são prototípicos do substantivo ou do pronome pessoal.

A não individualização da informação inserida na existencial revela a intersubjetificação como componente atrelado à configuração da frase. Os enunciados intersubjetivos têm graus de subjetificação, uma vez que os usuários da língua elaboram e recrutam o significado para um propósito interativo e o impregna de expressividade. Nessa expressividade, o locutor leva em consideração a hipótese de que o interlocutor compartilha conhecimento da entidade inserida.

O caráter não restritivo do sintagma nominal se torna uma estratégia discursiva do locutor, que, pela informação genérica inserida, cria expectativas na interlocução. Essa

estratégia, tantas vezes repetida na existencial, acoplou-se nessa oração via rotinização. Assim, a condição de novidade está relacionada à intersubjetificação.

As existenciais são específicas na gramática das línguas, e as propriedades morfossintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivas se destacam diante de outras orações da língua, como a oração declarativa, a apresentativa e a locativa (GIVÓN, 2012; CRUSCHINA, 2012). Por isso, a construção existencial é delimitada na gramática das línguas. Ela é distinta de outras orações e específica nas dimensões de forma e significado. Essas dimensões são acionadas integralmente na interação verbal e demonstram graus de entrincheiramento das subpartes das orações existenciais. No próximo subtítulo, destacamos como, nas línguas em geral, revelam-se as propriedades dessa construção.

## 2.2. Existenciais nas línguas em geral

Nas línguas em geral, a existencial se manifesta com propriedades morfossintáticas diversificadas. Abbott (1992, 1993, 1997) e Ward e Birner (1995) argumentam que a propriedade de inserção de entidade é similar. Segundo Ward e Birner (1995), na existencial, o sintagma nominal não pode ser topicalizado, como nos exemplos em inglês (32), catalão (33), espanhol (34) e português (35):

(32) *They told us **there was** a solution, and indeed a solution, there was.*

*Eles nos disseram que tem uma solução e, de fato, uma solução.*

(33) *Pintura, **n'hi ha** dins l'armari.*

*Pintura, há alguns no armário.*

(34) *Ardillas, **hay** en el bosque.*

*Esquilos, existem na floresta.*

(35) *Na área de naturismo – essa parte fica isolada, separada por um portal e sequer se percebe que **há uma área** com essa prática – tudo é muito bem-organizado e respeitado. **Há uma série de normas** para quem optar pela área onde é praticado o naturismo, como não ser permitido a entrada de homens desacompanhados e não praticar atos sexuais, além de outras condutas. (Corpus do Português NOW)*

No exemplo (33), em catalão, a presença do clítico “*n’* (*algum*)” é anafórico de “pintura” e marca, na oração, o deslocamento do clítico na construção. Isso destaca o referente inserido na existencial e pode ser retomado (VALLDUVÍ, 1992). Francez

(2007) explica que, na existencial, o sintagma nominal é um “falso sujeito” genérico e não individualizado.

Esse falso sujeito não seria um constituinte gramatical da existencial, mas sim acionado pelo contexto informacional. Para Francez (2010), a expressão locativo-temporal contribui para o processo de identificação desse elemento e fornece propriedades contextuais específicas para a entidade inserida. A expressão locativo-temporal, na existencial, é um elemento dessa oração, denominado de “coda”; ainda, a sua supressão e a topicalização são possíveis em algumas línguas, por exemplo, português, espanhol, italiano e alemão.

Francez (2010) afirma que espaço e tempo são parâmetros informacionais para a definição do domínio existencial. A vinculação contextual entre a identificação e a expressão locativa-temporal é verificada, por exemplo, na língua tapirapé. Segundo Praça (2009), nessa língua, o núcleo informativo da existencial – o sintagma nominal – vem acompanhado por outros elementos, como expressões adverbiais, partículas interacionais e estrutura básica constituída por predicado, como nos exemplos:

- (36) *Tãw-a*                      *rõ'õ*        *rãka'e*                      *nã=h-er-i*  
*Aldeia-REFER*    *N.ASS*    *P.REM.N.A*        *não=3.II-nome-NEG*  
*“a aldeia (parece) não tinha nome” (lit. a aldeia (não existia) o nome dela)*
- (37) *Nã-xe=Ø-memyr-i*  
*Não-1sg.II=R-filho-NEG*  
*não tem filhos (lit. meu filho (não existe))*

Nessa língua, as existenciais são formadas, basicamente, por núcleo lexical. De acordo com Praça (2009), esses elementos podem vir acompanhados apenas por expressões adverbiais ou demonstrativos espaciais, configurando dois tipos de existenciais: um tipo no qual ocorre a inserção do objeto de discurso, sem a contextualização locativo-temporal, ficando essa informação subentendida na frase; e outro tipo no qual acontece a inserção do objeto de discurso e a expressão locativa. Similarmente, o português tem essas duas possibilidades (analisadas no capítulo 4), revelando instâncias do *subesquema de inserção*, como apresentam os exemplos em tapirapé e português:

(38) *Tãpi 'ir*

*Anta*

*anta (lit. anta (existe))*

(39) *Xãwar tãj-pe*

*Cachorro aldeia - LOC*

*tem cachorro na aldeia. (lit. cachorro na aldeia (existe))*

(40) *Ekwe 'y*

*D.E água*

*lá tem água/rio (lit. lá água/rio (existe))*

(41) *Um médico com deficiência seria mais sensível ao sofrimento dos pacientes? Azevedo Neto discorda. Para ele, essa atitude humanista e empática está mais ligada à personalidade do profissional de saúde. "Há médicos e médicas que despertam uma empatia enorme sem nunca apresentar problemas de saúde significativos com eles ou com pessoas próximas. (Corpus do Português NOW) (subesquema de inserção)*

(42) *Brasileiros no exterior marcaram manifestações para este domingo. Há eventos agendados em pelo menos 5 cidades dos EUA, em Portugal, na Suíça e na Holanda, além da Argentina. (Corpus do Português NOW) (esquema matriz)*

As existenciais, na língua tapirapé, demonstram a vinculação ao contexto locativo-temporal – uma informação passível de ser suprimida, como argumenta Francez (2010). O catalão é outra língua que demonstra essa tendência de vincular à existência o contexto locativo-temporal. Villaba (2013) analisa a existencial em catalão e destaca a individualização do sintagma nominal, violando o efeito de definitude. Para a autora, isso ocorre devido a fatores informacionais, pois o sintagma nominal e a expressão locativo-temporal formam um mesmo bloco informativo. A exibição da expressão locativo-temporal pode ser deslocada para a posição inicial, posição não canônica em catalão, como nos exemplos:

(43) *Hi havia el degà, a la reunió.*

*Há/tem o reitor na reunião.*

(44) *A la reunió, hi havia el degà.*

*Na reunião, há/tem o reitor.*

Villaba (2013) afirma que, em catalão, a inclusão do locativo-temporal favorece uma ambiguidade, porque torna difícil distinguir a existencial de uma oração locativa que descreve a localização de uma entidade. Além disso, o sintagma nominal, em catalão, geralmente, é um nome próprio, precedido por um artigo definido e individualizado. Ademais, o verbo pode exibir um gerúndio ou particípio passado. Assim, a presença de um locativo-temporal sugere a inserção, no discurso, de um estado.

Diferentemente, na língua nheengatu, as existenciais são formadas pelos itens lexicais “*aikue*”, “*aiwã*” e “*xukNji*”, conforme Cruz (2011). Eles vêm acompanhados de um sintagma nominal posposicionado e se comportam como núcleo informativo. Desse modo, são itens necessários para instituir uma existencial. Por conseguinte, essa língua tem os seguintes esquemas existenciais:

*aikue* [SN INSERIDO]

(45) *aikue*    *ta-renda*    *tuyu ambira*

*EXIST* 3plE-sítio    *homem. velho. falecido*

*Há/tem sítios dos velhos falecidos.*

*aiwã* [SN INSERIDO]

(46) *aiwã*    *pituna*

*EXISTI*    *noite*

*Há/tem a noite.*

*xukNji* [SN INSERIDO]

(47) *xukNji*    *pukura*

*EXISTCONCR*    *uva.preta*

*Há/tem uva aqui.*

Cruz (2011) afirma que a função apresentativa é predominante na língua nheengatu. Isso significa que há uma vinculação entre o sintagma nominal e um dos itens funcionais, cujas consequências pragmáticas envolvem a determinação da definitude ou a identificação relativamente fraca em nheengatu. Com isso, a tendência pragmática é desfavor da realização de existenciais negadas, visto que os elementos funcionam como núcleo do predicado, sendo hospedeiros dos clíticos de aspecto. Assim, a negação “*ti*” pode ocorrer proclítica ao item funcional existencial:

(48) *ti=aikue*    *patawa*    *ike*

*NEG=EXIST fruta (SN). Bacaba. aqui*

*Não tem bacaba aqui.*

Em nheengatu, segundo Cruz (2011), a negação de existenciais não é comum porque o clítico de negação “*ti-*” estende seu escopo ao elemento existencial, sendo que, em momentos de fala, uma construção sobre a inexistência de uma entidade é realizada por meio de uma construção idiomática com o verbo *maã* “ver” e “ocorrer”. Esse verbo é flexionado para o plural da primeira pessoa “*ya-*” e o objeto vai para a posição inicial.

*[SN]OBJETO ti=ya-maã*

(49) *kuxima relógiu ti=ya-maã*

*antigamente relógio NEG=IplA-ver*

*Não havia relógio antigamente.*

*Lit.: Antigamente, relógio, não víamos.*

Outro ponto destacado por Cruz (2011) é as existenciais com verbo *maã* “ver”. Nelas, ocorrem a justaposição de uma forma de apresentativa, carregando o núcleo funcional do predicado e um sintagma nominal. Para negar a existência de uma entidade, emprega-se o verbo *kapa* “ver”, com objeto tematizado. Por isso, em nheengatu, a ordem prototípica é SVO, mas as existenciais com o verbo *maã* “ver” assumem o valor de existencial, e o sintagma nominal é movido para a esquerda.

Para a autora (2011), as existenciais, em nheengatu, inserem e destacam um referente novo. Os itens funcionais existenciais (*aikue*, *aiwã* e *xukNji*) privilegiam um referente não inserido anteriormente na sequência enunciativa. Assim, é recorrente o existencial *aikue*, com sintagmas nominais nucleados por pronomes e por nomes próprios. Ao contrário, para que o sintagma nominal definido seja utilizado, é preciso ser posicionado e acompanhado de expressão locativa com interpretação da referência.

(50) *aikue yande ike*

*EXIST IPL aqui*

*Tem nós aqui.*

(51) *aikue te paa Barra upe*

*EXIST FOC REP Manaus LOC*

*nhaã waimf irmã Tereza*

*DEMDIST mulher.velha freira Tereza*

*Diz que tem mesmo em Manaus aquela velha Irmã Tereza.*

Similarmente à língua nheengatu, a língua russa forma o negativo de existenciais alterando o verbo, por exemplo, *есть yest* (não é/são), usado em orações afirmativas (no presente). Enquanto isso, o equivalente negativo, *нет nyet* (não é/não), é usado no caso genitivo, como mostram os exemplos de Cruz (2011):

(52) *На улице нет стульев. (na ulitse net stul'yev)*

*Não há/tem cadeiras na rua.*

(52a) *на улице есть стулья. (na ulitse yest' stul'ya.)*

*Há/tem cadeiras na rua.*

Veselinova (2013) oferece um estudo interlinguístico sobre a negação em existenciais. A autora afirma que a negação existencial pode ser formalmente distinta da negação padrão em orações básicas, diferenciando-se, principalmente, no significado. As existenciais negativas constituem uma estrutura gramatical própria, visto que são uma predicação, e o escopo da negação é restrito ao predicado locativo. As línguas em geral têm uma forte tendência de negação especial; isso significa que a existencial negativa exibe um número similar de termos semânticos e morfossintáticos.

O padrão da negação existencial no russo não prevê o sintagma nominal, sendo que algumas línguas têm uma estratégia especial de negação. Veselinova (2013) chama a atenção para as existenciais negativas em uma perspectiva diacrônica, discutindo-as como marcadores de sintagma nominal nas línguas em geral. Esse padrão remete à estratégia utilizada em orações declarativas, nas quais o predicado se realiza por termos lexicais acionados pelo verbo. Assim, a negação recai no verbo.

Para Veselinova (2013), a existencial tem as seguintes características: (1) sintagma nominal não identificado; (2) ordem de palavras diversas; (3) falta de concordância entre verbo e sintagma nominal. Esses fatores tornam a negação de existencial mais complexa nas línguas em geral.

Sobre esse ponto, Stassen (2011) afirma que a negação de existencial se realiza: (i) pela *negação locativa*, empregada em construções com expressões locativas e temporais e com sintagma nominal definido ou individualizado; e (ii) pela *negação*

*descritiva*, usada nas construções com ou sem expressão locativa-temporal e com sintagma nominal não individualizado e genérico. Exemplificam-se esses dois tipos:

(53) *Não há/tem cadeiras na sala para o pessoal ficar confortável [...]. (Corpus do Português NOW) (Negação locativa)*

(54) *Não há/tem soluções para os problemas dessa empresa que vende celulares com preço baixo. (Corpus do Português NOW) (Negação descritiva)*

No exemplo (53), a negação locativa recai sobre o sintagma nominal definido. Isso demonstra que esse objeto não se localiza no espaço expresso na expressão locativa. Já no exemplo (54), a negação descritiva recai sobre o sintagma nominal indefinido e genérico, e, mesmo que seja ausente a expressão locativa-temporal, a negação se aplica ao fato descrito. Desse modo, a negação existencial tem escopos distintos.

A diferença formal na negação existencial também é verificada na língua turca (BHATIA, 2005). Nessa língua, nas existenciais negadas, aparecem a palavra “*yok*” – “não existe” –, como nos exemplos de Bhatia (2005):

(55) *Odada sandalye yok.*

*Não há/tem cadeiras na sala.*

(56) *Sokakta kimse yok.*

*Não há/tem pessoas na rua.*

(57) *Parmağımı kesmedi. (Declarativa negativa)*

*Ele não cortou o dedo.*

A língua turca é aglutinante; isso significa que a gramática expressa sufixos adicionados ao substantivo e ao verbo. A palavra “*yok*” é empregada restritamente nas existenciais (BHATIA, 2005). Os verbos, geralmente, vêm no final da frase, no entanto, nas existenciais negativas, essa posição é ocupada pelo termo “*yok*”, uma forma livre não vinculada ao verbo ou ao substantivo.

A língua kannada, falada no sul da Índia, tem essa similaridade, pois as existenciais são negadas pelo sufixo “-illa”, aparecendo de forma livre em posição final. Diferentemente, em construções declarativas, essa forma é sufixada ao substantivo, como mostram os exemplos de Shidhar (1990):

(58) *Anil ka:le:jige ho:gu-vud-illa*

*Anil não vai / não vai para a faculdade.*

(59) *Khaja:neyalli haNa illa*

*Não há dinheiro no tesouro.*

Nessas línguas, a negação de existenciais é locativa ou descritiva. Já na língua kiowa ou cáuijògà, a afirmação ou negação assevera a ausência ou inexistência de uma entidade. Assim, é realizada pela posposição do item lexical “-he”, empregado em sintagmas nominais incorporados ou não incorporados, para expressar inexistência, como nos exemplos de Stassen (2011) (59) e (60):

(60) *E:go yi: ol è-hé-cel kicoy-ka*

*Há/tem dois pedaços de cabelo na sopa.*

(61) *Kǎyǎ́ háyá á-t’ǎ’-dê nǎ’ pǎy+ hǎ’ gyà-dǎ’-mê*

*Os Kiowas estavam morando em algum lugar e não havia sol.*

A língua kiowa tem similaridade com a turca, uma vez que ambas têm uma palavra especializada para negar orações existenciais. A diferença é que na língua kiowa não se exhibe a negação descritiva ou negação locativa, pois o sufixo “-he” recai especificamente no sintagma nominal, que é o núcleo informativo.

No português, a negação nas existenciais também se realiza com palavras negativas, como “não” e “nem”, posicionadas anterior à oração. O escopo dessa negação recai sobre a informação inserida, asseverando a inexistência de algo ou alguém. Sintaticamente, a expressão negativa não pode ser movida na frase, como mostra o exemplo (62):

(62) *Os velórios são em sua maioria simples. Não só pelo fato de a Vila Formosa ser destino daqueles com menos recursos financeiros, mas também porque nem velório existe direito. A cerimônia com muitos amigos e familiares é restrito para quem morre por causas naturais ou doenças que não sejam a covid-19. Não há muitas flores, homenagens e rezas. Tudo precisa ser feito às pressas, como em uma linha de produção de fábrica.*  
(Corpus Português NOW)

A ordem gramatical nas existenciais é um ponto importante na literatura especializada sobre o tema. Para Bentley, Ciconte e Cruschina (2013), as existenciais têm uma morfossintaxe não canônica, diferindo-se do padrão de frases declarativas ou interrogativas, e expressa a existência de uma entidade na sequência enunciativa. Para as autoras, na ordenação linear das existenciais, o pivô é um sintagma nominal posicionado após a cópula, seguido por uma coda, expressão locativa-temporal.

Segundo Bentley, Ciconte e Cruschina (2013), o pivô é um elemento obrigatório na existencial, nas línguas em geral, podendo haver, também, outros itens lexicais ou gramaticais, como artigo definido, pronomes, clítico, expletivo etc. O inglês, italiano, francês, espanhol e português são línguas que têm essa variabilidade na composição linear da existencial, como explicitam os exemplos:

(63) *There are **some books** on the table. (Inglês)*

*Proforma copula pivô coda*

(64) *Ci sono **dei libri** sul tavolo. (Italiano)*

*Proforma copula pivô coda*

(65) *Il y a des **livres** sur la table. (Francês)*

*(Expletive) proforma pivô coda*

(66) *Hay **unos libros** sobre la mesa. (Espanhol)*

*Verbo.3sg pivô coda*

(67) *Há/tem **livros** em cima da mesa. (Português)*

*Verbo pivô coda*

Além disso, de acordo com Bentley, Ciconte e Cruschina (2013), a ordem linear dos componentes da existencial pode variar dependendo da língua, porém a centralidade informativa está no pivô. A coda pode ocorrer na posição inicial, como no português, no espanhol e no catalão, e rigidamente o pivô pode se apresentar em posição medial, não ocupando a posição inicial, não topicalizado. Diferentemente, na língua japonesa, o pivô ocorre na posição inicial, como mostra (68) (BECKWITH, 2007):

(68) *部屋には空の椅子があります*

*Heya ni wa sora no isu ga arimasu.*

*Cadeira (pivô) na escola (coda) proforma.*

*Há cadeiras vazias na escola.*

As orações, na língua japonesa, não exibem uma ordem fixa das palavras. A variação da ordem está relacionada à estrutura informacional ou ao relevo informativo (BECKWITH, 2007). Sintaticamente, as existenciais, nessa língua, manifestam-se na ordenação linear em que o pivô é anteposto ao verbo. Com relação à língua portuguesa, a possibilidade dessa inversão não existe.

Além disso, os estudos formalistas sobre as existenciais afirmam que o sujeito expletivo, como no inglês e no francês, equivale a um clítico locativo. Na língua italiana, o *ci* é categorizado como um pronome clítico. Esse pronome, na existencial, amalgama-se como o verbo “*essere*”, nas formas *è* ou *sono*. Burzio (1986) considera esse clítico um “vestígio de sujeito” atuando como um expletivo na existencial:

(69) *Il y a eu une réunion. (Francês, amostra não sistematizada)*

*Houve/há uma reunião.*

(70) *C'è un armadio nel negozio. (Italiano, amostra não sistematizada)*

*Há/tem armário na loja.*

Outra característica interlinguística verificada nas existenciais é o comportamento semântico-sintático do verbo. Esse elemento – geralmente, preposicionado – não mantém o atributo de predicador. É semanticamente e sintaticamente decategorizado (VESELINOVA, 2013). É o que acontece, por exemplo, no alemão, em que o verbo “*gaben*”, lexicalmente com acepção de posse, é esvaziado semanticamente, como mostra:

(71) *Es gab ein Kind in dem Garten. (Alemão, amostra não sistematizada)*

*Há/tem uma criança no jardim.*

Na língua alemã, as existenciais são codificadas pela estrutura (*es + geben*). A expressão “*es gibt*” é empregada tanto para o singular quanto para o plural. Schulz e Griesbach (1984) afirmam que a frase afirmativa alemã tem um referente bem evidenciado (*Bezugsglied*). O primeiro elemento predicativo que define pessoa, número e tempo verbal abriga os complementos e o segundo elemento predicativo. Esse complemento verbal ocupa a posição final, definindo a ação ou o estado descrito na oração, como nos exemplos:

(72) *Es gibt ein Buch in meiner Tasche. (Amostra não sistematizada)*

*Tem/Há um livro na minha bolsa.*

(73) *Es gibt viele Leute auf der Party. (Amostra não sistematizada)*

*Tem/Há muita gente na festa.*

Para Schulz e Griesbach (1984), a língua alemã tem um padrão peculiar de frases, diferentemente da maioria das outras línguas anglo-saxônicas. A bipolaridade do predicado transporta conteúdo semântico à oração, uma função formal incorporadora dos elementos da frase. A estrutura básica para a frase alemã é constituída de três campos: da frase, anterior e posterior. Essa estruturação linear é a moldura da oração básica e viabiliza o emprego de “*es*”. Quando o “*es*” vem justaposto a “*gibt*”, comumente abreviado para “*gibt's*”, expressa a existencial no alemão. Trata-se de um verbo com acepção básica de *posse* empregado com significado dissidente do original, como no exemplo (73):

(74) *Es gibt vereinfachtes Verfahren, es gibt einen leichteren Zugang, weniger bürokratie. (Amostra não sistematizada)*

*Existe um procedimento simplificado, existe um acesso mais fácil, menos burocracia.*

Além desses aspectos sintático-semânticos das existenciais nas línguas em geral, outro ponto discutido na literatura é a diferença entre existenciais e copulativas, devido aos traços assumidos pelo sintagma verbal. Clark (1978) e Beaver, Francez e Levinson (2006) argumentam que essas duas orações são distintas em relação à ordem das palavras. Na copulativa, a expressão locativa-temporal e, principalmente, o argumento verbal exibem um contraste entre propriedades semânticas do pivô copulativo e do pivô existencial. Diferentemente, Chung (1987) e McNally (1997) argumentam que a similaridade entre existencial e copulativa é conceitual, pois o sintagma nominal pode ser considerado um complemento na existencial, assim como na copulativa.

Sobre essa relação entre existencial e copulativa, Clark (1978) afirma que, nas línguas em geral, as existenciais raramente têm um verbo e exibem uma forma “homófono” interpretada como predicador. Para Clark (1978), um dos problemas, nos estudos sobre o tema, é a identificação de relações equivalentes entre a existencial, a copulativa e a locativa.

Muitos estudos foram realizados para analisar e descrever essas relações a partir do paradigma gerativo. Esses estudos partem de uma visão derivacional e submissa da existencial no que se refere às outras orações. Para Freeze (1992), a existencial é derivada

internamente da copulativa e da locativa – hipótese que orienta os estudos sobre o tema há mais de 40 anos.

Os estudos sobre as existenciais no português seguem essa tradição irrestritamente. Pesquisadores se voltam, de maneira especial, para a relação entre as orações possessivas, existenciais e copulativas, entre eles Avelar (2004, 2006, 2007), Callou e Avelar (2000), Gonçalves (2012, 2019) etc. Eles argumentam que uma estrutura profunda é originária dessas orações e demonstram que, sincronicamente e diacronicamente, no português, as existenciais são derivadas do mecanismo sintático da estrutura possessiva.

Beaver, Francez, Levinson (2006), no entanto, observam que, nas línguas em geral, as existenciais diferem das copulares canônicas. Esses autores apresentam quatro razões para isso: (1) a ordem das palavras; (2) a seleção de cópulas; (3) as proformas locativas; (4) a concordância verbal como diferença correlacionada. As propriedades semânticas de pivôs e as dos complementos de copulares canônicas são distintas. Assim, frases substantivas são analisadas como pivôs existenciais quando não têm essas propriedades – isso os tornaria, aparentemente, sujeitos.

Francez (2007, 2009, 2010) muda o foco da pesquisa sobre a existência, respondendo à pergunta: que tipo de proposição as frases existenciais expressam? A solução proposta por ele, para essa pergunta, é que as existenciais são proposições dependentes de informações contextuais. O pivô é uma entidade generalizada, enquanto a coda é um modificador que fornece escopo para a contextualização. Koontz-Garboden (2000) afirma que as existenciais são distintas das locativas nas línguas em geral. Para Dryer (2000) e Levinson (2007), algumas línguas não diferenciam formalmente as existenciais das locativas, e a coda é parte constitutiva da oração existencial.

No finlandês, por exemplo, a diferença entre existencial e locativa é a aceção dos itens lexicais dispostos na oração (LINDBERG, 2016). Nessa língua, a morfologia é aglutinante e tem um conjunto complexo de quinze casos. Dentre eles, há o caso *inessivo*, que considera um locativo designativo de uma ação, processo e estado em um local interno. A função sintática é determinada pelas declinações, estando fixada na terminação de cada palavra. A ordem das declinações indica definitude ou indefinitude da palavra, como mostram os exemplos de Lindberg (2016):

(75) *Puutarhassa on kukkia.*

*Há/tem flores no jardim.*

*Literal: Flores está no jardim.*

(76) *Pihalla em poikia.*

*Há/tem meninos no quintal.*

*(literalmente: No quintal rapazes)*

Em finlandês, as existenciais são interpretadas como locativas, não exibindo qualquer distinção entre a acepção de existência e a de espacialização. Não há qualquer mecanismo gramatical que diferencie uma oração da outra, cabendo a interpretação dos interlocutores apoiados pelo contexto situacional. Diferentemente, na língua espanhola, uma existencial é distinta de uma locativa. A existencial tem o verbo “*haber*”, na terceira pessoa do singular, sem sujeito e com presença ou ausência de uma expressão locativa-temporal, como nesses exemplos:

(77) *Hay niños en las calles de la ciudad. (Amostra não sistematizada)*

*Há/tem crianças nas ruas da cidade.*

(78) *Hay hermosas playas en Las Palmas. (Amostra não sistematizada)*

*Há/tem belas praias em Las Palmas.*

Nos exemplos (77) e (78), a existencial em espanhol se configura com o verbo “*haber*” preposicionado, e o sintagma nominal posterior ao verbo, com informação genérica e não individualizada. Lexicalmente, a diferença entre locativa e existencial é o emprego do verbo, pois as locativas ocorrem com o verbo “*estar*”, introdutor de um local e de um estado não durativo. Por outro lado, a existencial com o verbo *haber* indica existência de algo, um estado durativo, além da indefinição da entidade inserida.

A indefinição do sintagma nominal também ocorre na língua grega contemporânea, na qual as existenciais têm o verbo “*υπάρχουν - ypárchoun*” – na existencial, ele tem significado de existência, sem complemento. A entidade inserida é um sintagma nominal em posposição, com acepção de existência de algo ou alguém.

(79) *υπάρχουν παραλίες στο νησί. (Amostra não sistematizada)*

*ypárchoun paralíes sto nísí.*

*Há/tem praias na ilha.*

(80) *υπάρχουν άνθρωποι στο νησί. (Amostra não sistematizada)*

*ypárchoun ánthropoi sto nísí*

*há/tem pessoas na ilha.*

Nas existenciais em grego, o sintagma nominal, entidade inserida, pode ser genérico e sem identificação. Em grego, a afirmação da existencial de A aparece como uma parte de uma predicação, em que se atribui uma classificação genérica de A, sem o propósito de individualizá-la frente a outras.

Na língua pingelapesa, segundo Witzlack-Makarevich (2010), a existencial é uma das quatro estruturas básicas da gramática, e a ordenação do sujeito é pós-verbal e prototípica. A morfologia apresenta muita reduplicação e até triplicação (o radical de uma palavra é repetido de forma exata ou com pequena modificação). As existenciais indicam uma explicação sobre a existência ou não de algo e são representadas por um grupo restrito de verbos, similarmente ao que ocorre no português, em relação aos verbos “ter”, “haver” e “existir”, que, em geral, são acompanhados pelo sintagma nominal indefinido.

Os verbos “*minae-*” (*existir*), “*soh-*” (*não existir*), “*dir-*” (*existir em grande número*) e “*daeri-*” (*existir-durável*) têm um sintagma nominal com propriedades comuns: posição pós-verbal e definitude. Para Byron (2003), esses verbos são, em geral, empregados para inserir, na narrativa, personagens animados ou inanimados já conhecidos.

Na língua suaíli, a morfologia é extensivamente prefixal. Cada substantivo pertence a uma classe distinta, havendo aproximadamente dez categorias de palavras. A partir desse aspecto, a existencial, nessa língua, constitui-se exclusivamente no verbo. O verbo “*kuna*”, por exemplo, além de marcar a existencialidade, tem traços de cópula ou mesmo de uma oração copulativa, como mostra o exemplo de Marten (2013):

(81) *kuna watoto na mitaani.*

*Há crianças na rua.*

(82) *kuna chakula ndani ya chumba.*

*Há/tem comida na sala.*

(83) *kuna watu jijini.*

*Tem pessoas na cidade.*

As existenciais em suaíli têm dois tipos: locativo-possessivas e locativo-cópulas. O primeiro tipo tem uma expressão locativa, enquanto o último tem um marcador de sujeito não locativo, concordando com o verbo. Marten (2013) afirma que a maior flexibilidade da cópula-locativa, em termos de estrutura, resulta no significado

pragmático das existenciais e locativas. Embora as existenciais, em suaíli, envolvam morfologia de concordância, na morfologia locativa é específica (concordância sujeito locativo *versus* cópula locativa/concordância referencial), o que está correlacionado às várias diferenças entre as cópulas e existenciais.

Na língua suaíli, o sujeito e os complementos são alocados nas formas verbais flexionadas, como o marcador de sujeito *ku-* na forma verbal *kulikuwa*. Marten (2013) identifica três tipos de locativas: (1) de proximidade (*pa-*); (2) de distância (*ku-*); e (3) de interioridade (*m-*), como mostram os exemplos do autor:

(84) *M-ji-ni pa-me-ku-f-a wa-tu w-engi.*

*3-town-loc sm16-perf-stm-die-fv 2-person 2-many*

*Na cidade, há mortes de pessoas.*

(85) *M-ji-ni ku-me-ku-f-a wa-tu w-engi.*

*3-town-loc sm17-perf-stm-die-fv 2-person 2-many*

*Na cidade houve mortes.*

(86) *Ki-sima-ni m-na ma-ji.*

*7-well-loc sm18-PossCop 6-water*

*Na rua você tem água.*

Em termos informacionais, as existenciais em suaíli exibem o referente pós-verbal, e, sintaticamente, o sintagma nominal pós-verbal segue imediatamente o verbo e não pode ser omitido. A ordem prototípica em suaíli é SVO e os argumentos podem ser marcados no verbo. Ainda, a ordem das palavras é livre e o foco é tipicamente associado à posição pós-verbal. Outro ponto da existencial, na língua suaíli, é a diferença entre os três marcadores locativos, pois tanto *pa-* como *ku-* são frequentes em contextos expletivos. Na inserção, a forma negativa *hamna* é empregada para expressar significado existencial ou ausência de existência, funcionando como marcador de negação.

Em suaíli, tanto as locativo-possessivas quanto as locativo-cópulas são baseadas na morfologia locativa. No entanto, o marcador locativo se relaciona com a concordância referencial (*-po*, *-ko*, *-mo*). No emprego locativo, a concordância referencial assume uma função específica, não necessariamente anafórica. As existenciais expressam a existência em um local ou, na ausência de uma expressão locativo-temporal, a existência propriamente dita.

A presença da expressão locativa correlaciona a interpretação da oração a uma mais locativa e menos existencial. Isso demonstra a estreita relação entre “existência” e “existência em um lugar” (LYONS, 1977; FREEZE, 1992), uma relação evidente na língua suaíli. Já no português, a topicalização da expressão locativo-temporal conduz a interpretação da existencial como uma locativa, como mostra o seguinte exemplo:

(87) *No Rio de Janeiro tem uma avenida movimentada, tem tudo para comprar e vender, uma verdadeira feira-livre. (Corpus Português NOW)*

A topicalização no português é um atributo da oração prototípica SVO, sujeito na posição inicial, agente, animado. Em (87), a expressão locativa não tem aspectos de sujeito prototípico, pois é não agente, inanimado. Por isso, não assume o papel semântico de possuidor, vinculado à acepção prototípica do verbo “ter”. O valor existencial se preserva, em (87), afinal a topicalização da expressão locativa traz para primeiro plano a informação espacial para contextualizar o sintagma nominal posterior “uma avenida movimentada”.

Os estudos sobre as existenciais em suaíli apontam para diferenças entre as locativas e possessivas, em termos de restrições e de definição do sintagma nominal. Freeze (1992) observa que as existenciais, em línguas SVO, geralmente, estão em um contexto em que a ordem das palavras é a mesma das orações possessivas. Além disso, a indefinição do sintagma nominal, como visto no caso das locativas, é uma característica típica das existenciais (FREEZE, 1992; MILSARK, 1979; LYONS, 1977).

Em parte, essa diferença está relacionada à proximidade funcional entre possessivas e existenciais, evidente na locativo-possessiva em suaíli, pois estas apresentam item locativo, mas não possessivo. Essa diferença se reflete no fato de que *-na* é um predicado, também, em contextos não locativos e em possessivas, enquanto as marcas referenciais locativas *-po*, *-ko* e *-mo* não são empregadas como predicados. Uma segunda diferença entre os dois tipos de construção se refere aos marcadores de sujeitos que as acompanham. O marcador de sujeito na locativa (*ku-*, *pa-* ou *m-*) é empregado em possessivas, com dois usos distintos, podendo ser sujeito gramatical.

A complexidade da existencial na língua suaíli é distinta da língua maori, na qual a existencialidade é constituída com um sintagma nominal e não em torno de categorias verbais. O complexo verbal, nessa língua, consiste em um marcador de aspecto e tempo, e o verbo vem preposicionado, como se pode ver nos exemplos:

(88) *kei kona nga taangata kei te tiriti. (Amostra não sistematizada)*

*Há/tem pessoas na rua.*

(89) *he motuka kei hea nga waahi. (Amostra não sistematizada)*

*Há/tem carros por toda parte.*

Nos exemplos (88) e (89), o elemento nominal indica uma noção de localização possível, sem nenhuma marcação de aspecto. Segundo Harlow (2001, 2015), a existencial se realiza lexicalmente em várias línguas da Austrália e da Oceania, servindo para a inserção do nome na sequencialidade enunciativa.

Uma distinção interlinguística entre existencial, locativa, copulativa e possessiva é apresentada por Kim (2013), que considera “existencial” uma proposição sobre a presença de algo ou alguém no discurso. Os estudos sobre a sintaxe da existencial partem da copulativa, provinda de um tipo de transformação, além das propriedades semânticas do pivô, como copulativas, relacionadas ao efeito de definitude.

Kim (2013) afirma que, com base no inglês, a análise formalista da existencial parte da aceitação de que o *there* seja uma expressão expletiva, motivada pelo princípio da projeção estendida. Para Hartmann (2005), a copulativa e a existencial são diferentes, justamente na extração do sujeito, não havendo paralelismo que implique a derivação de uma existencial a partir de uma copulativa.

A construção copulativa difere quanto às especificações de outras que exigem um sujeito e um complemento. Isso atribui o significado existencial ao verbo cópula “*to be*”, por exemplo. O sujeito não tem potencial referencial nem índice referencial, sendo que as propriedades de sujeito, atestadas interlinguisticamente – tópico, específico, localizado, referencial e animado (GIVÓN, 1989; VAN VALIN, 2005) –, são diferentes nos pivôs existenciais, que não têm essas propriedades.

Beaver, Francez e Levinson (2006) afirmam que as existenciais estão em competição com copulativas, pois os substantivos tendem a ocorrer na posição de sujeito em copulares canônicas, enquanto, nas existenciais, eles ocupam a posição de pivô focalizado. Enç (1991) argumenta que o atributo de identidade ou inclusão é determinante para a definição do conjunto de entidades que pode ocupar o pivô existencial, não sendo uma informação prévia no discurso.

Na língua estoniana, por exemplo, é difícil definir os sintagmas nominais existenciais, porém eles compartilham algumas características formais e informações semânticas (METSLANG, 2012). Semanticamente, a existencial é empregada para inserir

uma entidade em um contêiner espacial ou temporal, a fim de caracterizar o contêiner. A existencial, em estoniano, configura-se a partir da perspectiva do local. Dessa maneira, a localização é mencionada ou inserida no discurso antes da inserção da entidade, e o significado do sintagma nominal se vincula à situação locativa, como mostram os exemplos de Metslang (2012):

(90) *toas on lapsed.*

*Na sala - crianças.*

*Há/tem crianças na sala.*

(91) *Tänaval on inimesi.*

*Na rua - pessoas.*

*Há/tem pessoas na rua.*

Para Metslang (2012), as existenciais em estoniano têm preferência por focalizar a expressão locativa, aparecendo em posição tópica, seguida do sintagma nominal. Nessa língua, as existenciais revelam a possibilidade de o sintagma nominal ser partitivo nas orações afirmativas, ser obrigatório nas negativas e não apresentar concordância com o verbo. No entanto, a língua estoniana tem a possibilidade de alternância de um sintagma nominal por um complemento com propriedade de sujeito. A realização dos sujeitos na existencial é caracterizada pela quantificação do sintagma nominal, porém ele depende, em grande parte, da inclusão, e não da identificação. Por isso, o partitivo representa uma parte de uma entidade inserida, potencialmente maior, que pode existir devido ao limite contextual, como no exemplo do autor:

(92) *Seal mägivad lapsed väljas*

*Lá brincando - crianças - fora.*

*Há/tem crianças brincando fora.*

(93) *On kõrbeteel auto.*

*Um - estrada deserta - carro.*

*Tem um carro na estrada deserta.*

No exemplo (92), uma quantidade não inclusiva de crianças brinca em determinado lugar, mas não se refere à existência de nenhum grupo específico de crianças. Em (93), a informação locativa serve como atributo da entidade inserida. Nesse ponto, a

definição de existenciais em estoniano depende de pressupostos pragmáticos. Para Givón (2012), pressuposto pragmático é o conjunto de proposições léxico-gramatical evocado em uma oração, o qual o falante assume que o ouvinte já sabe ou resgata no momento da enunciação.

Segundo Metslang (2012), a língua estoniana exibe um sistema hierárquico complexo de motivações de caso, e o principal fator de atribuição de caso subjacente a todos os níveis é a definição quantitativa, isto é, a inclusão. Os pressupostos de referentes geralmente são criados no discurso anterior ou quando o falante acredita que o ouvinte os tenha. Na existencial, o pressuposto direto do referente de um sintagma nominal é a determinação do local, podendo ser específico ou não. Assim, a entidade inserida é algo já dito ou que se espera que exista em determinado local. Dessa forma, as possibilidades da interpretação de uma existencial em língua estoniana dependem do sintagma nominal partitivo e do verbo.

É pertinente que se usem os termos nominativos existenciais ou o pivô existencial como uma denominação geral para os sintagmas nominais existenciais. Sendo assim, no estoniano, os subgrupos dos nominativos existenciais envolvem substantivos contáveis singulares, nominativos abstratos, substantivos conjuntos e substantivos no plural. Os sintagmas nominais presentes na existencial são um grupo abstrato, com empregos irrestritos nesse tipo de oração. Isso porque é um *slot* a ser preenchido na organização oracional e porque esses substantivos, geralmente, não são individualizados.

A construção existencial, em suas propriedades gramaticais e discursivas, revela-se na gramática das línguas em geral, com padrões diferentes e similares, desempenhados pelos processos cognitivos. Langacker (2000), Croft (2001) e Fillmore (2006) afirmam que o conhecimento linguístico, codificado em palavras e sintagmas, caracteriza uma língua particular, porém os princípios cognitivos transpassam a condição humana.

Para Bybee (2010), todas as línguas humanas são semelhantes na convencionalização de padrões linguísticos, pois partem de capacidades cognitivas atuantes em todas as atividades humanas. Bybee (2010) explica que as capacidades de domínio geral são, também, empregadas fora da linguagem, incluindo categorização, simbolismo, inferências, previsibilidade etc., de modo a viabilizar similaridades de propriedades nas línguas. Logo, as semelhanças interlinguísticas são emergentes.

A *inserção*, por exemplo, é comum nas línguas em geral e diz respeito à *primazia discursiva* da existencial. Essa função é anterior à descrição da entidade, pois, para descrever algo ou alguém, é necessária a constatação dela no plano discursivo. A entidade

ou pivô se torna um conhecimento compartilhado na interlocução e a sua definição ou indefinição se torna estratégia discursiva. A previsibilidade da oração existencial se revela na diversidade interlinguística, manifestada no inventário lexical e nos limites morfossintáticos e semânticos das línguas em geral.

A linearidade da existencial ((*Expletivo*) (*proforma*) (*cópula*) pivô (*coda*)) provém do processamento sequencial, pois resulta nos agrupamentos de morfemas e palavras. Ainda, cada língua tem graus diferentes de entrincheiramento de suas subpartes, estabelecendo mais ou menos rigidez. No português, por exemplo, o entrincheiramento das subpartes da existencial é mediano.

As instâncias de uso da existencial ocorrem em situações interativas, nas quais é acionado um *frame* de compreensão da construção. Bybee (2010) afirma que o usuário da língua associa som com significado, um par simbólico, produzido em sequência e repetido nas situações cotidianas com grau de previsibilidade e automação. Na instanciação, os itens lexicais são pontas de acesso aos conhecimentos do domínio existencial que esse *frame* invoca.

Para Bybee (2010), à medida que as condições sob as quais a língua é usada são semelhantes entre as culturas, a substância e a forma da gramática também serão semelhantes. Logo, ao passo que as condições diferem, as línguas podem ter gramáticas de diferentes tipos. A existencial apresenta determinado padrão interlinguístico, viabilizado por princípios cognitivos e processamentos discursivos específicos, como intenção, previsão, inferência e inserção. O usuário da língua mobiliza a construção existencial sem qualquer correlação com elementos específicos da construção, mas motivado pela função discursiva de inserir uma entidade no plano discursivo.

A partir de um estudo interlinguístico sobre as construções existenciais em línguas em geral, delimitamos e distinguimos um conjunto de propriedades proeminentes que compõe essa construção. As distinções e as similaridades são subsídios para a identificação das idiosincrasias dessa construção na língua portuguesa. Apresentamos alguns de seus atributos em algumas línguas mencionadas neste estudo:

**Quadro 1:** Propriedades das existenciais nas línguas em geral.

<b>Línguas</b>	<b>Ordenação</b>	<b>Definitude do SN</b>	<b>Coda</b>	<b>Função no discurso</b>
Inglês	Rígida	Indefinido	Presente	Inserção

Catalão	Não rígida	Indefinido	Presente	Inserção
Espanhol	Não rígida	Indiferente	Presente	Inserção
Português	Não rígida	Indiferente	Indiferente	Inserção
Francês	Rígida	Indiferente	Indiferente	Inserção
Italiano	Rígida	Indiferente	Indiferente	Inserção
Tapirapé	Rígida	Indefinido	Ausente	Inserção
Nheengatu	Rígida	Indefinido	Ausente	Inserção
Alemão	Rígida	Indiferente	Presente	Inserção
Russo	Não rígida	Indiferente	Ausente	Inserção
Turco	Rígida	Indefinido	Ausente	Inserção
Kannada	Não rígida	Indiferente	Ausente	Inserção
Kiowa	Rígida	Indiferente	Indiferente	Inserção
Finlandês	Rígida	Indefinido	Presente	Inserção
Pingelapesa	Não rígida	Indiferente	Presente	Inserção
Suaíli	Não rígida	Indiferente	Indiferente	Inserção
Maori	Rígida	Indefinido	Indiferente	Inserção
Estoniano	Não rígida	Indiferente	Indiferente	Inserção

Fonte: Elaboração própria.

A ordenação envolve o grau de entrincheiramento entre as partes, logo, na ordem rígida, a tendência é não alterar os elementos, por exemplo, aceitar a topicalização da coda. Na ordem não rígida, é possível alterar a coda para a posição inicial. O sintagma nominal (SN) pode ter tendência de ser indefinido ou definido e a coda pode ser presente ou ausente, observando-se que a presença obrigatória da coda caracteriza a relação profícua entre as construções locativa e existencial.

Com relação à língua portuguesa, por exemplo, o grau de entrincheiramento das subpartes da construção é menos rígido, visto que é possível analisar as subpartes, como realizar a segmentação do verbo da construção. Essa segmentação não ocorre na produção e na recepção da construção, pois o locutor e interlocutor compreendem a unidade discursiva com um todo – diferentemente da língua italiana, por exemplo, na qual o grau de entrincheiramento das subpartes é maior. O verbo “*essere*”, nas formas de terceira pessoa do singular e do plural, fundiu-se ao pronome clítico “*ci*”, ao ponto de este perder a referencialidade e a construção existencial (*c'è/ci sono*) constituir um *chuncking*.

A informatividade é peculiar nas existenciais. Segundo García (1996), a informatividade é impactada pela regência dos termos, pela concordância, pela ordenação e pela determinação contextual. Nas existenciais, o realce está no sintagma nominal inserido, definido ou indefinido. A concentração informativa no sintagma nominal não é provocada por regência ou pela concordância de natureza sintático-semântica. Nas existenciais, a informatividade sofre interferência da determinação contextual.

Os efeitos informativos são obtidos pela eleição de determinado lexema, para ocupar o *slot* do sintagma nominal. Ele pode transmitir informações sobre a individualização da entidade, porém o propósito discursivo se sobressai sobre a informatividade. Evidentemente, a existencial se destaca como um exemplo de oração que se compõe por forças pragmáticas e discursivas. Ela nasce na dimensão pragmático-discursiva.

A interferência dos componentes pragmáticos e discursivos pode ser percebida na entonação das existenciais no português, no italiano, no francês e no espanhol, por exemplo. Verifica-se que a variação da altura e da duração, nessas orações, incide sobre o verbo ou sobre a proforma, demandando mais *altura* no termo inicial e uma leve pausa *duradoura* antes do sintagma nominal, destacando-o na cadeia fonológica. Isso influencia o Fluxo de Atenção do interlocutor e serve de gatilho para a recepção da construção (COSTA, 2020 (no prelo)).

A primazia da função discursiva é uma propriedade comum das existenciais nas línguas em geral; essa função a destaca diante de outras orações da língua. A configuração morfossintática varia, mas a inserção de entidade no plano discursivo é mantida. Uma oração existencial é motivada no componente discursivo e se materializa na morfossintaxe e na fonologia das línguas. Essa discursividade implica *referenciação* e *intersubjetividade*.

### **2.3. Existenciais: referenciação e intersubjetividade**

É comum a literatura sobre construção existencial considerá-la no âmbito da referenciação (SANTOS, 2019), uma vez que a função informativa serve como um mecanismo de atribuição da referencialidade nas línguas e envolve intersubjetividade. Assim, a descrição de eventos é uma competência conceptual mais concreta e se liga à atribuição de propriedades responsáveis na identificação de um referente. Um nome é, antes de tudo, a junção de propriedades descritivas vinculadas a ele (NEVES, 2018).

Nessa identificação, mecanismos lexicais são mobilizados para expandir e individualizar as entidades no plano discursivo, como expõe o exemplo:

*(94) O acesso aos livros é apenas um pequeno passo para melhorar os índices de leitura em o Brasil. Há obstáculos educacionais, culturais e sociais que precisam ser superados. O caminho é longo e difícil. Mas é preciso comemorar as boas ideias. Sandra da Silva é uma das aprovadas na 1ª fase para viajar ao Planeta Marte. Família apoia ideia. (Corpus do Português NOW)*

Os sintagmas nominais “obstáculos educacionais, culturais e sociais” estabelecem uma descrição dos tipos de *obstáculos*. Essas palavras são substantivos abstratos e estão no plural, visto que generalizam a informação. No português, a descrição depende de intencionalidade e de itens lexicais ou frases, como adjetivos, verbos estativos, determinantes etc. Evidencia-se, com isso, o contínuo entre a identificação (definição) e a generalização (indefinição) da entidade inserida.

Hawkins (1978) apresenta uma teoria da definição baseada em atos de fala, segundo a qual o falante insere um referente na sequência enunciativa, localizando-o em algum conjunto similar de objetos e instruindo a individualização.

Nessa teoria, uma expressão é definida se o referente puder ser localizado na memória discursiva do ouvinte no momento de fala (uma instrução de localização no contexto ou um conhecimento dos interlocutores no discurso anterior). Na localização indefinida, o falante apenas introduz um referente na sequência enunciativa e se refere a um subconjunto apropriado da expressão referenciada.

Nas existenciais, a estratégia discursiva é alocada no processo de referenciação, e há a inserção de um dos papéis desempenhados nesse processo. A função referencial na linguagem envolve elaboração de objetos de discurso, a partir da anáfora e da catáfora, e movimentos de inserção e retomada, acionados cognitivamente pela memória de curto ou de longo prazo (KOCH, 2009; NEVES, 2007; MONDADA, 1994). Assim, a existencial prevê significados referenciais básicos para descrever um estado de coisas, e o conteúdo referencial contribui para a interpretação do item inserido.

Givón (2012) aponta que um significado tem um conteúdo convencionalizado menos referencial, isto é, uma representação cognitiva independente da referência *stricto sensu*. Nas línguas, os componentes do significado são biunívocos: (i) referenciais ou (ii)

não referenciais, não tendo relação direta com a realidade em si. A elaboração é via conceptualização humana, que constitui o significado.

Nesta tese, não discutimos as questões epistemológicas tradicionais: o que é a realidade? Quais são suas fontes na mente ou fora dela? Pelo contrário, defendemos que a elaboração da realidade via linguagem é uma fronteira tênue entre cognição e sociointeração. Essa elaboração tem diversos fatores inter-relacionados de ordens cognitivas, linguísticas, sociais e culturais.

A percepção fisiológica, segundo Givón (2012), é uma interpretação, resultado da cognição-percepção e da calibração para conceber/perceber o universo, um construto sociocultural, e não um fato em si mesmo. Coisas em si mesmas não são percebidas, mas interpretadas a partir de um universo de *input* por si aleatório. Por conseguinte, o universo, aparentemente ordenado, resulta da calibragem cognitivo-perceptual (discutida no capítulo 1 desta tese).

Neves (2018), descrevendo a natureza do substantivo, afirma que os nomes representam propriedades das entidades nomeadas, dos referentes. O grau de identificação desse referente varia entre mais ou menos específico. Na gramática, encontra-se a subdivisão em substantivo próprio e substantivo comum. Esses substantivos têm traços descritivos e, a partir deles, estabelecem-se noções básicas. Os dois subgrupos são diferentes entre si, pois, por mais que indiquem um indivíduo particular, há uma referência genérica à coisa referida.

Na escala referencial, entra em questão a capacidade de descrição de estado de coisa, visto que o mundo mediado pela linguagem é estabelecido a partir de propriedades percebidas/concebidas pelo aparato biossocial humano, nomeadas e categorizadas. Nomeiam-se classes, tipos, espécies e indivíduos específicos. Quanto maior for a subespecificação, mais a referência ficará individualizada e mais ocorrerá a identificação.

Nesse sentido, a referência é um *modus operandi* da linguagem, com infinitas possibilidades discursivas para individualizar um referente. O uso referencial de uma expressão linguística conduz para a compreensão das estratégias discursivas mobilizadas pelos interlocutores. A referenciação é o ponto de partida do processo de identificação de referentes no jogo sociointerativo.

Na construção existencial, a inserção de uma entidade no plano discursivo não implica o reconhecimento, por parte do locutor, das propriedades descritivas da entidade. Por conseguinte, o usuário da língua resgata a Entidade Focalizada de um mundo psicofísico ou mental, visto que a existência *in principium* é um conhecimento

compartilhado. O locutor, no momento da enunciação, torna-se fonte provisória da informação, como no exemplo a seguir:

(95) *Há barricadas montadas pela Esplanada, alguns ministérios estão sendo alvo de depredação e a polícia continua lançando bombas de gás e spray de pimenta para tentar dispersar grupo. (Corpus do Português NOW)*

No exemplo (95), o verbo “haver”, seguido pelo sintagma nominal “barricadas” e pela expressão locativa “pela Esplanada”, instancia a existencial. Nota-se que o sintagma nominal tem uma carga semântica maior, ou seja, o significado é conhecido, dispensando a marca de definitude ou de indefinitude (artigo), e agrega-se a essa informação a descrição “montadas”. Nesse texto, a contextualização dada pela expressão locativa “pela Esplanada” situa essa entidade e realiza a retomada na sequência textual. É um exemplo de como a situacionalidade contribui para a interpretação do significado.

A referência se faz a partir de um conjunto de itens da língua que não pode ser interpretado semanticamente por si mesmo, mas remete a outros itens do discurso necessários à sua interpretação. Koch (2014) afirma que a referência pode ser situacional (exofórica) e textual (endofórica).

Na primeira, a remissão é feita a algum elemento da situação comunicativa que está fora do texto. Na segunda, o referente se acha expresso no próprio texto. Se o item é precedente, tem-se a anáfora; se estiver antecedente, tem-se a catáfora. Nas existenciais no português, a tendência é que seja exofórica, como mostra o exemplo (96):

(96) *Não vou dizer que vou feliz para a academia, mas posso dizer que agora, quando não vou, sinto falta. Vamos dizer que malhar já foi um esforço maior. Hoje, fui malhar às sete da manhã e amanhã devo ir no mesmo horário. Há um esforço aí. E, por mais que eu seja tímida, fico feliz quando quebrou a internet. Seria mentirosa se dissesse que não. (Corpus Português NOW)*

A ocorrência em (96) tem um sintagma nominal indefinido morfologicamente pelo artigo antecessor do substantivo, porém a construção serve no texto para caracterizar todo o evento descrito anteriormente, e a expressão locativa “aí” é o elemento anafórico que retoma a informação. Qualquer falante do português compreenderia que essa

construção, nesse texto, funciona como descritor do evento, vinculado à outra porção do texto.

Koch (2009) e Givón (2012) consideram a referenciação como uma atividade discursiva. A língua não existe fora dos sujeitos sociais e dos eventos discursivos, interventores das percepções e dos saberes, sejam de ordem linguística ou sociocognitiva. Os modelos de mundo não são estáveis, mas se constroem tanto na sincronia como na diacronia. As entidades designadas são objetos de discurso, não são objetos de mundo (MONDADA, 1994).

A referenciação opera com elementos indicadores de objetos de discurso, e a progressão se baseia em algum tipo de referenciação. Neves (2007) e Koch (2009) afirmam que a elaboração de objetos de discurso se faz por remissão, operada pela memória. Os sucessivos estágios dessa representação são responsáveis pelas seleções de itens lexicais feitas pelos interlocutores. As existenciais se configuram a partir da inserção de objetos de discurso que acessam conhecimento compartilhado pelos interlocutores, como no exemplo:

*(97) Há pontos cegos entre a realidade e a ficção, mas a memória coletiva de Rabo de Peixe apela a histórias tão disparatadas como a de mulheres empanando carapaus com cocaína em vez de farinha, ou senhores de meia idade vertendo colheradas de pó no café com leite. A expressão é que o humor é igual à soma da tragédia mais o tempo. Embora talvez não tenha transcorrido ainda o tempo prudencial, é quase impossível não sorrir, mesmo que de tristeza. (Amostra não sistematizada)*

No exemplo (97), o núcleo informativo inserido não encontra respaldo anteriormente e serve para tematizar o texto, expandido na sequência. O locutor é a fonte de informação baseada em inferência ou fala reportada. Não há uma retomada do tema, mas uma progressão temática. Em geral, a construção existencial empregada no início de texto, estrategicamente, introduz o tema, não anafórico ou catafórico, mas controlador de Fluxo de Atenção.

A interpretação dessa construção linguística consiste não em localizar um segmento (antecedente) ou um objeto específico no mundo, e sim em estabelecer uma relação com algum tipo de informação presente na memória dos falantes. Para Koch (2009), a textualidade não se dá como um simples processo de justaposição de

informação, mas da elaboração ou da reelaboração interativa da realidade, e os itens lexicais são pontos de acesso aos conhecimentos diversificados.

O processo de referenciação é baseado em algum tipo de referência, um processo contínuo de referir, de remeter e de retomar. Segundo Neves (2007), *referir* é uma atividade de designação realizável por meio da língua, sem implicar uma relação especular língua/mundo. *Remeter* é uma atividade indexical na contextualização. Já *retomar* é uma atividade de continuidade de um núcleo referencial, uma relação de identidade ou não. Por conseguinte, os objetos de discurso, que, na construção existencial, são representados no sintagma nominal, o pivô, elaboram-se ou se reelaboram no próprio plano discursivo. O exemplo (96) mostra uma referência *remetida*:

(98) *Após o aprofundamento das investigações da "Operação Lava-Jato", onde os contratos bilionários da Petrobras com empreiteiras brasileiras para a construção de grandes obras públicas serviram de fonte para o financiamento das campanhas eleitorais indiscriminadamente. Há, no Congresso Nacional, 3 propostas de mudança nas regras do jogo político no país: uma da OAB/CNBB, uma do Partido dos Trabalhadores e uma outra, do PMDB. As duas primeiras têm pontos em comum, sobretudo, no que diz respeito ao financiamento exclusivamente público das campanhas eleitorais. (Corpus do Português NOW)*

Nesse exemplo, nota-se uma referência remetida, visto que a informação “3 propostas de mudança nas regras do jogo político” é inserida como uma novidade temática no texto. Essa temática é expandida na progressão textual por uma porção de informações. A expressão locativa “no Congresso Nacional” contextualiza a informação nuclear, não restringindo-a. Essa retomada exhibe a referenciação exofórica, vinculada ao contextual situacional.

A referenciação desempenha uma série de funções cognitivo-discursivas de grande relevância na elaboração do significado. Koch (2009) destaca a ativação/reativação como o mecanismo responsável pela tematização, vinculadora tanto da informação dada como da informação nova, possibilitando ativação ou reativação da memória do interlocutor. A focalização conduz ou reconduz o objeto de discurso no Fluxo de Atenção. Na construção existencial, o processo de inserção é responsável pelos dois movimentos de produção textual: retroação e progressão.

Para Givón (2012), o domínio existencial, nas línguas humanas, tem uma escala implicacional de aspectos mais concretos (espacial), intermediários (temporal) e abstratos (existência). Esse contínuo orienta as noções *existir no espaço*, *existir no tempo* e *existir*. Um contínuo em que um ponto não é possível sem o outro. O contínuo existencial se configura na existência e na *identificação* de algo no mundo sociofísico. A *identificação* pertence ao processo de referenciação, distintamente da *existência*. Ambas exigem demandas cognitivas diferentes ou inter-relacionadas, como mostram os exemplos:

(99) *Há um homem que é importante aqui. (Existencial)*

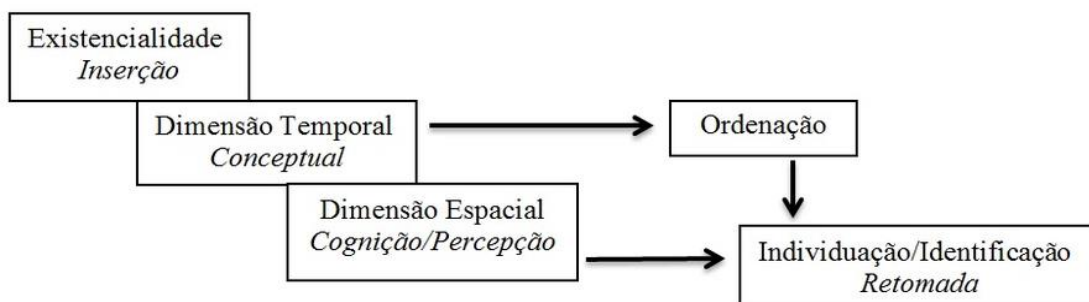
(99a) *Há esse homem que é importante aqui. (Identificação)*

No exemplo (99), a entidade “homem” é inserida no discurso, sem nenhum compromisso do locutor em individualizá-la para o interlocutor; é uma informação genérica. Essa *inserção* na oração existencial demonstra que o enunciador é a fonte da informação, adicionando um conhecimento na interlocução. No exemplo (95a), a expressão “esse” realiza uma retomada do conhecimento partilhado pelos envolvidos na interlocução, identificando-o diante das outras conhecidas pelos interlocutores. A *identificação* ou retomada é operada pela memória de longo prazo, e os interlocutores são a fonte compartilhada de informação, como se pode ver no exemplo (96):

(100) *Na Lagoa da Pampulha, em Minas Gerais, o problema é o mesmo, mas, busca-se solução saudável e boa convivência entre esses animais e a população que gosta muito delas. Há sempre solução quando há disposição para enfrentar problemas. (Corpus do português NOW)*

Em (100), ocorre a inserção, sem identificação da informação, não sendo retomada. Dessa maneira, *inserir* algo no discursivo não é o mesmo que *identificar* algo. A inserção da entidade pode tematizar ou não e pode ser genérica ou não identificada. Para Givón (2012), essas duas funções, *inserir* e *identificar*, tornam possível a referenciação, mas, discursivamente, há nuances pragmáticas diferentes.

A dimensão temporal, codificada nas línguas, muitas vezes, pelos verbos, mapeia entidades menos concretas do que os nomes. A dimensão espacial, mais concreta, é codificada nas dêixis espaciais. Os nomes mais concretos são individualizados por serem indicadores de espaços preenchidos. Ilustramos essa proposta na Figura 5:

**Figura 5:** Existência vs. Referência.

Fonte: Adaptada de Costa (2018a, p. 73)

O domínio da existência ocorre anteriormente ao plano da ordenação. A ordem das coisas no mundo é dada pelo tempo, que possibilita a individualização ou identificação de entidades no mundo (COSTA, 2018a; GIVÓN, 2012). Diferentemente, essas entidades são pontos na escala temporal, objetos da percepção por si mesmas e não unidades atômicas de fato. É a calibragem perceptual do espaço que estabiliza a escala temporal. A dimensão temporal e a dimensão espacial promovem a existência das coisas no plano discursivo, pois são domínios relacionados. Por isso, estudos clássicos sobre construção existencial, como de Lyons (1977), Milsark (1977) e Freeze (1992), notam uma dependência semântica entre orações locativas e existenciais.

Além disso, a existência envolve conceptualização e percepção, fatores necessários para realizar a *inserção*. Essa construção operacionaliza a ideia “fazer conhecer algo a alguém” (intersubjetivo), um compartilhamento de conhecimento na sociointeração, na qual o locutor se compromete com o dito.

A referenciação, eleita pela tradição ocidental como a função primordial da linguagem (NEVES, 2007), também implica mecanismos lógicos e linguísticos, nos quais as coisas passam a existir pela descrição de atributos e pela identificação. A descrição de um estado de coisa é a camada de composição linguística em que o mundo passa a ser um fato possível, e o protótipo dessa descrição é a oração declarativa, por exemplo:

(101) *A vitória **existe** dentro de você! Vá à luta agora!* (Corpus D&G)

(102) *Existe vitória após a batalha!* (Corpus D&G)

A diferença nesses exemplos não é somente morfossintática, como também semântica, discursiva e pragmática. O exemplo (101) descreve um estado de coisa com

traço de menos processo, estático; uma oração declarativa prototípica, como definida por Givón (2012). Diferentemente, em (102), há uma *inserção* de algo no discursivo, demonstrando um engajamento subjetivo do falante no dizer, fonte da informação.

Nesse engajamento, a *evidencialidade* entra em jogo, na construção existencial, como parte da intersubjetividade. Considera-se que a evidencialidade é um domínio especializado na língua não estritamente vinculado à modalidade epistêmica, pois ambas são categorias independentes (AIKHENVALD, 2003, 2004; CASSEB-GALVÃO, 2001; CORNILLIE, 2009). Aikhenvald (2003; 2004) afirma que a evidencialidade é uma categoria gramatical relativa à fonte de informação veiculada na proposição.

Marcadores evidenciais podem, associativamente, indicar probabilidade de um evento ou a veracidade da informação. A evidencialidade pode ser de dois tipos: (1) a codificação não específica a fonte de informação, indireta ou mediada; e (2) a codificação diversificada em números e tipos de fontes diretas.

A evidencialidade especificada na declaração revela: (i) se o falante a viu; (ii) se o falante ouviu; (iii) se o falante inferiu de uma evidência indireta; e (iv) se o falante aprendeu sobre ela de alguma maneira. É uma categoria com uma complexidade de sistemas para exibi-la, e as principais são a visual, a não visual e a reportada. Além disso, os marcadores de evidencialidade indicam, além da fonte, a atitude do falante quanto à validade da informação em relação ao conteúdo.

A construção existencial demonstra que o falante tem relativa certeza sobre a existencial do objeto de discurso inserido. Essa construção se vincula à evidencialidade, agrupando conhecimentos pressupostos e conhecimentos *a priori* sobre a entidade inserida. Por conseguinte, a evidencialidade, na construção existencial, segue uma escala de tipos pessoal/dêitico, indo para o sensorial (temporal/espacial) e chegando ao inferencial, de modo a indicar a fonte e a confiabilidade da informação.

A entidade inserida não mantém uma vinculação precisa com o mundo exteriorizado, pois o falante, quando emprega uma construção existencial, já assume o valor de verdade. Isso é contextualmente suscetível à expectativa do falante, visto que pressupõe que o ouvinte não conhece a informação, estabelecendo o caráter de novidade da construção, como nos exemplos:

(103) *As sessões e auriculoterapia são oferecidas em algumas UBSF (Unidade Básica de Saúde da Família), por meio das 12 equipes Nasf existentes no município. Atualmente há*

**40 profissionais** formados na prática atuando na rede pública de Campo Grande.  
(Corpus do Português NOW)

(104) **Tem uma doença** lá fora horrível matando pessoas e não vou ficar pesada aqui. E não foi o leite condensado, o chocolate, não foi. Foi o que ele pensa de mim. Eu peço desculpas em não aceitar. (Corpus do Português NOW)

No exemplo (103), nota-se a inserção na sequência enunciativa da entidade “40 profissionais”, informação definida e individualizada. Essa informação tem como fonte principal o locutor, que se compromete com a veracidade do dito. A fonte do conhecimento é sensorial, uma vez que foi elaborada a partir da constatação visual-auditiva do locutor ou se assumiu como verídica pela fala reportada. No exemplo (104), o locutor se compromete com a informação inserida, tornando-se a fonte sensorial dela.

Uma das características da existencial no português é a *impessoalidade*, componente intersubjetivo no qual o verbo morfologicamente prescinde de uma pessoa dêitica (*eu/tu*). A existencial codifica a relação entre o falante e a fonte de informação, pessoal/dêitica, sensorial ou inferencial, estabelecendo um conhecimento compartilhado, como demonstra o exemplo:

(105) *Hora que caia no poço lá aí falava é... tinha um monte. Cai no poço. É caí no poço. Aí tem um nome de fruta lá né, iscuia uma fruta aí um era beijo, o o to era o abraço, um aperto demão, né. Aí tem (...) iscoiê a pessoa as veiz falava que era um beijo chegava na hora era um macho, né.* (Fala goiana, masculino, 25 anos)

No exemplo (105), a informação inserida no enunciado pode ser interpretada como uma fala reportada com recursos para a identificação dessa entidade, não sendo uma evidência direta, pois o falante não está visualizando o evento. O falante espraia pedaços de informações que permitem inferir sobre a entidade inserida. Esse processo de inferência começa a partir do acesso à experiência do falante acomodada na memória, indicando o envolvimento cognitivo e os sentimentos, ou seja, uma lembrança.

A *primazia discursiva* da existencial é proeminente. Em geral, a dificuldade em identificar o referente na existencial é relativa, visto que não se espera que o ouvinte esteja familiarizado com a informação indefinida. A complexidade das existenciais na interação verbal envolve expectativa de fundo, porque quanto mais inesperada for uma porção de informação, mais difícil será processá-la.

A construção existencial não se limita a uma restrição lexical, que atribui somente aos verbos o papel de constituir o significado, pois essa construção envolve uma complexidade de fatores de ordem semântica, sintática, pragmática e cognitiva. Por isso, consideramos, nesta tese, a integração *radical* dos componentes para o estudo dessa construção.

As existenciais acoplam as noções de referenciação e de intersubjetividade. A referenciação está na plataforma da identificação, utilizada na individualização de entidades, e é distinta da existência, que implica a inserção de algo no discurso e envolve engajamento intersubjetivo. Metodologicamente, este estudo sobre a construção existencial na língua portuguesa prioriza dados reais da língua, provindo de discursos naturais em sequências enunciativas. Esses dados são selecionados e depreendidos a partir de critérios preestabelecidos. Delineamos a metodologia no capítulo 3.

---

## CAPÍTULO 3: METODOLOGIA

---

### 3.1. Introdução

Nosso interesse em estudar a construção existencial vem de longa data. Particularmente, o que chama atenção nesse fenômeno são as combinações morfossintáticas, semânticas e discursivas que envolvem mais que a justaposição de itens gramaticais e lexicais. As construções existenciais integram uma oração distinta da oração prototípica nas línguas em geral, por exemplo, da oração declarativa, do tipo sujeito-verbo e do tópico-comentário.

No português brasileiro, a gramática tradicional, que prescreve usos gramaticais, trata essa oração como um fenômeno sintático, chamado de “orações sem sujeito”. Nessa gramática, as orações sem sujeito têm um predicado (aquilo que está sendo dito) e são configuradas com verbos intransitivos e impessoais. Os gramáticos normativos consideram os verbos “haver” e “existir” como sinônimos nessas orações, pois, no decorrer da história do português, a sintaxe desses verbos exigia o sujeito e o objeto direto.

No decorrer da história, o verbo “haver” perde o sentido de *posse*, assim “a coisa possuída”, que era o complemento interno, não é mais exigida pelo predicado verbal. Com isso, o verbo “haver” se manifesta nas orações impessoais e nas sem sujeito. Os gramáticos prescritores defendem que o sintagma nominal, na oração sem sujeito, é um objeto direto que conduz a concordância verbal (CUNHA; CINTRA, 2001).

Esse ponto de vista se limita, em vários aspectos, à análise da oração existencial. Destacamos dois: (1) a gramática tradicional não explica a preservação do significado existencial, pois aceita a alternância dos verbos “ter”, “haver” e “existir”, mas os assume como sinônimos de *existir*; (2) ela classifica rigidamente essa oração como sem sujeito, sem explicar os outros elementos presentes nela, como o sintagma nominal e a expressão locativo-temporal. Além disso, repudia o emprego do verbo “ter” nessas orações.

A abordagem sociolinguística sobre o tema se concentra na alternância entre o emprego do verbo “ter” na fala e do verbo “haver” na escrita. Discute-se a concorrência entre o verbo “haver” e “ter”, a partir de fatores sociais e linguísticos desse fenômeno. Para esses estudos, a existencial é considerada um locus de mudança linguística em progresso, no qual “haver” é conservadora e “ter” é existencial inovadora. O verbo “ter” é recorrente na fala e o “haver” na escrita. Os fatores sociais (nível de escolaridade, região,

sexo e registro) são impulsionadores dessa variação. Isso contraria a prescrição da gramática normativa, que prescreve “haver” em detrimento de “ter”.

A preferência por “ter” na fala cotidiana menos formal restringe o emprego de “haver” à escrita mais formal. Por conseguinte, a aquisição de “haver” se realiza em ambiente controlado de ensino-aprendizagem da língua escrita. As pesquisas sociolinguísticas têm contribuições relevantes para os estudos da oração existencial no português, visto que apontam para os fatores sociais e linguísticos que conservam e inovam esse fenômeno.

As abordagens normativas e sociolinguísticas nos impulsionaram a estudar a construção existencial, considerando a integração dos componentes gramaticais e discursivos, e, juntamente, a compreender os processos cognitivos que perpassam a produção, recepção e compreensão desse fenômeno nas interações verbais. Assim, o fenômeno em questão, demandado na cognição e revelado na gramática, manifesta-se em contextos reais de uso da língua. Ademais, é propagado, produtivo e automatizado na vivência das pessoas. É uma construção frequente na vida e na gramática.

Desse modo, os princípios e pressupostos construcionais são assumidos e expandidos, nesta tese, para fundamentar a descrição e análise dessa construção. Consideramos que qualquer segmentação entre os componentes linguísticos e cognitivos serve *somente* para fins de análise pontual, pois a segmentação irrestrita desconsidera a vivência da linguagem.

Nesta pesquisa, assumir uma perspectiva construcional significa o não alinhamento *exclusivo* a uma abordagem construcional específica, uma vez que, apesar de diferenças consideráveis, o princípio é sempre o mesmo: a visão de que a gramática é uma estrutura holística e nenhum nível de sua constituição é autônomo ou nuclear. Na construção, funcionam a semântica, a morfossintaxe, a fonologia, a pragmática e o discurso, viabilizados por princípios cognitivos e materializados em construtos empíricos.

Sendo assim, nesta tese, a metodologia para formação e tratamento dos dados segue os pressupostos metodológicos da abordagem construcional da gramática. Isso implica o tratamento prioritariamente qualitativo, mas não se desconsideram as informações quantitativas dos dados.

Qualitativamente, os dados são analisados via identificação e interpretação da ocorrência na sequência enunciativa, independentemente da modalidade falada ou escrita da língua. A quantificação é depreendida dos *corpora* pré-selecionados para a formação

dos dados de análise. Essa quantificação foi realizada sem uso de aplicativos eletrônicos para contagem dos *tokens*.

Para a análise, nos fundamentamos, principalmente, nos trabalhos de Bybee (2010), Croft (2001), Fillmore (1977, 1995, 2006), Goldberg (1995, 2006, 2009, 2013, 2019), Hudson (2007), Langacker (1987, 1991, 2000), Tomasello (2003) e Traugott e Trousdale (2013). Esses trabalhos, como demonstrados no capítulo 1, defendem a análise de dados em situação real de uso da língua. O recorte temporal dos dados, para esta tese, é sincrônico, visto que enquadra o português moderno e contemporâneo (século XX e século XXI) em textos na modalidade falada e escrita, depreendidos de banco de dados sistematizados ou não sistematizados.

### 3.2. Critério de seleção e *corpora*

Utilizamos o critério léxico-gramatical para identificar e depreender os dados dos *corpora*. Os verbos “ter”, “haver” e “existir” são encontrados em contextos diversos, não somente na construção existencial. Essa particularidade torna a busca e identificação dos *tokens* um trabalho mais minucioso, porque consideramos as sequências textuais em que se encontram esses verbos. O critério léxico-gramatical para identificação da ocorrência se fundamenta nos trabalhos de Costa (2018a), Castilho (2014), Pezatti (2014) e outros:

1°. Presença, na sequência textual, dos verbos “ter”, “haver” e “existir” (critério lexical), estando em terceira pessoa do singular e tempo presente (critério morfológico);
2°. Posição inicial do verbo e posterioridade de um sintagma nominal sem propriedade de sujeito da oração (critério sintático), não sendo possível teste de comutação, pois a alteração da ordem das palavras afetaria totalmente o significado da oração;
3°. Acepção de que existe algo ou alguém em um mundo possível (critério semântico), além da possibilidade da presença ou ausência de uma expressão locativa ou temporal, com caráter dêitico.

Com esses critérios, foi possível identificar e depreender as ocorrências da construção existencial no português. Os *corpora* apresentaram um número extremamente extenso de ocorrências da construção existencial. Ademais, a verificação nos bancos de dados revelou uma frequência de uso dessa construção, independentemente da

modalidade falada e escrita da língua. Depreendemos os dados no intervalo esporádico de março de 2019 até dezembro de 2020.

O *corpus* desta pesquisa utiliza *corpora* eletrônicos disponíveis em diferentes bancos de dados do português. Após buscar minuciosamente por eles, concentramo-nos em quatro, pois julgamos os mais adequados, além de serem de fácil acesso para os objetivos específicos deste trabalho. São eles: (1) *Corpus do Português Now*; (2) *Projeto Fala Goiana*; (3) *Corpus Discurso e Gramática*; e (4) *Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC)*.

Esses bancos de dados têm em comum o armazenamento sincrônico do português na modalidade escrita e falada, com falantes ou escreventes de regiões geopolíticas diversas do Brasil e de variante europeia e africana do português. Não há a pretensão de estratificar aspectos regionais, de modalidade (falado ou escrito) e de registro (formal e informal) do fenômeno, em vista de uma análise de dados abrangente quantitativamente.

Definidos os *corpora*, realizou-se, primeiramente, a busca por *tokens*. Utilizou-se o mecanismo de busca disponível no *Corpus do Português*, inserindo as formas verbais “tem”, “há” e “existe” e aplicando a busca na aba “contexto”, que, eletronicamente, listou as ocorrências em frases totais. Do mesmo modo, realizou-se esse procedimento no *Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC)*.

A busca no *Corpus Fala Goiana* foi realizada com a leitura dos 21 inquéritos disponíveis. Realizou-se a identificação da ocorrência com os verbos “ter”, “haver” e “existir” e a extração da sequencialidade. Esse mesmo procedimento foi aplicado no *Corpus Discurso & Gramática* nos inquéritos das cidades de Rio de Janeiro, Natal e Juiz de Fora. Não há distinção do perfil dos participantes – masculino, feminino, idade e escolaridade. Os *tokens* depreendidos desses bancos de dados formam o *corpus* analisado.

Para a realização desta pesquisa, compreendemos o fenômeno em análise como o resultado de estratégias discursivas rotineiras, emergentes de pressões do uso. Ao mesmo tempo, é totalmente vinculado à vida humana e, nela, às atividades mais simples e complexas. Por essa razão, lidamos com *corpora* de usos efetivos da língua, tanto em situações de oralidade quanto de escrita.

### **3.3. Corpora da língua portuguesa**

Para a análise empreendida no capítulo 4 desta tese, selecionamos textos orais e escritos provindos de bancos de dados públicos e disponíveis eletronicamente em

plataformas da internet. De modo acessório, utilizamos, também, uma amostra não sistematizada de textos.

Foram mais 56 milhões de ocorrências identificadas nesses *corpora*. Dessa amostragem numerosa de dados do português, selecionamos os textos com a construção estudada, gerando uma lista com mais de 4.472 ocorrências na língua portuguesa, independentemente da variedade. De posse desse material, realizamos a análise qualitativa dos dados.

O *Corpus Fala Goiânia*, por exemplo, é uma plataforma empírica vinculada ao Projeto “O português contemporâneo falado em Goiás”. Os dados estão disponíveis para o público geral no site <https://gef.letras.ufg.br/p/11948-banco-de-dados>. Esse *corpus* é constituído por entrevistas no modelo documentador e colaborador e simula, ao máximo, uma situação de interação cotidiana, em que os colaboradores incentivam o participante a diversos temas da vida pessoal e a outros assuntos interligados.

Esse banco de dados tem amostras de fala de três comunidades geopolíticas do estado de Goiás, no centro-oeste do Brasil: Anápolis, Goiânia e Cidade de Goiás. Trata-se do registro de 21 gravações, com duração de 45 minutos a 1 hora cada, de homens e mulheres com faixas etárias diversas.

Utilizamos, ainda, o banco de dados do *Corpus do Português NOW*, disponível para o público no site [www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org). O *Corpus do Português NOW* (Notícias na Web) contém aproximadamente 1.4 milhões de palavras de jornais e revistas *on-line*, desde 2012 até 2019, em sequências textuais híbridas na modalidade escrita. O recorte dentro desse *corpus* se deve à vastidão de textos armazenados e ao caráter contemporâneo dos registros do português.

Além desses bancos de dados, adicionamos o *Corpus Discurso & Gramática*, disponível no site: <https://discursoegramaticablog.wordpress.com/corpus/>. Esse *corpus* tem amostras de língua falada e escrita, com informantes de cinco cidades brasileiras: Rio de Janeiro, Natal, Rio Grande, Juiz de Fora e Niterói. Os dados foram gerados pelos informantes que produziram cinco tipos distintos de textos orais e, a partir destes, cinco textos escritos.

Para contemplar outras variantes da língua portuguesa de *modo amostral*, utilizamos o *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (CRPC). O CRPC é um vasto *corpus* eletrônico da variedade europeia do português e de outras variedades (Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Goa, Macau e Timor-Leste). Esse banco de dados contém 311,4 milhões de palavras e abrange

diferentes tipos de textos escritos e de registos orais formais e informais. O *corpus* se encontra disponível em <http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/>. Nessa plataforma, buscamos e depreendemos as ocorrências nos dados do *corpus África e Portugal Only*, identificados, nesta tese, no rótulo *Corpus CRPC*.

Ressalta-se que os *corpora* representam variantes diferentes da língua portuguesa, com características lexicais, gramaticais, sociais e culturais diversificadas. Não nos concentramos no perfil sociolinguístico, mas observamos especificidades – por exemplo, a variante africana do português e a do português europeu preferem o verbo “haver” em detrimento do “ter”.

Consideramos, também, como parte de dados que formam o *corpus* desta pesquisa, as *amostras não sistematizadas* de enunciados identificados cotidianamente na mídia brasileira, como propagandas, cartazes e textos na internet. Os textos desse grupo são identificados pelo mesmo critério léxico-gramatical utilizado nos outros bancos de dados. Neste trabalho, analisamos dados amplos do português, tanto da modalidade falada como da escrita, sem distinções do perfil sociolinguístico do produtor. No capítulo de análise de dados (capítulo 4), identifica-se a fonte do dado da seguinte forma: (*Corpus Português NOW*), (*Fala goiana, sexo, idade*), (*Corpus D&G*), (*Corpus CRPC, Portugal Only*), (*Corpus CRPC, África*) e (*Amostra não sistematizada*).

### 3.5. Frequência de *construtos*

A construção existencial foi encontrada em tipos textuais diversificados e híbridos, principalmente em narrativos, descritivos, expositivos e argumentativos. Optamos por não considerar, na análise qualitativa, os efeitos dos tipos textuais lócus, porém quantificamos as frequências dos *construtos* nesses tipos, pois o recorte dos dados foi em porção maior de texto de fala ou de escrita. Para essa pesquisa, definimos sequências textuais, conforme Marcuschi (2005, 2008).

1. *Tipo narrativo*: centraliza-se em um fato ou uma ação, fictícia ou não. Determina o tempo e o lugar, envolve personagens humanos ou não humanos. Esse tipo textual é fundamentado em elementos concretos da percepção humana, vinculados ao mundo real, e tem anterioridade e/ou posterioridade. A ação é expressa por verbos no passado, no presente ou no futuro, preenchidos por circunstanciais de tempo e de lugar.

2. *Tipo descritivo*: retrata uma cena percebida. Contém pessoas, ambientes, animais e objetos. É fundamentado na percepção fisiológica, que é abstratizada em sensações ou

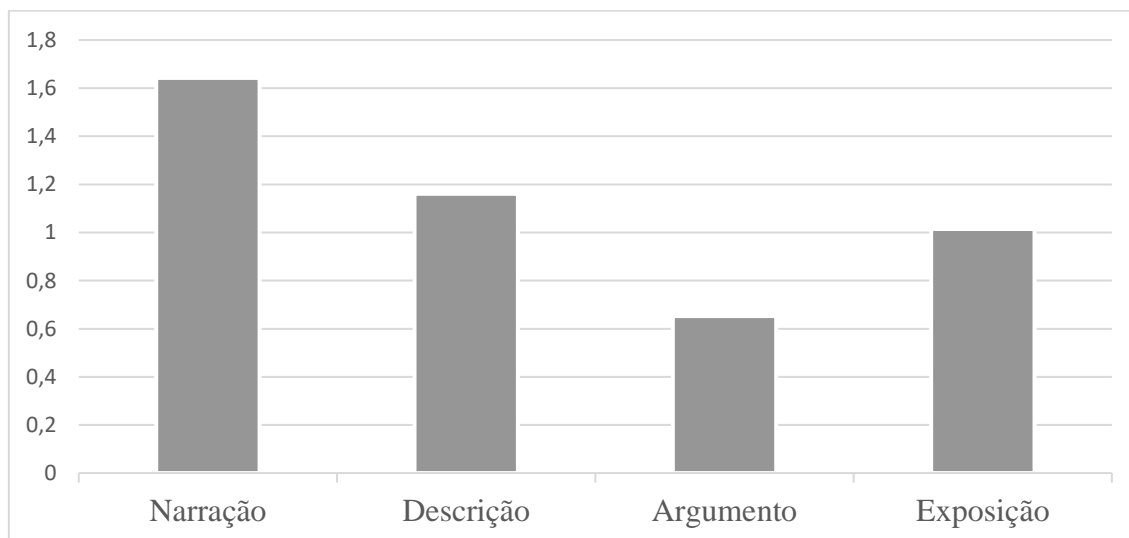
sentimentos. Essa ação é expressa por adjetivos e expressões caracterizadoras. O verbo, geralmente, é estático no presente ou imperfeito.

3. *Tipo argumentativo*: estabelece a metáfora do campo de batalha. Há uma defesa de ideias ou ponto de vista do autor. Para isso, utiliza a explicação, a persuasão, a objetividade e o convencimento do outro. Fundamenta-se na progressão lógica de ideias e de subterfúgios retóricos diversos. Há julgamentos, posições e tomada de posição. O verbo, normalmente, está no presente do indicativo.

4. *Tipo expositivo*: apresenta um conhecimento adquirido e contém informações sobre certo assunto. A exposição se fundamenta na reflexão, na explicação e no julgamento de ideias. Essa apresentação pode informar, esclarecer e ensinar. Há, também, exibição de sentimentos ou dúvidas, centrada na facilitação da compreensão com teor didático.

Com essas definições, identificamos os tipos de textos em que ocorre a existencial. Como dito anteriormente, foram mais de 56 milhões de ocorrências da construção existencial nos *corpora* de língua portuguesa, contemplando as variantes da língua portuguesa. Desse total de ocorrências, elaboramos uma lista com 4.472 porções de texto em tipos de textos híbridos. Esse procedimento revela tendências de uso da construção existencial. A construção existencial contribui para a elaboração de textos com efeitos discursivo-textuais diversificados. Estratificamos a frequência de *construtos* em tipos de textos e ilustramos no gráfico a seguir.

**Gráfico 1:** Construção existencial em tipos textuais.



Fonte: Elaboração própria.

A estratificação em tipos textuais revela as tendências de ocorrências da construção existencial no português. Na amostra, nos textos narrativos são onde ela mais ocorre predominantemente e, em seguida, nos tipos descritivos. Nos textos argumentativos e expositivos, a existencial aparece com propósitos pontuais, como ancorar uma temporalidade, tematizar um assunto e inserir informações complementares. No capítulo 4, de análise de dados, há gráficos quantitativos que especificam a atuação e as particularidades do esquema e dos subesquemas existenciais. Exibimos essa frequência de *construtos* porque acreditamos que comprova uma tendência na língua.

Consideramos que o objetivo geral e os objetivos específicos desta tese serão alcançados e angariados com base em dados empíricos atestados e interpretados a partir da perspectiva teórico-metodológica eleita. Por meio da fundamentação teórica no capítulo 1 e da apreensão das propriedades interlinguísticas descritas no capítulo 2, há subsídios para emprendermos a descrição e análise da construção existencial no capítulo 4. Assim, retomamos as premissas para a análise qualificativa do fenômeno estudado:

1. A  *fusão* entre o significado do verbo e o significado da construção demonstra que a construção existencial restringe os verbos no português. Os verbos “ter”, “haver” e “existir” são polissêmicos, mas a construção estabiliza um só significado para eles. O esquema existencial licencia subesquemas e sanciona *construtos* (CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995, 2006, 2019; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013);
2. Esse esquema matriz tem níveis de esquematicidade variados, representados em subesquemas com preenchimento parcial dos *slots*. Esses subesquemas desempenham funções discursivas específicas nos textos, mas captam propriedades de forma e de significado do esquema matriz (CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2010).

Essas duas premissas são guiadas pelos princípios cognitivos da perspectivização, da memória enriquecida e do *frame*, bem como pelos pressupostos gramaticais da perspectiva construcional (capítulo 1). Além do mais, consideram-se as propriedades interlinguísticas da construção existencial como base para identificar suas idiossincrasias na língua portuguesa (capítulo 2). Com isso, mobilizamos os mecanismos cognitivos e as propriedades do pareamento forma-significado para a interpretação da construção.

---

## CAPÍTULO 4: ANÁLISE DE DADOS

---

### 4.1. Retomada dos objetivos da pesquisa

O objetivo principal desta tese é descrever e analisar o pareamento forma-significado da construção existencial na língua portuguesa, a partir de princípios cognitivos e pressupostos gramaticais da perspectiva construcional. Destacam-se a fusão das propriedades sintático-semânticas e pragmáticas-discursivas e os níveis de esquematicidade dessa construção. Para este estudo, justifica-se a abordagem construcional pelo caráter *radical* da integração dos componentes gramaticais e discursivos, visto que a língua é uma complexa rede de construções disposta em esquemas, subesquemas, microconstruções e construtos (SALOMÃO, 2009).

Com base nisso, os objetivos específicos são:

1. Verificar como a construção existencial se revela nas línguas em geral, a partir da apreensão de suas propriedades, para contrastar com a língua portuguesa;
2. Selecionar dados de língua portuguesa para a promoção de uma análise sistematizada e cientificamente embasada, em vista da generalização do fenômeno estudado;
3. Descrever e analisar os aspectos morfossintáticos, semânticos, pragmáticos e discursivos da construção existencial no português, para promover generalização e destacar suas idiossincrasias.

Esses objetivos são orientados pelas seguintes perguntas de pesquisa:

1. Quais princípios cognitivos e pressupostos gramaticais da perspectiva construcional são relevantes para a descrição e a análise da construção existencial no português?
2. Do contraste entre a língua portuguesa e as línguas em geral, quais são as similaridades e idiossincrasias da construção existencial no português?
4. Quais são as especificidades discursivo-textuais da construção existencial no português?

No decorrer do trabalho, justificou-se a eleição da abordagem construcional para o tratamento do fenômeno em questão. A descrição e a análise da construção existencial no português são feitas com dados empíricos, apreendidos de *corpora* que armazenam e disponibilizam dados de discursos naturais em porções extensas de textos.

A partir das discussões no capítulo 2, verificou-se que a construção existencial tem propriedades gramaticais e discursivas diversificadas e similares nas línguas em

geral. Essa construção tem uma ordenação linear similar interlinguisticamente. O item, na posição inicial, varia; por exemplo, pode ser uma proforma, como no italiano e no francês, um expletivo, como no inglês, ou um verbo impessoal, como no português, espanhol e catalão. Para Bentley, Ciconte e Cruschina (2013) e McCloskey (2014), a estruturação linear dos termos particulariza essa construção nas línguas em geral.

Seguindo uma perspectiva construcional, diz-se que a construção existencial é acomodada no esquema virtual disponível na gramática da língua. Nas línguas em geral, as instâncias de uso diferem na fonologia e na morfossintaxe, mas semântico-discursivamente são similares, visto que a inserção de entidade, na sequência enunciativa, é função primordial. Com relação à língua portuguesa, o esquema existencial tem a seguinte notação:

[(*Exis*) (*SN*) (*loc-temp.*)]

Nesse esquema, o *slot* (*Exis*) é ocupado por verbos como *ter*, *haver* e *existir*. Além disso, o *slot* (*SN*) do sintagma nominal pode ser preenchido por um ilimitado conjunto de itens lexicais, e (*loc-temp.*) é a expressão locativa e temporal opcional. Esse esquema tem uma virtualidade maior, e nele os *slots* estabelecem espaços previsíveis a serem preenchidos. Na instância de uso, é compreendido com um bloco informacional único.

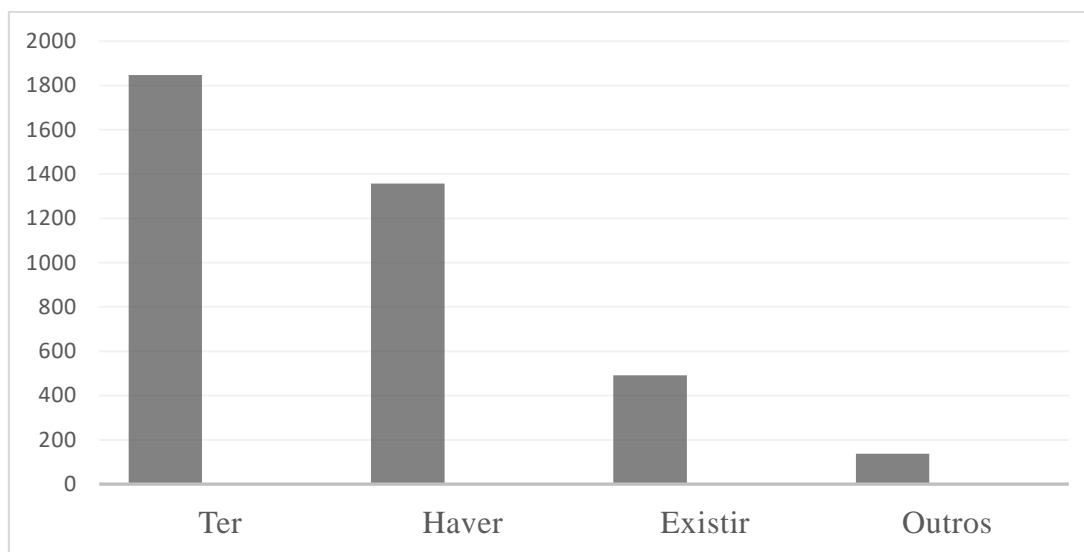
A descrição e análise empreendidas, neste estudo, são, principalmente, qualitativas e se alicerçam no procedimento dado-teoria. A interpretação desses dados é baseada nos princípios e pressupostos da perspectiva construcional. A aplicabilidade desses princípios e pressupostos é via método indutivo, pois se buscam generalizações consistentes sobre a construção existencial em *corpora* amplos da língua portuguesa, depreendidos do português brasileiro, português europeu e português africano.

#### 4.2. Arquitetura da construção existencial

Nos termos de Traugott e Trousdale (2013), a construção existencial no português é do tipo *complexa*, quanto ao tamanho, e *esquemática* e *intermediária*, pois é portadora de um conceito. Ainda, é composicional, visto que o elo entre forma e significado é transparente, havendo compatibilidade entre o significado dos itens individuais e o significado construcional. É, também, uma construção produtiva e frequente na vivência cotidiana das pessoas.

A construção existencial no português é instanciada pelos verbos “ter”, “haver” e “existir”. Há estudos dos usos dos verbos “aparecer” e “ser” em construções existenciais, por exemplo, de Gonçalves (2019, 2014). Esses usos dos verbos “aparecer” e “ser” são construções customizadas, com baixa produtividade no português em comparação com os verbos “ter”, “haver” e “existir”. Na amostra dos *corpora* analisados (4.472), ressalta-se a quantificação da frequência desses verbos nessa construção, como ilustra o gráfico:

**Gráfico 2:** Frequência dos verbos na amostra de dados.



Fonte: Elaboração própria.

O gráfico aponta para maior frequência do verbo “ter”, intermediária frequência do verbo “haver”, pouca frequência do verbo “existir” e pequena frequência de outros verbos (aparecer e ser). Essas informações revelam que, no uso, o grupo dos verbos na construção existencial é restrito, independentemente da modalidade falada ou escrita. Nos dados do português brasileiro, a predominância é do verbo “ter”; no português europeu e africano, sobressai-se o verbo “haver” em detrimento do “ter”.

Desse modo, na construção existencial, o grupo restrito de verbos, o sintagma nominal e a expressão locativo-temporal são elementos básicos. Há uma forte integração entre o significado dos verbos e o significado construcional. O significado construcional fornece os traços semânticos, pragmáticos e discursivos da construção. Essas propriedades são relacionadas internamente e formam um todo único, produzido e recepcionado pelos falantes.

Os verbos associados a essa construção delimitam o modo como o tipo verbal se relaciona ao tipo de evento da construção. Esse grupo restrito de verbos é sancionado em *construtos*, como mostram os exemplos:

(1) *Uma verdadeira orgia de irregularidades e de atropelos! Há exagero nisto? Onde está a idoneidade e a competência que o Governo e o Ministério constantemente proclamam? Não será antes o que se passa no Hospital de Faro uma consequência da substituição da gestão democrática hospitalar por uma lei de gestão que, em vez do critério da honestidade e da competência, privilegia o apadrinhamento político e a simpatia? Corpus (Corpus CRPC, Portugal Only)*

(2) *Tem uma fotografia que parece ter captado a essência do estilo de Annan — mas também dos seus “cúmplices” nas derradeiras negociações sobre Timor-Leste. Foi tirada a 5 de maio de 1999 na sala das conferências de imprensa da sede da ONU. (Corpus Português NOW)*

(3) *Esses angolanos fazem parte de uma elite que deve ser encorajada. Membros do Governo, como cidadãos, podem participar nestes projectos. Nos Estados Unidos há um intercâmbio que é as vezes muito útil entre a vida empresarial privada e a função pública. Mas na mesma América há, também, um debate acalorado sobre o fenómeno do que é chamado como the revolving door phenomenom. (Corpus CRPC, África)*

Os conhecimentos acessados pela construção existencial incluem Observador, Campo Visual, Entidade Focalizada e Fluxo de Atenção, que são provenientes do *frame*. Os itens lexicais individuais, nessa construção, designam, de alguma maneira, os eventos vinculados a esses elementos.

Na construção existencial, o significado dos verbos “ter”, “haver” e “existir” se associam ao *frame* do domínio existencial. Esses verbos não são exclusivos das construções existenciais, pois são empregados em outras situações, com acepções diferentes. A distinção de sentidos demonstra que a semântica do verbo não é provedora do significado construcional. Nem todo verbo da língua portuguesa se acomoda na construção existencial, visto que os traços do evento são *estado*, *menos dinâmico* e *menos controle*. Esses traços viabilizam os tipos de verbos mobilizados nessa construção.

Os tipos de verbos para essa construção são dos tipos menos dinâmicos, sem controle e tólicos. São verbos factivos, visto que têm a propriedade de implicar, por parte do falante, a pressuposição de que a proposição é factual, isto é, o fato expresso na oração

é verdadeiro. Além do mais, esses verbos não indicam um simples evento, mas um fato que permanece afirmado ou negado. Os verbos existenciais codificam uma cena de estado prototípico, como mostram os exemplos:

(4) *Há tanto jeito de resolver as coisas nessa empresa. (Corpus Português NOW)*

(5) *Imaginamos ano novo, São João, Bom Despacho sem ver ou ouvir os foguetes? São eles que em sua maioria levam as pessoas às ruas nesses eventos. O ponto alto das romarias é o fogo-de-artifício. Os foguetes marcam a entrada no novo ano tal qual um relógio. **Tem fogo-de-artifício** em concertos, aniversários, casamentos, festas temáticas, como sinónimo de comemoração e alegria. (Corpus Português NOW)*

(6) *Existe uma cidadezinha depois do rio [...]. (Fala goiana, homem 35 anos)*

Nesses exemplos, os verbos perfilam o domínio existencial que evoca, de alguma maneira, um cenário no qual os interlocutores experimentaram via calibragem sensório-motora. O significado do verbo é associado à construção por uma relação causal, por isso o significado designado pelo verbo e o significado designado pela construção são fundidos através de uma relação de causalidade (GOLDBERG, 1995; BYBEE, 2010).

No processo de fusão, a *perspectivização* se desloca para a entidade inserida, que recebe o foco e a figura, e o contêiner é o fundo da cena perspectivada. O direcionamento do foco (Fluxo de Atenção) é compartilhado tanto pelo locutor (Observador) como pelo interlocutor. Esses conhecimentos (Observador, Entidade Inserida e Fluxo de Atenção) são aportados do *frame* de domínio existencial. Esses conhecimentos revertem a semântica da construção na asseveração de que existe algo ou alguém.

A construção especifica os tipos de verbos integrados a ela, porque esses verbos têm vestígios da cena na sua composição semântica. Goldberg (2006) afirma que, na acepção do verbo, encontram-se esses vestígios da experiência humana, visto que, em algum momento, o verbo representou uma cena perceptual básica. Assim, os verbos “ter”, “haver” e “existir” se compatibilizam com a construção existencial, porque o evento designado por eles evoca, de certo modo, o *frame* dessa construção, diferentemente do que ocorre em orações declarativas, como nos exemplos:

(7) *eu não... nunca fiz não... Não... eu tentei fazer um...mas ai eu falei a não mexi com isso não... num tinha dinheiro... pra paga... ai eu peguei e num fiz não... eu só arrependo de num ter feito o:: do estado lá pra perto de casa... porque lá perto **tem... tem um::***

*colégio né... Hurrum... ( ) eu poderia ta... hoje tá lá... trabalhando lá de boa... pertim de casa... Hurrum... agora vim da Porto Magalhães foi uma coisa tão estranha.... (Fala goiana, feminino 40 anos)*

*(8) Nessa altura, diante de tantos absurdos, surpresas, situações negativas a pergunta que fica é se **Deus existe** [...] Chegamos a pensar que nos abandonou. Ou que não existe. Ou que nunca existiu. Ou que vai chegar agora, na figura de um novo Jesus [...]. Nossa mentalidade cristã nos obscurece. Obviamente, **Deus não existe**. (Amostra não sistematizada)*

Nesses exemplos, nota-se o contraste entre a construção existencial (7) e uma oração declarativa prototípica (8). As propriedades sintáticas da construção existencial diferem da oração declarativa, pois a existencial tem um verbo que não predica sobre o sintagma nominal e não recebe um papel semântico e um papel sintático. Logo, são orações que representam cenas experienciais diferentes no conhecimento dos falantes.

As construções existenciais têm linearidade [V+SN] e, nelas, a ordem dos elementos envolve o verbo em posição inicial, sintagma nominal posterior e expressão locativo-temporal (opcional). Não há a possibilidade do verbo ser pleno, ou seja, de descrever uma cena da experiência humana etc. Morfologicamente, nos verbos, recaem as desinências de terceira pessoa e tempo presente do indicativo.

Pragmaticamente, nas existenciais, o sintagma nominal é núcleo informacional da sequência enunciativa. O emprego de um artigo definido diante do sintagma nominal pode ou não individualizar o referente. A função discursiva é a inserção de entidade no plano discursivo, como estratégia de tematizar um assunto ou ancorar um tempo dêitico. Essas propriedades estão armazenadas juntas na memória enriquecida dos falantes. Esse conjunto é acionado na interação verbal, para sancionar construtos empíricos, como estes:

*(9) Adelson relatou que o filho da vítima prometeu que pagaria R\$ 20 mil antes de a execução do assassinato e que, de esse valor, receberia R\$ 10 mil. " Mas ele (adolescente) não pagou", disse. O suspeito contou também que todos os envolvidos no caso se reuniram por menos três vezes para combinar como e quando seria o assassinato. Informou ainda que não se apresentou a polícia antes porque "estava procurando um advogado". Segundo a polícia, **há cinco envolvidos** no caso. Quatro já foram detidos. (Corpus do Português NOW)*

(10) *Urgente: um sargento da Polícia militar foi baleado no início da noite desta quarta-feira durante uma tentativa de assalto no Setor Moinho dos ventos, em Goiânia. [...] A mulher que acompanhava o militar também foi baleada, mas ainda não há informações sobre o estado de saúde dela. (Amostra não sistematizada)*

Nesses exemplos, há a compatibilidade entre o significado construcional e os verbos empregados nela. Em (9), há uma exposição de fatos reportados. A informação inserida, “cinco envolvidos”, expande as informações anteriores, como um mecanismo de progressão textual. Em (10), a aceção “(não) existe algo” cria um fato possível na interlocução: a desinformação sobre o estado da outra vítima. Em ambos os exemplos, as propriedades da forma e do significado estão acopladas.

Para Goldberg (1995), a disposição arquitetônica de uma construção é constituída nos seguintes termos: *Sm.*, polo do significado, com propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas; *R.*, como a relação entre itens lexicais disponíveis no inventário da língua; e *Sx.*, polo sintático, com correlações com base construcional. Sendo assim, a organização da construção existencial pode ser caracterizada no seguinte *template*:

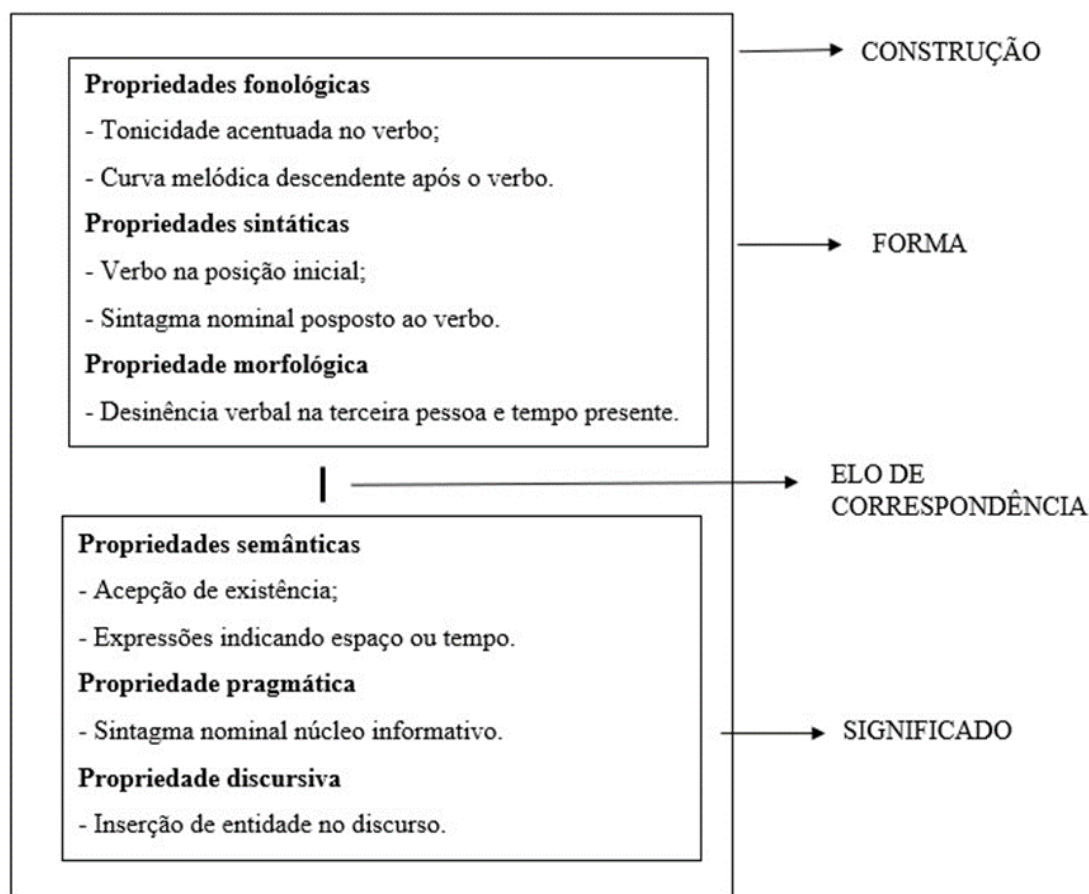
<i>Sm.:</i>	<i>Exis</i>	Entidade inserida	Contêiner
<i>R.:</i>	Verbo	Nomes	Loc-temp.
<i>Sx.:</i>	Sintagma verbal V	Sintagma nominal Subst. Pron. Num.	Satélites

Na primeira linha, a construção tem um argumento que provém do *frame* domínio existencial, cena ou evento básico (*Exis* entidade inserida contêiner). Esse argumento é fundido nas relações dos verbos com participante (nome). É nessa relação que ocorrem as restrições do significado dos itens lexicais, pois o significado construcional impõe traços semântico-pragmáticos aos verbos e aos nomes acomodados nele. Um verbo com traços prototípicos de ação, por exemplo, não se acomodaria nessa construção. A fusão do polo da forma se realiza nos traços fonológicos e morfológicos do verbo, na ordenação sintática dos itens e na opção da expressão locativa ou temporal.

A arquitetura da construção existencial comporta todos os seus traços. A junção ocorre via processo de rotinização do uso conjunto desses traços, cujo bloco se tornou um padrão construcional. A automatização da produção faz com que os usuários da língua compreendam o padrão construcional como uma porção linguística disponível na gramática.

No polo da forma, os verbos devem estar na terceira pessoa, e o sintagma nominal definido ou indefinido posposto ao verbo. Fonologicamente, o verbo é acentuado com pausa estendida antes do sintagma nominal. No polo do significado, acontece a acepção de existência ou não de algo ou alguém, uma expressão de espaço ou de tempo, o sintagma nominal como núcleo informativo e a inserção de uma entidade no discurso. Ilustra-se a arquitetura da construção existencial no português na Figura 3:

**Figura 3:** Arquitetura da construção existencial no português.



Fonte: Elaboração própria.

A figura representa a construção existencial e suas duas faces: (1) da forma, como dimensões fônicas e morfossintáticas; e (2) do significado, como dimensões semânticas,

pragmáticas e discursivas. Essa construção é um conhecimento linguístico público e compartilhado socialmente, visto que qualquer usuário do português identificaria os construtos e atribuiria seu significado matriz, não dependente de significados dos itens lexicais. Esses traços da construção são compartilhados pelos construtos dessa construção na língua portuguesa, como mostram os exemplos:

(11) **Tem um monte de coisas** nessa loja, venham conferir [...]. (Corpus D&G)

(12) São apenas declarações de um magistrado bem-intencionado e as boas intenções não fazem mal a ninguém. O fosso entre as palavras e actos é enorme, sabe -se que **há cidadãos** que estão em cima lei. No nosso país existe um grupo específico de cidadãos que não têm que cumprir com nada deste mundo e muito menos ainda submeterem -se às leis nacionais, pois, podem mentir em tribunal, vociferar contra procuradores e mandarem lixar investigadores [...]. (Corpus CRPC, África)

(13) *Aí aconteceu... um... um acaso aí... num **tem nem expricação** ... num sei porque nós dois num tá junto.* (Fala goiana, feminino 48 anos)

Nesses exemplos, a acepção dos verbos “ter” e “haver” e o significado da construção se associam. Há uma integração entre o verbo e os papéis participantes da construção. Nota-se que, independentemente do verbo empregado nas instâncias da construção, o significado é mantido, e as propriedades de forma e de significado preservadas. A alternância entre o verbo “haver” e “ter”, por sua vez, está correlacionada ao perfil sociocultural dos interlocutores, como escolaridade, registro, situação formal ou informação etc. Essa alteração não compromete a arquitetura da construção existencial.

O significado matriz da construção licencia as acepções provenientes de itens lexicais e combinações sintáticas, morfológicas e semânticas. Por exemplo, a definitude e indefinitude do sintagma nominal e a asseveração da existência ou não de algo ou alguém, no plano discursivo, são propriedades da construção, e não dos itens lexicais.

A arquitetura da construção existencial demonstra a relação dessas propriedades compartilhadas entre os construtos e entre outras construções da gramática da língua. Os traços são proximais e seriais, visto que as subpartes estão parcialmente entrincheiradas em uma unidade. A *composicionalidade* das subpartes é parcial, porque é possível analisar algumas delas, mas, no discurso, essa segmentação não se aplica.

Há, na rede construcional da língua, construções *linkadas* por relação de herança – por exemplo, a relação entre a existencial e a apresentativa na língua portuguesa. Os

verbos apresentacionais são plenos e cumprem necessidade comunicativa de apresentar um novo tópico na sequência enunciativa. Santos (2019) identificou um grupo desses verbos plenos, por exemplo, *surgir, vir, chegar, aparecer, bastar, passar, dar, ter, acontecer, aparecer, existir, faltar, ir, ocorrer, sobrar, surgir, vir* etc. Diferentemente daqueles, os verbos existenciais não são plenos, servem para inserção de entidade no plano discursivo e formam um grupo restrito.

Verbos apresentacionais servem para *introduzir* um novo elemento na sequência enunciativa e se vinculam semântico-sintaticamente ao sintagma nominal introduzido. A construção existencial *insere* uma entidade no plano discursivo e não projeta papel semântico e sintático ao sintagma nominal. Além disso, nas existenciais, a intersubjetividade é maior em relação à apresentativa, como mostram estes exemplos:

(14) *oia... em Brasília... eu fiquei lá... fui lá duas vez... fiquei uns deis dia lá... pra mim é igual... assim **tem gente diferente** muito lá... **tem gente do norte**... **tem desses**...vêm de otos estado né... vem do Maranhão... lá **tem gente diferente**... mas eu num sei se é porque eu quase num saía de casa né... (Fala goiana, feminino 57 anos)*

(15) *A informação tá difundida pra todo mundo, então, **vem a modernidade, vem as facilidades**, mas **vem as mazelas junto**. E essa é uma como a pedofilia pela internet, como outros que ainda vão surgir, né, por aí. (Corpus Português NOW)*

O exemplo (14) é instância de uso da construção existencial e o (15) uma apresentativa prototípica. A apresentativa serve para introduzir no discurso uma entidade e para focalizar o argumento inserido, uma vez que a anteposição do verbo centraliza o argumento, destacando-o no discurso. Os verbos existenciais têm função exclusivamente discursiva, pois inserem entidades no discurso. Os verbos apresentacionais têm função gramatical (semântico-sintático) e discursiva. Assim, apresentacionais e existenciais são distintas sintático-semanticamente, mas têm *links* pragmáticos e discursivos.

As características das existenciais as destacam frente a outras construções na rede construcional do português. Por conseguinte, a interpretação dessa construção depende da composição de seus elementos, como o sintagma nominal e a expressão locativo-temporal, revestida das propriedades fonológicas, morfológicas, semânticas e discursivas específicas. Essas propriedades são armazenadas na memória enriquecida com um conhecimento de detalhes linguísticos convencionais.

Morfologicamente, as formas verbais existenciais se apresentam em terceira pessoa e não fazem referência à primeira ou à segunda pessoa. Pela análise dos dados, nota-se que os verbos estão no singular, e o único verbo do grupo que admite pluralização é *existir*. Nas existenciais, o tempo é presente do indicativo e o falante insere no discurso uma informação não dita anteriormente. O objeto de discurso é remetido (exofórico). Pragmaticamente, ocorre a ancoragem do conteúdo referencial, que tematiza e é intersubjetivo, já que o locutor se declara fonte da informação, como nos exemplos:

(16) **TEM hora** que *cê* ganha até bastante **tem muita gente** que dá um pinguim de valô n/ocê... mais ao mesmo temo *cê* já num qué... *cê* já num qué dá valo. (Fala goiana, masculino 36 anos)

(17) **Há preconceito em todas as áreas**. Costumo dizer que o país só está em guerra porque o ser humano não sabe respeitar. Ninguém é obrigado a aceitar, mas é preciso respeitar. Não só acontece em futebol, como em religião, na internet... O mundo não tem respeito como ser humano. Você tem que respeitar o próximo. É preciso respeitar a vida do ser humano, não é só a opção dele. Não **tem isso aqui**. As pessoas começam a invadir planos e situações que não **tem nada a ver**. (Corpus D&G)

No exemplo (16), a informação inserida é indefinida ou não individualizada, e o enunciado apresenta alta carga de intersubjetividade e evidencialidade, uma vez que o falante se coloca como fonte sensorial-conceptual da informação nuclear. Em (17), a entidade é definida, porém generalizada e não individualizada, mesmo com a presença do artigo definido na construção. A informação inserida, nessa construção, tem carga referencial menor e pode ser genérica, com teor de novidade no plano discursivo.

Além do mais, a relação entre os elementos da construção existencial é composicional. A composicionalidade diz respeito ao grau em que o elo entre forma e significado é transparente, tanto em termos semânticos (o significado das partes e do todo) quanto nos termos das propriedades combinatórias do componente sintático (a ordem).

A compatibilidade se aplica no instante em que o falante aciona a construção existencial, na interação verbal, motivado pelas necessidades comunicativas e pelos seus propósitos. Por conseguinte, o construto resultante do uso é semanticamente composicional e sintaticamente combinado. Informacionalmente, o ouvinte decodifica o significado como um todo, como mostra o exemplo:

(18) *Nas ONGS há ainda a dimensão da epopeia: quem não se revê nas aventuras dos barcos da Greenpeace? Ou nos protestos sempre que há cimeiras que representam os interesses dos mais fortes, que têm colidido quase sempre com a preservação ambiental? Cada coisa é um terraço para outra coisa ainda, e essa coisa é que é linda - terá dito mais ou menos assim Fernando Pessoa num dos seus versos. Mas às vezes essa coisa é que é feia. Dito doutro modo, há o verso e o reverso, a outra face da moeda, o "dark side of the moon". (Corpus CRPC, Portugal Only)*

No exemplo (18), as instâncias da construção existencial inserem uma entidade ou informação na sequência enunciativa. A expressão locativo-temporal ocorre em dois enunciados, topicalizada, demonstrando a composicionalidade da construção, pois a analisabilidade das subpartes é parcial. O falante reconhece e trata a construção como um todo. A velocidade com que os usuários da língua conseguem recuperar uma forma linguística particular, em relação a outras formas que a precedem, evidencia os efeitos de *priming*. Na existencial, o gatilho pode ser a tonalidade acentuada no item verbal (fonológico) ou a disposição linear (sintaxe) dos itens na sequencialidade.

Esse processamento da construção existencial mostra que ela é uma unidade fixada e armazenada na memória dos usuários da língua. Bybee (2010) afirma que a língua é adquirida através da exposição aos eventos reais de uso, e as generalizações e convergências são estabelecidas a partir de exemplos específicos da língua.

Na sanção da construção, detalhes da forma e do significado são mobilizados pelos interlocutores de maneira integralizada, pois uso e conhecimento são conjuntamente chaves para a expansão dos conhecimentos linguísticos (detalhes fonéticos-fonológicos, morfológicos e sintáticos). Na construção existencial, as propriedades morfológicas – por exemplo, a desinência verbal de tempo e pessoa – são acopladas automaticamente à construção, assim como o traço fonológico, como tonalidade acentuada no verbo. A acentuação tonal ocorre independentemente do verbo usado.

A arquitetura da construção existencial revela a *radical* integração das propriedades do pareamento forma-significado, representadas pelo esquema matriz, com grau de abstratização na hierarquia construcional da língua. Para Taylor (2002), as representações esquemáticas são abstraídas como bases nas experiências com a língua. Assim, a fusão entre o significado dos itens lexicais (verbos e nomes) e o significado construcional se aplica à seleção dos verbos, dos nomes, da ordenação e das outras propriedades de forma e significado.

As propriedades da construção existencial se acoplam no esquema virtual ([*(Exis)* (SN) (*loc-temp.*)]). (*Exis*) representa o *slot* para o verbo; (SN), o elemento inserido no discurso; e (*loc-temp.*), a possibilidade da expressão locativo-temporal. Por conseguinte, a virtualidade do esquema viabiliza níveis de esquematicidade, um nó na rede construcional da língua, que herda traços morfossintáticos, semânticos e, principalmente, discursivos, estruturados em uma rede taxonômica disponível.

Os níveis de esquematicidade da construção existencial no português são tipificados em: esquema matriz provedor e licenciador de subesquema, os quais sancionam construtos empíricos. Analisa-se, no próximo subtítulo, esses níveis, observando a taxonomia da construção existencial na língua portuguesa.

### 4.3. Níveis de esquematicidade

A arquitetura da construção existencial é representada no esquema abstrato fixo e disponível na língua. Esse esquema licencia construtos empíricos manifestados em contextos diversos da interação verbal e é um nó na rede construcional do português.

Além disso, esse esquema sanciona as propriedades do pareamento forma-significado. Tais propriedades envolvem baixa composicionalidade, pois seus elementos estão entrincheirados discursivamente, e, afinal, elas são descaracterizadas pela separação das suas subpartes, como mostra o exemplo:

(19) **Tem uma lojinha...** *é... até mexia com uma lojinha lá embaxo lá na... na quase em frente a pernambucana ali ó... Orlano... eu era freguei dele qué dizê ele era fregueis meu né? qu/eu engraxava ele que até a turma ficava com injeva de mim qu/eu tinha frequisia co/um ingraxá lá com aquela turma ali embaxo ali... o dia qu/eu ficava sem í lá no Orlano lá ele ficava brabo comigo... ele num engraxava com mais ninguém... agora hoje... dá o que fazê pra você arrumá um engraxate... (Fala goiana, masculino 36 anos)*

Nesse exemplo (19), instância da construção existencial, não é possível apartar os itens que a compõem. Nessa construção, o elo simbólico entre forma e significado é viabilizado pela convencionalização. A integração das subpartes ([*Exis* SN *loc-temp.*]) revela que os *slots* desse esquema são preenchidos por infinitudes de categorias lexicais. Isso porque essa construção cumpre, em diversos contextos, funções específicas, além de manifestar a intersubjetividade dos falantes.

Os atributos de virtualidade e de abstratização se manifestam nos níveis esquemáticos de uma construção. Esquema, subesquema e construtos (*tokens* empiricamente comprovados no uso) constituem níveis construcionais hierárquicos. O esquema (*[(Exis) (SN) (loc-temp.)]*) é altamente abstrato, primitivo e virtual, com possibilidade maior do preenchimento dos *slots*. Os subesquemas provenientes do esquema matriz têm preenchimento parcial do *slot* (SN) e do *slot* (loc-temp.), peculiares na língua. Esse esquema licencia instâncias de uso, as quais viabilizam *tokens* de construção em ocorrências empíricas proferidas por falantes com propósitos comunicativos específicos, como nestes exemplos:

(20) *Existe um filme chamado “Rubber”, que é sobre um Pneu de carro que ganha vida e começa a matar pessoas. (Corpus Português NOW)*

(21) *Interessados em participar da festa no próximo dia 1º de outubro podem adquirir os ingressos por meio do site e receber as entradas em casa. O primeiro lote já se esgotou, mas ainda **há o segundo**. Os bilhetes estão sendo comercializados também na Livraria Paulinas. (Corpus Português NOW)*

(22) *Este álbum chama-se King Ruiner, num sentido exagerado de que as coisas nem sempre correm bem, mas que é possível a superação e a sobrevivência. **Tem uma ideia de combate** contra as coisas que não podemos controlar e isso percebe-se na força e na multiplicação da voz dela. Criamos, ao vivo, uma ideia de coro, inspirados na música tradicional africana. (Corpus Português NOW)*

Nesses construtos, verifica-se o licenciamento do esquema matriz, pois suas propriedades de forma-significado são preservadas. O esquema (*[(Exis) (SN) (loc-temp.)]*), no português, é provedor de subesquemas e demanda os mecanismos de *priming*, de inferência e de perspectiva. Segundo Bybee (2010), esses mecanismos possibilitam a expansão do esquema matriz em subesquemas especializados.

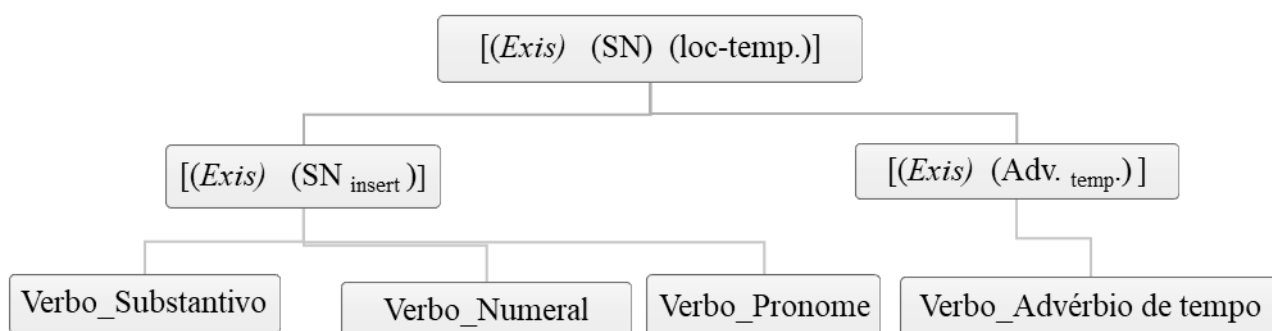
O esquema está disponível na mente dos usuários da língua, mobilizado para atender a necessidades comunicativas em contextos específicos. A generalização viabiliza o acionamento do esquema, armazenado como par de forma-significado na memória enriquecida. O esquema, com *slots* altamente preenchíveis, deriva subesquemas, com *slots* parcialmente preenchidos, e sanciona *construtos* compatíveis.

A construção existencial é uma unidade sintática complexa, com uma organização pouco composicional. Nos exemplos (20), (21) e (22), o falante constata, por experiência

própria, a existência de algo – uma informação inserida e indefinida. Nessa construção, a evidencialidade se baseia em uma fala reportada, por boato ou por inferência.

O esquema matriz tem um grau de abstratização maior, com *slots* a serem preenchidos irrestritamente, e a composição tende a ser mais cristalizada e previsível, visto que mantém uma relação com a cena conceptual. A construção existencial é fixada no inventário da língua e compreendida holisticamente por seus usuários como unidade complexa, idiomática e previsível. Nessa construção, há um *slot* parcialmente preenchido, confirmando subesquemas no português. Essa teia de relações é representada em rede:

**Figura 6:** Rede hierárquica da construção existencial.



Fonte: Elaboração própria.

Como exposto nessa rede, no português, os níveis de esquematicidade da construção existencial configuram uma taxonomia. Há nível de maior para o menor grau de esquematicidade. Nessa rede da construção existencial, a hierarquia se aplica de modo descendente, pois seu processamento é *top-down*. Nesse processamento, o esquema matriz (alto, abrangente e fixo na mente) fornece detalhes (traços construcionais) para os subesquemas (baixos, restritos e fixos parcialmente) até chegar nas microconstruções. Logo, os subesquemas ( $[(Exis) (SN_{insert})]$ ) e ( $[(Exis) (Adv. temp.)]$ ) têm propriedades de forma e de significado provenientes do esquema matriz ( $[(Exis) (SN) (loc-temp.)]$ ), visto que têm o preenchimento parcial de *slots* (SN) e a dispensa da expressão locativo-temporal (loc-temp.).

Nota-se que o subesquema de inserção de entidade licencia microconstruções como (verbo + substantivo), (verbo + pronome) etc., nos quais diferentes categorias lexicais são sancionadas com restrições semânticas específicas, pois, por exemplo, não se selecionaria uma palavra ou frase designativa de tempo, sob pena de alterar a função pragmática do subesquema, como mostram esses exemplos:

(23) *Tenho muitos clientes que são de fora: profissionais que vêm transferidos e têm que organizar a vida de o zero. Já estava acostumado a vender imóveis aqui na região, mas desde que comecei a usar o Homer, pude expandir os horizontes. Eu tive, em média, aumento de 40% em as vendas. Realizo operações todo mês, o que me dá mais segurança financeira. **Há negociações avançadas** para imóveis até em o Rio Grande de o Sul — afirma Almeida. (Corpus do Português NOW)*

(24) *Britney Spears anunciou o lançamento de uma música nova para quinta-feira, mas caiu na rede o pedaço de outra. É "Just Love Me" (ou Just Luv Me), uma balada sensual, com autotune moderado e voz distante do eletrônico robotizado que marca parte de sua discografia. **Tem fãs** comparando com o repertório de "In the Zone", um dos álbuns mais elogiados da Princesa do Pop. (Corpus do Português NOW)*

Esses exemplos instanciam a construção existencial. A combinação do verbo com os substantivos revela o subesquema de inserção de entidade. Em (23), o substantivo abstrato “negociações” é inserido para tematizar um assunto que completa a sequencialidade dos fatos narrados anteriores a ela. Em (24), o substantivo “fãs” é genérico, visto que não individualiza algo, mas especifica um conjunto de pessoas. O subesquema de inserção não licenciaria uma palavra designativa de tempo após o verbo.

Esses padrões linguísticos (verbo + substantivo, verbo + pronome etc.) são partes da capacidade de categorizar, de generalizar relações e de operar em um nível tanto local quanto global na rede construcional da língua. Por isso, a restrição de categorias licenciadas nos subesquemas não é resultado de combinações aleatórias, já que os traços semânticos, morfossintáticos fonológicos e pragmáticos são comuns entre os construtos.

O subesquema de ancoragem de tempo, por exemplo, vincula-se ao esquema matriz, com preenchimento parcial de *slot* previsível. É representado pela notação ([*(Exis)* Adv. temp.]). A subparte (Adv. temp.) acomoda, restritamente, palavras (advérbios de tempo) e frases designativas de tempo. Com isso, o esquema matriz e os subesquemas são distribuídos hierarquicamente em rede taxonômica. Em resumo, o esquema existencial

licencia dois subesquemas: *de inserção de entidade* e *de ancoragem de tempo*, além de instâncias sancionadas plenamente por ele, como mostram os exemplos:

(25) *Para fazer as doações, tem um box disponível na Rodoviária de Matão onde podem ser depositadas. No caso de ajuda em dinheiro, mais informações podem ser obtidas pelo número [...]. (Corpus D&G)*

(26) *Para o período de seis anos , correspondente ao II Plano de Fomento, há uma previsão de despesa de 840 000 contos, ou seja, 140 000 contos anuais, que correspondem uma participação do Estado. Nesta se inclui aquilo que se chama de compensação dada pelo Estado por virtude da supressão dos impostos locais sobre o trânsito. (Corpus CRPC, Portugal Only)*

(27) *Ah, infelizmente já perdi um dos meus pais, portanto a minha mãe morreu há um ano e meio, quase há dois anos, mas tenho ainda o meu pai vivo com os seus oitenta e seis anos. (Corpus CRPC, África)*

Esses exemplos mostram a sanção do: (25) esquema matriz; (26) subesquema de inserção de entidade; e (27) subesquema de ancoragem de tempo na língua portuguesa. O esquema é um nó na rede construcional da língua portuguesa. Ele provê subesquemas com seleção de categorias lexicais distintas e licencia *construto* como (28) e (29):

(28) *Há três razões que explicam a verdadeira enchente de sexta-feira na Bela Vista: o efeito do primeiro fim de semana de festival e do muito que se disse acerca de um recinto e de uma organização excepcionais; o factor Metallica, aglutinador de velhas e grandes paixões e capaz só por si de garantir o sucesso do evento seja a circunstância em que actuam. (Corpus CRPC, Portugal Only)*

(29) *Hoje é raro que algum escritor manifeste interesse pelo que se denominava, há pouco de " temática social "; hoje isso é visto como o tedioso ranço derivado de o debate ideológico da Guerra Fria. Não me pergunte as razões de essa mudança; não sei responder, embora tenha algumas hipóteses em que não acredito muito. (Amostra não sistematizada)*

O exemplo (28) é instância de uso do subesquema de inserção com um verbo e um numeral “três”, que quantifica um substantivo abstrato “razões”, sem expressão locativa ou temporal. Em (29), há uma expressão “pouco de temática social”, que serve

no texto para inserir um assunto. Assim, por mais que sejam categorias lexicais diferentes que ocupam o *slot* do sintagma nominal, a função discursiva de inserção de entidade é compartilhada pelos subesquemas, como nos seguintes exemplos:

(30) *É::: hoje inda existe um garimpo lá. .. existe um garimpo grande lá que chama Serra Grande...i::: existe o garimpo da lavra que hoje acho que num funciona mais...acho que já tá praticamente desativado...i:::ia minha história continuô ali sabe...i:::ela falô ó tem um garimpero aí. .. ele é sistemático demais da CONTA e ele tá precisando de um funcionário... tá precisano de pessoas pra trabalha lá... você já trabalhô... falei não... primera vez q/ eu tô vino... i eu nunca nem vi. (Fala goiana, masculino 30 anos).*

(31) *Porque lá... lá em Brasília tem um... tem um poeta lá... tem um poeta lá... chama Sê Manuel... ele que ajuda sempre a Divina aqui... lembra o ( ) pra Brasília né... cuida quando ele feis esse livro... ele ajudô muito... (Fala goiana, feminino 70 anos)*

Esses exemplos são instâncias do esquema matriz. No exemplo (30), a informação é um conhecimento pouco compartilhado entre os interlocutores e é codificada, morfologicamente, pelo artigo definido “o” e pelo indefinido “um”. O falante, em (30), insere a entidade “garimpo” e a indefinida “um” e, posteriormente, especifica a entidade “Serra Grande”. Em (31), mesmo com a expressão locativa topicalizada, o sintagma nominal é o núcleo informativo. Essa topicalização da expressão locativa serve para contextualizar a informação inserida, visto que o falante focaliza essa contextualização, pois se nota que ele tenta resgatar, da memória discursiva, mais informações sobre a entidade inserida “um poeta”, repetindo, com pausas longas (...), “tem um... tem um poeta lá... tem um poeta lá...”, até se lembrar da informação que identifica essa entidade “chama Sê Manuel”. A expressão locativa “lá em Brasília” serviu como base referencial da informação inserida, retomada na sequencialidade textual “lá”.

Ademais, os subesquemas ([*(Exis)* (SN<sub>insert</sub>)] e ([*(Exis)* (Adv. temp.)]) são configurados com verbo + substantivo, verbo + pronome e verbo + advérbio. Nesses subesquemas, o grau de informatividade do sintagma nominal varia, interferindo no compartilhamento de informação entre os interlocutores. Essas informações são acessadas via significado da palavra que ocupa o *slot* do sintagma nominal. Assim, semanticamente, a expressão locativo-temporal se torna opcional, como no exemplo (32):

(32) *Dá nada...tá assim **tem umas ocasião** que fica muito ::: ruim muito fraco e **tem outras ocasião** que dá pra leva a vida só pra comê mês que num **tem outra coisa** pra fazê né? ai então vai levano, mais que dá...já foi bão né...moto-taxi ai já...quando começo era bão mais hoje **tem moto-taxi demais** né?(Fala goiana, masculino 25 anos).*

Nesse exemplo, o subesquema atua para inserir a informação indefinida, codificada morfologicamente pelo artigo indefinido (*umas*), com ausência da expressão locativo-temporal. As primeiras sequências de fala, “*tem umas ocasião...*” e “*tem outras ocasião*”, são designativas de tempo, licenciadas pelo subesquema de ancoragem de tempo. Na segunda sequência, “*tem moto-taxi demais*”, a ausência da expressão locativo-temporal expõe que a entidade inserida “*moto-taxi*” é contida em um espaço e tempo inferível na interlocução.

O domínio existencial nas línguas contém a gradação da conceptualização dos conhecimentos espaciais e temporais entre o mais concreto e o mais abstrato (GIVÓN, 2012). Por isso, o esquema matriz tem grau mais concreto de abstratização do espaço e do tempo, e esses domínios são codificados na sanção desse esquema. Os subesquemas têm grau mais abstrato e discursivo e dispensam a expressão locativa (espaço é mais concreto) ou acoplam a expressão temporal (tempo é intermediário), como apresentam estes exemplos:

(33) ***Não há dúvidas** que a CPI da Funai foi criada sob medida para avançar na retirada de direitos dos povos indígenas. (Corpus do Português NOW)*

(34) ***T... tem... feis... feis** até aquela guerra aquela veis... cê lembra né...? (Fala goiana, feminino, 70 anos)*

Em (33), a instância dos subesquemas de inserção dispensa a expressão locativo-temporal. A entidade inserida “*dúvidas*” é indefinida ou genérica, codificada na flexão de plural “*-s*”. Na sequência, após a conjunção integrante “*que*”, tem-se uma oração completiva que não estende a referência inserida, servindo para expor uma opinião ou um fato contundente sobre a temática do texto, que é a retirada de direitos por meio de um órgão institucional. No exemplo (34), a informação inserida designativa de tempo “*T... tem... feis... feis*” serve para fins discursivos, pois ancora um tempo transcorrido durativo às informações narradas na sequencialidade do texto.

Langacker (1987) afirma que uma expressão pode ser sancionada por um esquema mais geral, que se realiza com: (i) uma sanção plena, em que instâncias ocorrem quando um construto é completamente consistente com a construção; ou (ii) sanção parcial, em que a extensão acontece quando o foco da categorização é apenas parcialmente compatível com o esquema matriz.

Na construção existencial, a sanção parcial alinha os subesquemas que captam as propriedades do esquema matriz, mas, na situação de fala, tanto o esquema matriz como os subesquemas cumprem papéis discursivo-textuais específicos. A generalidade da esquematicidade possibilita identificar, em dados empíricos, a construção por mecanismo de *parsing* (processo compilador), demonstrando o acionamento pelo usuário da língua de um bloco único, isto é, um par forma-significado, como mostram os exemplos:

(35) *A Diretoria das Centrais de Abastecimento do Estado de Santa Catarina, em Florianópolis, tem desabastecimento de cerca de 80%. A Associação Catarinense de Supermercados informou que já **há falta de vários produtos nos supermercados.** (Corpus Português NOW)*

(35a) *A Diretoria das Centrais de Abastecimento do Estado de Santa Catarina, em Florianópolis, tem desabastecimento de cerca de 80%. A Associação Catarinense de Supermercados informou que já **[(Exis) (SN) (loc-temp.)]**.*

(36) *O Parlamento deve ser formalmente constituído até 23 de janeiro. A partir dessa data **há uma série de prazos** para que legisladores elejam o presidente regional. Se nenhum candidato for aprovado pelos deputados até 7 de abril, novas eleições devem ser realizadas. (Corpus Português NOW)*

(36a) *O Parlamento deve ser formalmente constituído até 23 de janeiro. **[(Exis) (Adv. loc-temp.)]**, para que legisladores elejam o presidente regional. Se nenhum candidato for aprovado pelos deputados até 7 de abril, novas eleições devem ser realizadas.*

Em (35a) e (36a), o esquema matriz se aplica na porção do texto, de modo a representar o ato de *parsear* o dado. Na configuração da sequência enunciativa, mobiliza o esquema que licencia as microconstruções. O princípio paradigmático viabiliza esse processo de mobilização, visto que o preenchimento de *slots* do esquema exige dos usuários da língua o acesso ao inventário do léxico. O esquema serve como um modelo ou molde para o encaixamento das escolhas do falante na interação verbal.

Semanticamente, as instâncias do esquema matriz mantêm a acepção de asseverar a existência de algo ou alguém. Já pragmaticamente, o sintagma nominal inserido é o núcleo informativo. Por fim, sintaticamente, a ordem linear dos elementos é o verbo na posição inicial, o sintagma nominal posposto e a expressão locativo-temporal opcional. Esses traços do esquema matriz são herdados pelos subesquemas.

Na morfologia do verbo, recai a desinência de terceira pessoa do singular e tempo presente do indicativo. Fonologicamente, o sintagma verbal é acentuado com pausa antes do sintagma nominal. Essas propriedades da forma e do significado são comuns (generalizadas) tanto no esquema matriz como nos subesquemas. O que especializa os subesquemas é a parcialidade do preenchimento dos *slots* à direita do *slot* (*Exis*), ocupado pelo grupo restrito de verbos.

O subesquema de inserção captura as propriedades do esquema matriz. Em primeiro plano, há a função discursiva de inserção e, em segundo plano, a acepção de que existe algo em algum lugar e em algum tempo, dispensando a codificação da expressão locativo-temporal. O subesquema de tempo também captura as propriedades de forma e significado do esquema matriz, porém restringe a categoria lexical que pode preencher o *slot* como palavras designadoras de tempo transcorrido.

Ao acionar o esquema matriz, os falantes da língua têm a possibilidade não só de instanciar uma infinidade de microconstruções, como também de indicar intersubjetividade. O subesquema de inserção, por exemplo, expõe a fonte da informação, inferida, percebida e reportada – o que não é evidente no subesquema de tempo que serve para complementar uma informação no texto. Nos próximos subtítulos, descreve-se e se analisa cada um desses subesquemas, depreendidos de *corpora* de língua portuguesa.

#### **4.3.1. Subesquema de inserção de entidade**

A categoria verbo tem a propriedade semântica e sintática de selecionar argumentos para constituir a estrutura argumental da oração (CASTILHO, 2014). Predicar é uma ação básica na gramática. Para Neves (2018), o processo transitivo não é de inserção, mas de vinculação semântico-sintática dos verbos e seus argumentos para a configuração da oração. A construção existencial é dissidente na gramática porque não se reconhece essa vinculação entre suas subpartes, como ocorre em várias orações, por exemplo, na oração declarativa, na apresentativa, na passiva etc.

Para Goldberg e Herbst (2021), a perspectiva construcional reconhece que a língua não é gerada por um pequeno conjunto de princípios, mas sim pela associação ampla de

propriedades gramaticais e discursivas provenientes do uso, empregadas de maneira criativa pelos falantes. Os usuários da língua selecionam e combinam construções de uma ampla e variada gama de opções para atos interativos frequentes e criativos de comunicação. Essa atividade constitui padrões gramaticais convencionalizados e associados às funções específicas.

Na construção existencial, os elementos lexicais que a compõem não têm, individualmente, essa acepção básica, visto que as propriedades pragmáticas e discursivas se revelam como principais motivadoras dessa construção. Os itens alinhados na construção desempenham o significado existencial somente se dispostos juntos. Além disso, a noção de inserção é pragmático-discursiva, pois a função principal é inserir uma entidade na sequência enunciativa, função capturada pelo subesquema de inserção e pelo subesquema de tempo, como nos exemplos:

(37) *Pois é... assim... a gente tenta assim... **tem dia** assim eu desanimado sabe? fala assim ai::: **tem tanta gente** que num trabaia tem as coisa... tem tudo... ganha... mais eu num quero ganhá... num quero suó dos outros... eu quero o meu né? fico pensando assim... ó meu Deus porque o senhor num... num mim dá... num mim dá saúde assim suficiente... pra mim trabaia até memo... ô se não ganhá um dinherim assim... mais... qu/eu posso dá uma vida melhó pro meus fii... sabe... fico pensano... mais igual eu falo... suó dos outro cé num... cé tem que pensá no seu... no seu dinheiro... nada de vivê nas custas dos otros né? porque::: (Fala goiana, feminino, 28 anos)*

O subesquema de inserção de entidade serve para direcionar o Fluxo de Atenção à entidade inserida, tornando-a o núcleo informativo, isto é, o ponto central, representado pelo *slot* (SN). Essa construção preserva o papel de ancoragem de conteúdo e é empregada, em contextos diversos, com propriedade pragmática específica.

Os *slots* desse subesquema são parcialmente preenchidos por categorias lexicais variadas. Nos dados analisados do português, identificam-se substantivos concretos e abstratos, numerais, pronomes pessoais e sintagmas preposicionais, estabelecendo uma inserção de informação, desprovida de informação dêitica espacial e temporal. A instância de uso desse subesquema calibra a concepção-perceptual que dispensa o contêiner do esquema matriz, como mostram os exemplos:

(38) *Pessoal que já teve que obter visto para Portugal, para doutorado sanduíche: considerando que, mesmo lendo todas as instruções sobre os procedimentos, **há o risco de faltar algo**, peço uma força aos que já tiveram que passar por isso, principalmente aos que tiveram que tratar das burocracias. (Amostra não sistematizada, 2019)*

(39) *No mesmo segundo? ...credo... tecnologia avançada... o tanto que a minha é ruim né...pensei que se eu mandasse o e-mail hoje amanhã que ia chegá... é satélite?... é?... essa tecnologia é avançada né... mas é verdade porque::... **tem gente** que mora lá nos Estados Unidos e fala com a gente aqui através da::..... a imagem né... muito rápido né... (Fala goiana, feminino, 36 anos)*

Os exemplos (38) e (39) são instâncias do subesquema de inserção, que, pragmaticamente, serve para inserir uma informação na sequência enunciativa. Em (38), a informação “o risco de faltar” não é genérica, codificada no artigo definido “o”, anteposto ao substantivo “risco”. Isso demonstra o grau de informatividade do objeto de discurso inserido, dado que a referenciação é remetida, e, no texto, torna-se um assunto complementar. Em (39), a informação inserida “gente” é um substantivo, com informatividade genérica. Não é retomando, mas é especificada, na oração completiva, após a conjunção “que”, na sequência do texto. Ambos os casos exemplificam a evidencialidade, que são fonte de informação inferida ou reportada, revelando intersubjetividade, como ocorre, também, no exemplo (40):

(40) *No caso de os autônomos, a comprovação desse tempo adicional de atividade é feita por meio de documentos como notas fiscais, contratos com pessoas físicas ou empresas para quem prestou serviços e comprovantes de pagamento de impostos. Mas, **não há exigência de comprovação**. Basta o trabalhador pagar os atrasados. Advogados, arquitetos, médicos, por exemplo, são totalmente responsáveis por os recolhimentos de sua contribuição. (Corpus do Português NOW)*

Em (40), a negação, que recai sobre a construção existencial, alcança o núcleo informativo, visto que a informação inserida é uma palavra negativa proeminente, topicalizada e imóvel dentro da construção. O alcance da negação, na informação inserida, equivale à admissão da não existência de algo e se pauta na avaliação do locutor e na aceitação ou não da existência de algo. A intenção pragmática do locutor envolve a

alteração do conhecimento do interlocutor na interação, revertendo a aceitação da existência de algo.

O subesquema de inserção de entidade com a negação é comum nos dados do português. Em geral, é empregado para asseverar a recusa a uma informação, dando a ela o caráter de inexistente, em um mundo possível, ou um argumento não válido na base epistemológica do locutor. A negação é um fragmento que viabiliza uma quebra na tematização do texto e serve, também, como estratégia argumentativa, pois neutraliza outras premissas lógicas do raciocínio, como nos exemplos:

(41) *Existe um grande número de pessoas para as quais o motivo da consciência ou obrigação moral é supremo. Não há nada na constituição da natureza humana que impeça que assim seja para toda a humanidade. (Corpus do Português NOW)*

(42) *A pessoa é que tem que se virar, não há engenheiro, não há porque ele estudou mais. Está certo que nem todos nós podemos ser engenheiros, tem que haver, tem que haver da classe mais baixa até à classe alta, mas não acha que não há pessoas que são mais fracas do que as outras para se virar. (Corpus CRPC, África)*

No exemplo (41), no subesquema de inserção com negação, a informação inserida torna inverossímil qualquer argumento contrário ao argumento do locutor, estabelecendo uma proposição que condiciona todo o raciocínio sobre o tema proposto na sequência enunciativa. No exemplo (42), o locutor expõe a falta de um profissional e a possível causa desse fato e assegura que essa informação se baseia em fala reportada de outros ou em experiência perceptiva, negando qualquer cenário diferente desse.

No subesquema de inserção, o objeto de discurso é, em geral, semanticamente genérico, com caráter de indefinidade. Além disso, as propriedades formais e semânticas do subesquema são completamente provenientes e previsíveis do esquema matriz. A subparte (*loc-temp.*) é dispensável no subesquema de inserção, uma vez que a contextualização espacial ou temporal é inferível do texto, como nos exemplos:

(43) *Há quem trabalha com critérios políticos para manter as políticas públicas funcionando nessa cidade. (Corpus Português NOW)*

(44) *E há um Brasil em guerra contra o vírus! (Corpus Português NOW)*

Os exemplos (43) e (44) instanciam o subesquema de inserção – uma ancoragem de conteúdo com objeto de discurso inserido indefinido. Pragmaticamente, as informações inseridas no enunciado demonstram a importância do *slot* [SN]. Nesses exemplos, as categorias pronome indefinido “quem” e expressão indefinida “um Brasil” são o assunto do texto. A contextualização locativa ou temporal é dispensada no subesquema de inserção, não codificada linguisticamente, porém, por vias cognitivas, para a compreensão do enunciado, aciona-se a memória enriquecida do esquema matriz, no qual a subparte (loc-temp.) desencadeia a admissão inferencial da informação espacial.

A espacialidade é o conhecimento mais concreto e básico na vida humana, adquirido com base em experiências sensório-motoras (GIVÓN, 2012). Na abstratização desse conhecimento, a internalização resulta em processos metafóricos do espaço e em inferências da informação dêitica (TYLME, 2000). No subesquema de inserção, a função de inserir algo no plano discursivo se destaca, de modo que a espacialidade, atrelada ao domínio existencial, o *frame* (Campo Visual), é metaforizada. Assim, a inserção de uma entidade pressupõe contêiner, um tipo importante da abstratização metafórica, mesmo não codificado no enunciado.

A partir disso, o domínio existencial é uma metáfora do espaço e contém vestígios da aceção espacial (Campo Visual). Nesse sentido, as expressões linguísticas remetem à cena conceptual descrita. A espacialidade é um conhecimento de menor grau de abstratização, mais concreto. Outros conhecimentos associados a ela carregam a noção de espacialidade. Portanto, *existir* é estar contido em um espaço. Diferentemente da noção de *posse*, pois *ter* alguma coisa é ser um espaço que contém essa coisa, uma noção mais limitada. Logo, são experiências ou conhecimentos distintos que se codificam na construção existencial e nas construções possessivas.

No português, a noção de espacialidade é dêitica e semanticamente relevante. As expressões linguísticas (palavras e frases) servem para se remeter à localização de algo ou de alguém no discurso. Os dêiticos de lugar se organizam em eixos, tendo eixo horizontal (*antes, durante e depois*), eixo vertical (*em cima e embaixo*), eixo transversal (*atrás, à frente, ante e diante*), eixo distal (*lá, longe, distante e remoto*) e eixo proximal (*aqui, perto e próximo*) (CASTILHO, 2014). Todos esses eixos espaciais são associados ao domínio existencial.

Em geral, no português, o objeto circunstancial espacial é deslocado da constituição oracional e pode ser topicalizado ou removido, dependendo da estratégia discursiva dos interlocutores. Esse subesquema não é um recorte do esquema matriz. Com

isso, no subesquema de inserção, a informação locativa não é presente, porém a noção de espacialidade está acoplada no domínio existencial, como o elemento Campo Visual do *frame*, como mostra o exemplo (45):

(45) *Tem a disputa né? a antigamente é... era mais... o povo hoje fala que o povo tá difíci... mais antigamente era mais difícil... pr/ocê trabaiá antigamente... a... cê tinha muita briguinha assim... mais só qu/ela... a briga sadia... que hoje::: ocê brigá hoje... amanhã tá::: pode esperá o cachão que amanhã o caboco mata memo::: na minha época brigava agora daqui um pôco tava fazeno as pais dinovo. (Fala goiana, masculino, 38 anos)*

No exemplo (45), a informação inserida é o núcleo informativo, topicalizado e definido. A contextualização espacial não é codificada linguisticamente, porém a interpretação dessa informação envolve o conhecimento de que “se algo existe, existe em algum lugar”. No subesquema de inserção, a espacialidade está acoplada à semântica como um recurso pressuposto, porque a espacialidade é necessária ao domínio existencial. Por isso, esse subesquema é produtivo no português, instanciado continuamente na interação cotidiana, sendo um modelo previsível e propagado entre os falantes da língua portuguesa.

No subesquema de inserção, ocorre a focalização da entidade inserida. O subesquema é acionado como um todo de significado e de forma. É um subesquema com parcial esquematicidade e composicionalidade e com alta produtividade, com *slots* preenchidos por outras microconstruções alocadas dentro dele – por exemplo, a construção nominal básica, no português, com artigo e substantivo. Além do mais, no nível do texto, essa porção linguística faz introdução ou retomada temática.

Esse subesquema se configura como resultado do esquema matriz. Esse último é um padrão abstrato, com alto grau de esquematicidade, atrator de novas microconstruções. A expansão se realiza à medida que categorias gramaticais entram em seu bojo. Assim, o subesquema de inserção pode ter extensão, levando ao aumento de produtividade do esquema matriz.

Nos dados do português, esse subesquema é uma construção frequente no uso, rotinizada e automatizada. Por se organizar em rede construcional, o subesquema captura propriedades do nó dominante. A notação ( $[Exis\ SN_{insert}]$ ) é viável para o subesquema

de inserção e difere de outro subesquema, porque a subparte (SN) é preenchida por categorias lexicais específicas, como substantivos, artigos, pronomes e preposições. Nesse subesquema, a função pragmática controla o Fluxo de Atenção na interlocução, pois a entidade inserida recebe total foco no plano discursivo. Textualmente, engata a progressão temática ou completa informações referenciais (exófora ou endofórica) anteriores (catáfora).

Diferentemente do subesquema de tempo, que é produtivo na língua e serve para ancorar, no enunciado, o tempo passado mais durativo, o subesquema de inserção serve para especificar um objeto de discurso como núcleo informativo e pode ser retomado ou não na sequência enunciativa, como mostram os exemplos:

(46) *não há regras...é claro que aqui a gente encontra mais pessoas com... vontade...se policiando pra falar corretamente né...mais na rua não...na rua é muito difícil você encontrar assim alguém... (Fala goiana, feminino, 20 anos).*

(47) *No:::ssa eu sô assim... eu... eu se eu quero um trem eu luto por aquilo... porque toda vida... ó porque assim... **tem muita gente** qu/eu vejo assim... **tem mãe** falano assim ó cê tem que ajudá seu fii... pra ele num robá... pra ele num fazê isso... tem que ensiná ele dento de casa... mais cê vai... se vê com sofrimento... hoje em dia é assim... cê... ocê ajuda seu fii sê malandro... porque cê pensa que tá ajudano... pr/ele sê uma coisa boa... cê num sabe se tá fazeno bem ô se tá fazeno mal...[...]. (Fala goiana, feminino, 28 anos)*

Em (46) e (47), tem-se instâncias de uso do subesquema de inserção, representado por ([*(Exis)* (SN<sub>insert</sub>)]). Em (46), a negação recai sobre a informação, codificada pelo substantivo abstrato “regras”, elaborando um evento possível. Nesses exemplos, a informação inserida se desloca como um bloco informativo separado do restante da narrativa do texto, remetendo a um evento geral, cenário aporte para as demais ações.

No exemplo (47), preenchido com advérbio de intensidade “muito” e um substantivo abstrato “gente”, a inserção da informação cumpre propósitos pragmáticos, pois insere uma informação referencial, generalizada e indefinida. Além disso, nos dois exemplos, o Fluxo de Atenção é deslocado para as informações posteriores e complementares. Essas instanciações do subesquema de inserção se diferenciam do esquema matriz, como nestes exemplos:

(48) *Há momentos na vida em que o melhor que temos a fazer é ficar calados e observar à nossa volta. O tempo e as atitudes dos outros irão dar nossas respostas. (Amostra não sistematizada)*

(49) *O município da baixada fluminense disponibilizou pouco mais de seis mil doses de vacinas, mas há mais de 85 mil pessoas acima de 60 anos na cidade e autorizadas a receber o imunizante neste momento. (Corpus Português NOW)*

As diferenças entre o esquema matriz e o subesquema de inserção estão mais evidentes nas propriedades do significado. As propriedades de forma são capturadas pelo subesquema, com a impessoalidade, a posposição do sintagma nominal e a posição inicial do verbo. No exemplo (48), instância do esquema matriz, a expressão locativa “na vida” designa metaforicamente um espaço de realização; além disso, toda a sequência precedente complementa as informações do objeto de discurso inserido, “momentos”. No exemplo (49), a definição do objeto de discurso viabiliza a interpretação do texto, uma vez que descreve exclusivamente um público específico.

No subesquema de inserção no português, as categorias que preenchem o *slot* (SN) são diversificadas e restritas, centralizam o núcleo informativo e direcionam, pragmaticamente, o Fluxo de Atenção para o objeto de discurso inserido. Esse subesquema convive com outras construções no mesmo sistema linguístico. A sanção desse subesquema em construtos diversos revela propósitos discursivos específicos, como focalizar, tematizar e criar cenários narrativos, elaborar mundos possíveis e remeter a argumentos deslocadas no texto. O aspecto parcial de preenchimento do *slot* abre, então, uma constelação de possibilidades de alocação de categorias lexicais.

Nesta tese, não se discutem as origens diacrônicas desse subesquema, o qual é analisado a partir da constatação em dados empíricos sincrônicos manifestados em instâncias materializadas nos *corpora*. Esse par de forma e de significado cumpre, *principalmente*, o papel de ancoragem de conteúdo no discurso e, pragmaticamente, controla o Fluxo de Atenção e realiza propósitos discursivos diversos. Com isso, essa construção se encontra disponível para o uso em contextos específicos. Essas origens são exemplários para a criação de várias construções na interação verbal, pois são *tokens* propagados e convencionais.

Os usuários da língua produzem *tokens* similares a outros, via analogização, e estabelecem exemplares que se agrupam para formar categorias gramaticais e lexicais fixadas nos *slots* do subesquema.

O *slot* (*Exis*) perfila um número restrito de verbos no português, como os verbos “ter”, “haver” e “existir”. No *slot* (SN), as categorias lexicais mais recorrentes são artigo definido ou indefinido, substantivos, pronomes e sintagmas preposicionais. Esse subesquema, *geralmente*, encabeça a porção inicial dos textos predominantemente narrativos, expositivos e argumentativos. Ilustra-se, nestes exemplos, as instâncias de uso desse subesquema:

Instâncias empíricas	Microconstruções
(50) <i>Claramente <b>existe a parte "oculta"</b> em que os dados são tratados, organizados, ferramentas variadas, o que surge a necessidade de reorganização através das empresas com plataformas para tantos os arquivos, pastas, entre outros. (Corpus D&amp;G)</i>	Verbo + artigo + substantivo
(51) <i>Objetivo é melhorar a comunicação com os técnicos e clientes, mas <b>há quem</b> queira empreender ou mudar de profissão; conheça suas histórias. (Amostra não sistematizada)</i>	Verbo + pronome
(52) <i>O QUE A FOLHA PENSA. O que <b>há de certo</b> [...] é que o parlamentar preso em flagrante não tem estatura moral para o cargo que ocupa [...]. (Corpus Português NOW)</i>	Verbo + sintagma preposicional
(53) <i><b>Há 45 milhões de brasileiros</b> beneficiados com quatro parcelas; MP com as regras deve ser publicada logo após a aprovação da PEC emergencial pelo Congresso Nacional. (Amostra não sistematizada)</i>	Verbo + numeral

As instâncias do subesquema de inserção inserem uma informação com propósitos discursivo-textuais. Nesses exemplos, esses propósitos são: (50) de tematizar; (51) de

criar cenários narrativos; (52) de elaborar eventos possíveis; e (53) de remeter a argumentos deslocados no texto. O locutor é a fonte da informação compartilhada na interlocução. Essa porção de texto direciona a tematização e progressão textual, com o adicionamento de outras informações na sequencialidade enunciativa.

No português, o subesquema de inserção com teor restritivo tem a notação (verbo + subst. *que*) + oração, em que o verbo, em posição inicial, acompanha um substantivo indefinido sequenciado pelo pronome relativo “que”. A informação encaixada após o pronome relativo “que” serve para individualizar a entidade inserida. Essa microconstrução é muito frequente no uso; em geral, encabeça início de porções de textos dissertativos ou explicativos como recurso de progressão temática, como nos exemplos:

(54) *Antes do discurso do líder de o executivo, o presidente da Associação 25 de Abril, Vasco Lourenço, em uma breve intervenção, citou o cantor brasileiro Chico Buarque – “foi bonita a festa, pá” - para procurar ilustrar alguns dos ideais da “revolução dos cravos” que estarão por cumprir. Quando Vasco Lourenço evoca a canção de que foi bonita a festa pá, há uma coisa que quero garantir: ” a festa continua a ser bonita, pá”, defende, embora reconhecendo logo a seguir que “os objetivos de Abril estão sempre inacabados” e que as exigências de liberdade, de igualdade e de desenvolvimento. (Corpus do Português NOW)*

(55) **Tem gente que não suporta a sua felicidade. Tem gente que não suporta a sua inteligência. Tem gente que não suporta que não vai te ajudar, mas também não vai suportar ficar sem notícias da sua vida!** (Excerto não sistematizado, 2019)

(56) **Tem idiota que a gente vê nas redes sociais, na imprensa, dizendo “vai comprar vacina”.** *Só se for na casa da tua mãe. (Corpus Português NOW)*

(57) **Tem coisas que só acontecem comigo nessa vida, mas vai dar tudo certo, fé em deus.** (Corpus D&G)

Nessas instâncias do subesquema de inserção, há a imprecisão do substantivo inserido. São substantivos comuns, não denominativos, de referência genérica. Após o pronome relativo “que”, toda a sequência enunciativa é uma oração subordinada adjetiva restritiva e serve para delimitar o significado à entidade antecedente, não separada por vírgulas, logo não é uma oração subordinada explicativa. Nota-se que a fonte de

informação é o locutor que evidencia um boato ou uma inferência. A produtividade e a rotinização desse bloco revelam maior composicionalidade, como nos exemplos:

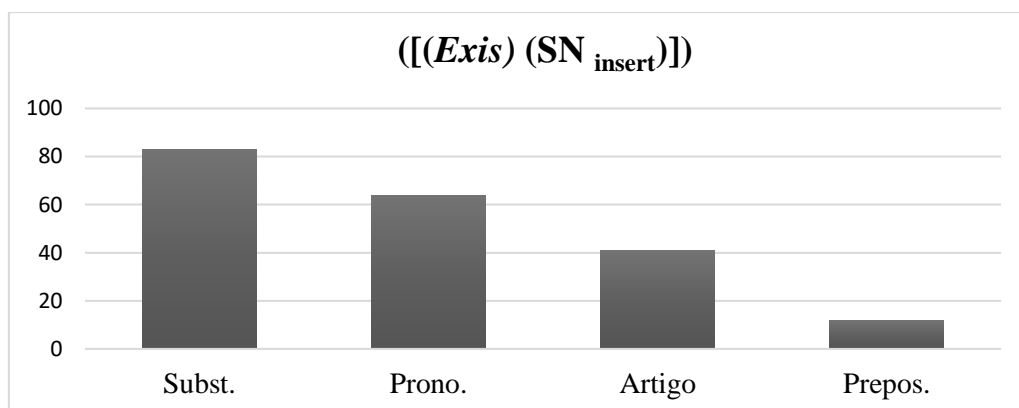
(58) *Existe mulheres fortes e existe mulheres que ainda não descobriram sua força!*  
(Amostra não sistematizada)

(59) *Tem uma mulher loira que anda c/uns cachorro... agora es mudaram lá pra cima... ela andava c/uns cachorro q/ues morava num predim ali... aí agora es mora lá em cima... é muito amigo daqui de casa sabe... o fiscal.* (Fala goiana, feminino, 70 anos)

(60) *Acho que sou mais claro naquilo que quero transmitir. Mas no EP **há cenas tipo**, ser honesto, dizer a verdade na “Cristalina”, a questão do “concentras-te a fazer para não cair num vício”, na “Origem”. A “Origem” por exemplo é uma canção importante e eu acho que o significado dela vai acompanhar-me até ao fim da minha carreira. Simplesmente **há coisas que** já estavam ditas no EP que eu não precisei de repetir no álbum.* (Corpus do Português NOW)

Da análise da lista amostral das ocorrências (4.442), contabilizou-se 1.845 ocorrências de inserção de entidade. A produtividade desse subesquema viabiliza a criação, propagação e inovação de microconstruções, pois o aspecto conteudista dele o torna bojo para outras microconstruções, devido ao seu parcial preenchimento esquemático. No Gráfico 3, ilustra-se a contabilidade das categorias lexicais possíveis no subesquema de inserção de entidade.

**Gráfico 3:** Distribuição de categorias no subesquema de inserção.



Fonte: Elaboração própria.

Os dados revelam que o preenchimento do *slot* ([SN]) nesse subesquema é restrito a categorias lexicais com referência esvaziada do objeto de discurso inserido. A indefinição da entidade é exercida pela presença de artigo indefinido “um”, antecedendo o substantivo ou os pronomes pessoais de terceira pessoa tanto no singular como no plural. Os substantivos são variados e, na maioria das vezes, simples e abstratos.

A propriedade semântica de indefinição ocorre, também, no acionamento de pronomes – geralmente, pronomes pessoais e relativos. As propriedades da forma, como a morfossintaxe e a fonologia, são capturadas do esquema matriz, preservando a desinência temporal e pessoal do verbo e a tonalidade acentuada no verbo, com leve pausa entre ele e o sintagma nominal.

O *slot* do subesquema de inserção é preenchido por microconstruções, as quais retratam os *tokens* empiricamente comprovados. As categorias lexicais apontam o nível de referência dos itens acionados, pois se referem às pessoas, aos animais, às entidades, em geral, concretas, indefinidas e abstratas e às unidades de medida. O adjetivo não é muito frequente nos dados analisados. A hipótese é que essa categoria serve como atributo qualificador e especificador de algo ou alguém. Os adjetivos substantivados pelos artigos “um” ou “a, o” ocorrem nessa microconstrução. O uso de preposição (de, sob, para etc.) é customizado e pouco frequente, como na primeira sequência neste exemplo:

(61) *Andar é das minhas maiores convicções. Ando em o campo e em cidade e garanto – vos que **nada há de melhor**; o que descubro e aprendo vale muito, mas, ainda melhor, é o bem-estar que esse simples ato em os transmite. Fomos nómadas durante milhares de anos, muitos, mesmo muitos ainda o são, e **há quem** diga que são os humanos mais livres e felizes. Só conhecemos verdadeiramente um lugar, e as suas gentes, a pé. Os sentidos de proximidade como o tato, olfato e paladar, só se manifestam assim, a pé. (Corpus do Português NOW)*

Em (61), o emprego da preposição “de” é customizado porque não é frequente. Nesse exemplo, o escrevente descreve seu gosto por andar e caminhar em lugares diversos e ressalta essa sensação sublime e grandiosa pela instância “nada há de melhor”, com acepção de “não existe/tem/há nada melhor”. Esse uso customizado tem os traços licenciados do subesquema de inserção de entidade, com teor expressivo no texto.

Particularmente, em registros escritos e falados de moradores da região sul do Maranhão, do Piauí e de outras regiões do Brasil, encontra-se o subesquema de inserção

empregado como uma interjeição interrogativa e intersubjetiva, com características de palavras invariáveis que exprimem estados emocionais ou sensações, servindo para auxiliar a expressividade do locutor, como expõem os exemplos:

(62) **O que é que há?** *Eu te vi na beira do rio meio que perdida, esperando a balsa para atravessar para o Piauí, era tarde da noite, mulher, é obra mesmo. (Amostra não sistematizada)*

(63) **O que é que há?** *O que é que tá se passando com essa cabeça? O que é que há? O que é que tá me falando pra que eu te conheça melhor? [...]. (Amostra não sistematizada)*

Nos exemplos (62) e (63), a expressão “o que é que há” é empregada como uma interjeição, diferentemente das expressões idiomáticas “como você está?” ou “tudo bem com você?”. É uma microconstrução intersubjetiva, expressiva e convencionalizada, com teor de polidez, pois instaura o diálogo inicial e mantém a progressão textual. É uma instância que evidencia sentimentos como dúvida, evocação e saudação do locutor. Ela é distinta da interrogação “o que você tem?”, visto que a evocação do locutor provoca a descrição do interlocutor sobre a existência de algo genérico ou um cenário possível.

As expressões indicativas de lugar (advérbios de lugar) não foram recorrentes na amostra dos *corpora*. Entende-se que lugar é tudo que pode localizar uma entidade no discurso, porém substantivos designadores de localidade são frequentes, por exemplo, palavras como “Brasil”, “cidade” e “rua”, que assumem acepção de localidade.

O subesquema de inserção se particulariza por restringir referências qualificativas (adjetivos) e localização (advérbio de lugar). Ele prioriza as referências de pessoas, animais, grupos, quantificadores, coisas concretas ou abstratas e ações genéricas. Essas referências remetem às entidades indefinidas e não individualizadas, como nos exemplos:

(64) *A dependência química é doença considerada epidemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS). As causas são múltiplas, passam por a genética e exigem terapia, medicamentos, em alguns casos internação, resume o psiquiatra da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Dartiu Xavier. Neste contexto, não há um psiquiatra ou psicólogo que defenda a arte como remédio mágico para o uso compulsivo de drogas. (Corpus do Português NOW)*

(65) **Existe uma nova lente de contato** *que melhora a visão humana, a torna perfeita. As*

*lentes biônicas substituem as lentes naturais dos olhos em uma cirurgia indolor de 8 minutos. (Corpus Português NOW).*

(66) *Uai... as pessoa dança demais né... e **tem uns** qui bebi muito tamém né. ((risos)) ai sempre naques festa de São João tem a fogueira... tem a reza... tem a... o forró depois ai vem aquela animação... (tem veiz) que parece uns doido tamém... briga acaba cá festa. (Fala goiana, masculino, 25 anos)*

Nos exemplos (64) e (65), a entidade inserida é genérica e serve para a manutenção da progressão do texto, uma vez que as informações são expandidas na sequencialidade textual. No exemplo (66), a entidade inserida é indefinida, morfologicamente codificada no artigo indefinido “uns”; ainda, a informação encaixada após o pronome “que” restringe a informação inserida. As diferenças entre definição e indefinição, nesse subesquema, consistem no compartilhamento de conhecimento na interlocução, pois definir uma entidade leva à individualização, enquanto a indefinição torna a entidade não individualizada, ponto de generalização e incerteza.

A partir da descrição e análise das instâncias de uso, verifica-se que o subesquema de inserção de entidade: (i) ancora conteúdo referencial; (ii) controla o Fluxo de Atenção; e (iii) faz a progressão textual. Os efeitos discursivo-textuais são: tematização; inclusão de cenários e assuntos complementares; e quebra de expectativas na interlocução. Assim, esse subesquema tem as propriedades de forma e de significado do esquema matriz e se difere do subesquema de tempo. É produtivo na língua portuguesa e cumpridor de propósitos discursivos específicos nela também.

#### **4.3.2. Subesquema de ancoragem de tempo**

O subesquema de tempo captura as propriedades morfossintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivas do esquema matriz, porém se especializa na seleção do preenchimento do *slot* (Adv. <sub>temp.</sub>). Na perspectiva construcional, a fixação de elementos exclusivos na construção demonstra o parcial preenchimento de *slot*, compreendido como um subesquema.

A noção de tempo designa um momento específico, um conhecimento estritamente dêitico. Assim, o subesquema de tempo tem um (Adv. <sub>temp.</sub>). que se refere a um transcurso de tempo e serve para ancorar temporalidade passada e, geralmente, durativa, como visto nestes exemplos:

(67) *A militante transexual Paula de Oliveira, ou Paulinha Única, de 50anos, tornou-se há dois meses coordenadora da Diversidade Sexual de Mesquita, cidade do Rio de Janeiro. E informou, em matéria do jornal Extra, que uma de suas ações será capacitar policiais e guardas na abordagem ao público LGBT. (Corpus Português NOW)*

(68) *Uai... uns tempo pra trás sempre ia de vez em quando... agora **tem um tempo** qui assim num frequênta... maisi a gente fica afim de i né fica que i... mais as vez num sobra tempo... as vez tá mei ocupado... ota vez num vai di preguiça... ota vez quando vai arrumá já tá im cima do horário ai disisiti. (Fala goiana, masculino, 25 anos)*

Em (67) e (68), as instâncias do subesquema de tempo revelam propriedades de forma e de significado comuns. Semanticamente, essa construção ancora o evento narrado em um momento passado na escala temporal. A possibilidade de palavras acionadas para preencher o *slot* à direita é restrita. Esse atributo caracteriza o subesquema de tempo, proveniente do esquema existencial. Discursivamente, a entidade inserida no plano discursivo, nesse subesquema, tem intermediária abstratização.

No *slot* (Adv. <sub>temp.</sub>) do subesquema, acomodam-se palavras ou frases que remetem a momentos genéricos, hora, dia, ano e séculos – uma escala temporal possível. É uma possibilidade variada de preenchimento, porém com restrições de palavras ou frases designativas de tempo. Pelos *tokens* analisados, verificou-se que os usuários da língua usam essa construção, principalmente, em tipos narrativos, pois estacionam um evento no tempo, plataforma fundamental desse tipo de texto.

Similar à noção de espacialidade, a acepção de tempo também é uma categoria dêitica, que pode ser expressa via gramatical na desinência verbal, lexical ou frasal. Os dêíticos de tempo são realizados em escala contínua, em que há presente (*agora, hoje e atualmente*), passado (*ontem, anteriormente e antigamente*), futuro (*amanhã e futuramente*), imprecisão (*cedo, tarde e hoje*) e sem especificação de tempo cronológico (*então, já, ainda e aí*). No português, o subesquema de tempo aciona, restritamente, palavras que designam tempo passado (*ontem, anteriormente e antigamente*), com aspecto predominantemente durativo.

Esse subesquema, no português, exhibe produtividade e previsibilidade, visto que o tempo é fundamental para a contextualização de qualquer ação no momento de fala anterior ou posterior a ela. O subesquema de tempo possibilita a criação de expressão idiomática, justamente pelo caráter fixo do preenchimento de *slot*. É um subesquema exemplário no inventário da língua portuguesa, como mostram os exemplos:

(69) *Ai... **tem veiz** qui ele saia a noite dormia fora... **tem veiz** qui a minha mãe dormi as veiz até no mato cum ele... ai era difici. (Fala goiana, masculino, 25 anos)*

(70) *Ele ficava preocupado... falava/ssim... mais já **tem MESES** que tô trabalhano com minha foice... num mês já comprei quatro foice prá ocê ((risos)) mas eu num sabia o que que eu fazia... a arte que eu fazia. (Fala goiana, masculino, 30 anos)*

Nesses exemplos, a noção de tempo perpassa todas as ações narradas pelo falante. Essa informação temporal estaciona todo o evento narrado nos limites da escala temporal. Em (70), o falante reporta ações corriqueiras e rotineiras, ocorridas em um período prolongado, codificando um aspecto continuativo. A conceptualização do domínio existencial é representada nas línguas em geral em uma escala implicacional. Nessa escala, há noção mais concreta (espaço), intermediária (tempo) e abstrata (existência).

Conforme discutido no subtítulo 2.3 do capítulo 2, a escala implicacional favorece a compreensão dos níveis de esquematicidade da construção existencial, uma vez que a interpretação referencial do objeto de discurso inserido implica a conceptualização de noção espacial, temporal e existencial. A partir disso, temos o contínuo para essa conceptualização:

[ + concreto]	>	[ + abstrato]
Existir no espaço	Existir no tempo	Existir

A escala implicacional vai do mais concreto para o mais abstrato, visto que quanto mais abstrata for uma noção, mais estabelecida na memória enriquecida dos interlocutores ela será. A sanção do subesquema de ancoragem de tempo aciona, na interação verbal, conhecimentos conceptualizados, codificados nas expressões linguísticas.

No subesquema de tempo, a ausência da expressão locativa (*loc-*) revela que a informação contextual de espaço mantém vinculação ao domínio existencial. Por isso, em algumas línguas (como estoniano e finlandês), a exigência da expressão locativo no bojo do esquema existencial demonstra a existência no polo mais concreto, sem inferência necessária para a compreensão do construto. Na língua portuguesa, os subesquemas existenciais dispensam a expressão locativa, como mostram os exemplos:

(71) *O casal proprietário do carrinho trabalha **há cinco anos** vendendo cachorro-quente em Águas Claras. (Corpus D&G)*

(72) *Quem está mantendo **há anos** o mesmo grupo no domínio da Sindicato, com uma diretoria mais autoritária e sem transparência que a outra? (Amostra não sistematizada)*

Em (71), todas as ações narradas no texto são ancoradas na escala passada limitada “cinco anos”, mesmo com o tempo verbal da ação principal “trabalha” ser presente do indicativo e a segunda ação “vendendo” ter indicado aspecto durativo prolongado no tempo. Essa temporalidade é condicionante dos eventos narrados, como em (72). No subesquema de tempo, o deslocamento da conceptualização envolve abstratização intermediária. O tempo se configura como uma experiência mais ou menos abstrata, que, na codificação, está expressa nas desinências de tempo ou no léxico.

Assim como o subesquema de inserção, o subesquema de tempo captura as propriedades do significado do esquema existencial. As propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas acentuam a intersubjetividade dessa construção, visto que a informação temporal inserida oscila no plano da certeza ou da imprecisão em relação ao momento de fala.

No verbo, recaem a desinência verbal, os aspectos de impessoalidade e tempo, além da ordem disposta dos elementos. O *slot* é restritamente preenchido por palavras ou frases com designação de tempo; é um subesquema altamente previsível no português. A notação desse subesquema é [(*Exis*) (Adv. temp.)], em que (Adv. temp.) é fixo, produtivo, propagado e rotinizado na interação verbal.

No subesquema de tempo, as noções semânticas são acessadas por processos conceptuais como a metáfora e metonímia, visto que o significado temporal da expressão pode ser preciso ou impreciso. A produção, a recepção e a compreensão das instâncias desse subesquema se tornam viabilizadas na interação verbal, devido à previsibilidade e rotinização, pois qualquer falante do português as compreenderia como uma expressão temporal, como se pode ver nestes exemplos:

(73) ***Há 2 anos** tive oportunidade de tocar com esta referência de DJ nacional: Grace Kelly Dumou simplesmente GKD! Boa lembrança... (Corpus D&G)*

(74) *Uai comprava o picolé e num queria pagá... falava que tinha pegado só... pegava cinco falava que pega::: va dois... aí a gente ia brigá com eles... **tem veis** que até rolava*

*no chão rapais mesmo a gente::: metê pedra... tem veis qu/eu levei prejuízo já que o caboco num queria pagá eu rumei a pedra na cabeça dele. (Fala goiana, masc., 38 anos)*

Nos exemplos (73) e (74), os enunciados são ancorados em uma temporalidade passada. Em (73), a expressão “2 anos” topicalizada exhibe a perspectivização do falante que focalizou um momento passado limitado para expressar seu sentimento de satisfação pelo feito. Já em (74), a expressão “tem veis” é uma microconstrução adverbial, visto que é um conjunto de duas ou mais palavras que, agrupadas, desempenham função de advérbio. Nessas instâncias de uso, a temporalidade demonstra relações de anterioridade ao momento da fala, como nos seguintes exemplos:

*(75) A vitalidade de Hebe Camargo era uma característica tão marcante que, mas de uma vez durante a leitura de “Hebe – A Biografia”, imaginamos que o biógrafo errou as datas. [...] Com tanta disposição, parece estranho que, **há quase cinco anos**, ao morrer aos 83 em São Paulo, Hebe fosse tão velha. Mas Hebe era. (Corpus do Português NOW)*

*(76) Em seu depoimento ao Juiz, Lula atribui as decisões sobre o triplex no Guarujá à ex primeira-dama, falecida **há três meses**. (Corpus do Português NOW)*

Nesses exemplos, o tempo é um pano de fundo das ações narradas. Os cenários dos eventos se estacionam no trilho da escala temporal expressa no texto. No subesquema de tempo, as propriedades morfossintáticas, como a impessoalidade do verbo, a desinência de terceira pessoa do singular e a ordenação dos elementos, são licenciadas pelo esquema matriz. As propriedades semânticas e pragmáticas remetem a uma entidade definida ou indefinida, com a aceção de que *existe algo* e a inserção de entidade no plano discursivo. Essa entidade inserida é temporal, como no exemplo (77):

*(77) **Há 2 mil anos** índios brasileiros já eram agricultores hipsters. (Corpus Português NOW)*

Em (77), o verbo está na terceira pessoa do singular, é impessoal e ocupa a posição inicial. A designação de tempo recai sobre o evento e, pragmaticamente, aumenta o grau de informatividade dessa sequência textual. Essa informação temporal exerce a função de objeto circunstancial (GARCÍA, 1996).

Para García (1996), o objeto circunstancial corresponde ao fundo secundário do cenário codificado e representa uma informação opcional no enunciado. No entanto, as instâncias do subesquema de tempo aumentam a informatividade do texto e, em geral, essa informação pode não ser opcional. Por mais que ela não seja exigida pelo verbo da oração principal, restaura a contextualização temática, servindo ao discurso.

Em (77), por exemplo, a informação temporal contextual não é opcional, pois, se a retirássemos, o texto ficaria “índios brasileiros já eram agricultores *hipsters*”. Isso distorceria a pretensão do texto. Afinal, até mesmo pela topicalização da informação, a ideia é afirmar que a ação pioneira dos índios perdura ao longo de séculos. Esse mesmo aspecto também é exemplificado em (75) e (76):

(78) *Concordo! Feliz de **há muitos anos** não ler essa revista. (Corpus D&G)*

(79) ***Tem 20 anos** vi pela primeira vez... parecia uma pamonha enrolada na palha de milho, com cabelos negros e lisos... eu estava bastante emocionado... e só queria uma oportunidade para segura no colo ::: o tempo vai numa pressa que chega a assustar... (Fala goiana, feminino, 26 anos)*

Nesses exemplos, o subesquema de tempo contribui para a interpretação textual, uma vez que oferece uma informação complementar a toda a sequência de ações narrada. Em (79), o tempo desinencial presente do indicativo, nos verbos, não representa o tempo do evento, visto que essas ações estão ancoradas na anterioridade. Por mais que a informação temporal seja um suplemento da proposição, essas instâncias representam o pano de fundo dos eventos descritos linguisticamente. Esse subesquema, por ser parcialmente preenchido por palavras e frases que designam temporalidade, tem uma previsibilidade maior do que o subesquema de inserção, dado que o *slot* (Adv. temp.) abrange possibilidades limitadas do preenchimento.

A contextualização é um mecanismo discutido na literatura especializada sobre construção existencial. Francez (2001, 2010), por exemplo, define a contextualização locativa e temporal como aspectos indexicais dessa construção. Essa visão considera que a acepção de existência é associada à de tempo e à de espaço. Por outro lado, o domínio existencial é conceptualizado em contínuo, entre o mais concreto e o mais abstrato.

O esquema matriz tem maiores possibilidades de preenchimento de *slots*, e a expressão locativa e temporal é uma delas. O subesquema de tempo é dissidente desse

esquema por deslocar, no contínuo existencial, para o polo intermediário de abstratização. Esse processo vincula mecanismos cognitivos, como memória enriquecida e perspectivização.

A dispensa da expressão locativa realça a perspectiva do falante, pois focaliza as informações necessárias na interlocução em detrimento de outras. A expressão locativa representa uma noção mais concreta que o tempo, e a existência é mais abstrata que espaço e tempo. Na codificação da existência, entram em jogo conhecimentos sobre a entidade inserida, que pode ser genérica ou individualizada.

Pela amostra de dados analisada, não se verificou um subesquema de local descendente do esquema existencial. O mesmo não ocorre com o subesquema de tempo, frequente e produtivo na língua portuguesa. Isso acontece devido ao fato de que, conforme Givón (2012), o espaço é mais concreto, mais básico e mais estável na calibragem conceptual humana, e sua codificação serve para contextualizar atributos individuais da entidade inserida.

Para Neves (2018), os advérbios incidem sobre algum outro elemento, o núcleo, visto que as orações continuariam regularmente elaboradas, mesmo se retirassem as indicações adverbiais. Os advérbios *não* constituem peças imprescindíveis à sintaxe da oração, pois são elementos que giram em torno de um núcleo e trazem alguma indicação acessória. São adjuntos, e não complementos, e indicam noções suplementares (intensificação, modo de processamento, causa, companhia e verificação).

Por outro lado, as indicações de localização adverbial (espaço e tempo), que acontecem nos textos, são peças integrantes da elaboração da textualidade em que ocorrem e sua retirada quebraria a informatividade. Por conseguinte, a noção de tempo se torna um complemento adverbial, e não um adjunto adverbial, no ponto de vista pragmático. Por isso, as instâncias de subesquema de tempo atuam na complementação informativa do texto. Gramaticalmente, são opcionais, mas, discursivamente, são imprescindíveis. Sendo assim, consideramos, como García (1996), que, no caso do subesquema de construções existenciais, o (Adv. <sub>temp.</sub>) é um objeto circunstancial.

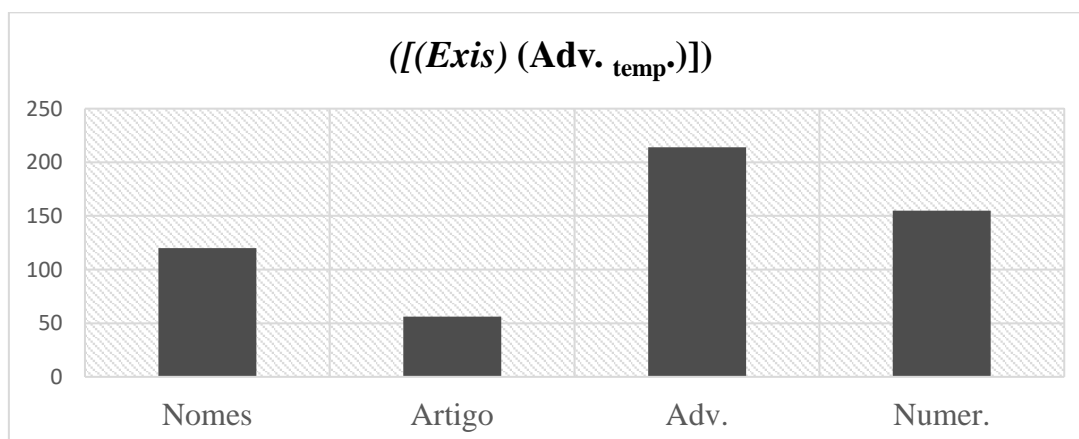
As instâncias sancionadas pelo subesquema de tempo têm forma mais fixa e previsível e mantêm uma relação extensiva em relação ao núcleo em que ele incide, dado que interfere na informatividade do texto. No âmbito de incidência, o efeito recai sobre toda a sequencialidade enunciativa e modifica peças informativas, pois abrange a circunstancialidade de toda a ação narrada ou descrita no texto, como mostra o exemplo:

(80) *Estudos feitos, conseguimos constatar que das dezoito províncias, quinze províncias são endêmicas. Este ritmo de trabalho que nós começámos nos anos setenta, oitenta teve uma quebra, depois deixámos de falar das schistosomias no nosso país pelo menos aí dez anos e aí há cerca de três anos nós, o ministério da saúde, tendo em conta o impacto socioeconômico da própria doença, achou por bem relançar o programa de controlo da schistosomias no nosso país [...]. (Corpus CRPC, África)*

No exemplo (80), a instância do subesquema de tempo traz a noção de tempo decorrido, estacionando todas as ações narradas na escala temporal. O âmbito de incidência (o núcleo) é extensivo, visto que abarca um conjunto de ações subsequentes. Essa peça contribui para a informação circunstancial da temática apresentada. Na percepção do locutor, é uma informação condicionante das ações narradas. Isso confirma que o subesquema de tempo atua, em geral, como complemento pragmático, e não como adjunto removível da sequencialidade enunciativa.

A partir dos *corpora* analisados, identificou-se o total de 1.225 ocorrências, tanto de fala como de escrita, de instâncias de uso licenciadas pelo subesquema de ancoragem tempo. O *slot* à direita é preenchido com palavras designadoras de tempo passado geralmente durativo, podendo representar, ainda, repetição de evento. No conjunto do léxico do português, esses elementos são substantivos abstratos, numerais, palavras ou frases com aceção de tempo e destacam, principalmente, o teor complementar da temática textual. No Gráfico 4, ilustra-se a distribuição categorial no *slot* (Adv. temp.) nesse subesquema:

**Gráfico 4:** Distribuição de categorias no subesquema ancoragem de tempo.



Fonte: Elaboração própria.

A distribuição de categorias lexicais nas instâncias do subesquema de tempo demonstra a variedade de possibilidade de preenchimento, porém com restrições a palavras do léxico ou a frases que designam tempo dêitico. A preferência por advérbios de tempo é produtiva e frequente. Por essa razão, as gramáticas tradicionais classificam as instâncias desse subesquema como um advérbio, mesmo que, morfologicamente, o advérbio seja uma palavra invariável.

Em geral, nas ocorrências de nomes designativos de tempo, o artigo indefinido o acompanha à esquerda. Essa morfossintaxe é verificada em expressões idiomáticas e cotidianas da língua, por exemplo, “tem uns dias...”, e com o verbo prototípico de ação “fazer”, como “faz tempo...” etc. A acepção da entidade inserida como indefinida e genérica provém do esquema matriz. A previsibilidade, a compreensão e a recepção desse subesquema possibilitam a interpretação do tempo transcorrido, como nos exemplos:

(81) *pô...um amigo meu...o Alexandre/ **tem um mês...tem um mês** isso...saiu... né? Com a namorada dele.... e mais uns amigos...aí...pô...eles foram pra uma festa...aí a festa acabou cedo...**era duas horas**...eles...eles saíram da festa...e ele deixou a namorada dele em casa...e foi com os amigos dele pra uma outra festa ainda. (Fala goiana, masculino, 25 anos)*

(82) ***Há algum tempo** temos problematizado os registros de uma subjetividade individualizada, intrapsíquica, identitária para pensar num processo de subjetivação incessantemente produzido por vetores, por relações discursivas e de poder. (Corpus do Português NOW)*

(83) ***Há muitos e muitos anos** jornalistas mineiros denunciam as tramoias de Aécio e sua irmã em BH. Mas a Globo e a PF só descobriram ontem. (Corpus do Português NOW)*

(84) *então o cara entrou ali...estava tipo assim **há uns dois meses**...o cara está perdidinho ((riso)). (Fala goiana, masculino, 25anos]*

Esses exemplos demonstram o transcurso temporal na sequência enunciativa, favorecendo a complementação das informações sobre as ações narradas. São objetos circunstanciais porque a interpretação do enunciado é vinculada à informação temporal inserida e não pode ser retirada do texto. Isso exclui o caráter opcional dessa construção

no texto. Na interação verbal, o ouvinte consegue recuperar, pela memória enriquecida, a ideia de tempo como uma experiência dêitica.

Em geral, a maioria das ocorrências das instâncias do subesquema de tempo se encontra em textos narrativos. Quando narramos ações ou uma história, situamos participantes no espaço e no tempo e, para referenciar o tempo, no português, há vários recursos gramaticais pela desinência verbal e lexical, porém o subesquema de tempo atende a demandas discursivo-textuais na língua.

A ancoragem de tempo transcorrido interage com a imaginação ou a memória dos interlocutores. Para isso, os mecanismos dêiticos temporais são peças para a referenciação indexical exofórica, afinal os interlocutores imaginam o transcurso de tempo das ações para que haja eficiência comunicativa, como nestes exemplos:

(85) **tem um mês atrás...** então o pessoal...numa sexta-feira... todo mundo “ah:: uma cervejinha... (vamos beber) uma cervejinha... vamos fazer um churrasquinho” e tal... tal...tal...todo mundo muito alegre...muito brincalhão... (Fala goiana, masculino, 45 anos)

(86) **Existe algumas dificuldades de natureza técnica.** Aliás, não é por acaso que a nível da Organização Mundial de Saúde se fala apenas em 10 % de deficientes, sem, na maior parte dos países, estatísticas rigorosas [...]. Quanto às tabelas de incapacidades, assunto muito complexo e não é impunemente que, **há muitos anos**, este tema está a ser abordado, posso afirmar que os trabalhos estão adiantados e asseguro que no 1º trimestre do próximo ano teremos a tabela de incapacidades. (Corpus CRPC, Portugal Only)

Nos exemplos (85) e (86), todas as ações narradas são ancoradas no tempo transcorrido e não há uma determinação precisa desse tempo, podendo ser um mês no ano corrente ou em ano anterior. Essa indefinição expande a escala temporal, cabendo nela tempos menores como *um dia, uma semana, dois dias* etc. Ao falante e ao ouvinte cabem imaginar as cenas narradas a partir dessa informação temporal. Pragmaticamente, a topicalização dessa instância evidencia a importância dela para a interação ser bem-sucedida.

As narrativas são textos que sugerem os apontamentos mais imaginários, pois, ao narrar, revive-se, via memória, uma cena e se indicam as entidades participantes. O tempo inserido pela instância do subesquema é virtual nas narrativas, de modo que os interlocutores podem imaginar a situação de maneira mais fácil e pontual. Esses atributos são a base de expressões idiomáticas – por exemplo, “era uma vez”, cristalizada no

português, visto que qualquer falante entende as pretensões de uma narrativa iniciada por essa expressão.

As instâncias de ([(*Exis*) (Adv. temp.)]) atendem a demandas da ordem texto-discurso para além da constituição da oração. Os mecanismos cognitivos como previsibilidade, automação e efeito *priming* levam essa construção ao grau maior de entrenchamento e a uma parcial esquematicidade. Esse subesquema abarca propriedades do esquema matriz, principalmente a semântica e a pragmática, visto que a indefinição e a imprecisão são provenientes dele. A propriedade discursiva de inserção também é *linkada*, pois permite o sancionamento de várias microconstruções, com papéis de ancorar temporalidade.

O esquema existencial ([(*Exis*) (SN) (loc-temp.)]), os subesquemas de inserção de entidade ([(*Exis*) (SN<sub>insert</sub>)]) e o subesquema de ancoragem de tempo ([(*Exis*) (Adv. temp.)]) se manifestam em construtos, em porções de textos com sequência textual diversificada, cumprindo propósitos discursivos específicos. Isso torna a interação verbal mais eficiente e com possibilidades de inovação e propagação de microconstruções na língua portuguesa.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Nesta pesquisa, descrevemos e analisamos as propriedades gramaticais e discursivas da construção existencial, na língua portuguesa, a partir da perspectiva construcional da gramática. Elegemos princípios e pressupostos construcionais para a análise do esquema existencial e dos subesquemas sancionados em *construtos* empíricos. Os princípios perspectivização, memória enriquecida e *frame* são mobilizados para apontar como essa construção é demandada na cognitiva; já os pressupostos arquitetura construcional, esquematicidade, produtividade e composicionalidade, para demonstrar como esse fenômeno linguístico se revela na gramática.

A partir de estudos interlinguísticos sobre a construção existencial, verificamos a proeminência dos traços gramaticais e discursivos revelados nas línguas em geral. As propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas são similares, e as propriedades fonológicas e morfossintáticas são diferentes nas línguas. A propriedade pragmático-discursiva é primordial, nessa construção, e inclui os processos de referenciação e de intersubjetividade.

Essas propriedades são radicalmente integralizadas, de modo que a segmentação de suas subpartes comprometeria o significado construcional. Com isso, constatou-se o princípio da Linguística Cognitiva, que reconhece a primazia do todo em vista das partes (LANGACKER, 1987, 1991). A construção existencial é armazenada, produzida e recepcionada em instâncias sancionadas pelo esquema matriz, que acomoda itens lexicais e gramaticais. A junção de suas propriedades caracteriza essa construção como um nó na rede construcional da língua portuguesa.

O esquema matriz da construção existencial é constituído da integração radical de subpartes, como: verbo, sintagma nominal e expressão locativo-temporal. Neles, recaem aspectos fonológicos, morfossintáticos, semânticos e discursivos. A partir dos pressupostos da gramática construcional, notamos esquematicidade, produtividade e composicionalidade, atrelados às instâncias empíricas dessa construção, além de processos cognitivos como perspectivização, memória enriquecida, *frame* e propósitos intersubjetivos.

A primeira pergunta de pesquisa foi respondida. Os princípios e pressupostos construcionais favorecem uma análise e uma descrição da construção existencial, que agregam demandas cognitivas e traços gramaticais para a compreensão do fenômeno,

bem como englobam informações contextuais. De fato, é um fenômeno linguístico demandado na cognição e revelado na gramática da língua.

A segunda pergunta de pesquisa foi respondida no decorrer do capítulo 2. A proeminência da construção existencial é interlinguística, com traços similares e diferentes nas línguas em geral. Destacam-se as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas dessa construção, afinal, independentemente da configuração morfossintática e fonológica, a acepção “existe algo ou alguém” e a inserção de entidade no plano discursivo transpassam as línguas. Com relação à língua portuguesa, sobressaem as idiosincrasias do preenchimento restrito de *slots*, como o (*Exis*) e a expansão do esquema matriz para subesquemas descendentes.

A terceira e quarta perguntas de pesquisa são respondidas no capítulo 4. Descrevemos e analisamos a construção existencial na língua portuguesa, a partir de princípios e pressupostos construcionais. Com isso, destaca-se a fusão entre o significado dos verbos e o significado construcional, por meio de elos entre o *frame* domínio existencial (cena básica) e os traços semântico-pragmáticos dos verbos e dos nomes alocados nessa construção. Assim, constatou-se o princípio construcional: o significado construcional é independente dos verbos empregados (GOLDBERG, 1995, 2006, 2019; CROFT, 2001).

A arquitetura da construção existencial tem as propriedades morfossintáticas, fonológicas, semânticas, pragmáticas e discursivas acionadas em conjunto nas instâncias de uso. Além do mais, o significado construcional é resultado de um conjunto de conhecimentos de mundo do falante acessado pelos itens lexicais. Esses conhecimentos provêm do domínio existencial, um *frame* armazenado na memória enriquecida, e representam experiências sensório-motoras (FILLMORE, 2003). Desse modo, a fusão do significado lexical e do significado construcional evidencia a integração *radical* dos componentes gramaticais, discursivos e cognitivos. Assim, a construção existencial *emerge* da complexidade cognitiva e se *revela* na gramática (BYBEE, 2010; TOMASELLO, 2003; LANGACKER, 2000).

Na língua portuguesa, a notação do esquema existencial é ([(*Exis*) (SN) (*loc-temp.*)]). Esse esquema sanciona instâncias de uso e provê as propriedades capturadas pelo *subesquema de inserção de entidade* e pelo *subesquema de ancoragem de tempo*. A esquematicidade da construção existencial é hierárquica e descendente. Há um esquema altamente abstrato e subesquemas com preenchimentos parciais dos *slots*. O esquema existencial ([(*Exis*) (SN) (*loc-temp.*)]) fornece as propriedades aos subesquemas de

inserção ([*Exis* SN<sub>insert</sub>]) e ao subesquema de tempo ([*Exis* Adv.<sub>temp.</sub>]) que se manifestam em *construtos*, em porções de textos narrativos, expositivos, dissertativos etc., e cumprem propósitos discursivos específicos, tornando a interação verbal mais eficiente.

O subesquema de inserção de entidade, como notação ([(*Exis*) (SN<sub>insert</sub>)]), captura do esquema matriz as propriedades semânticas, como a imprecisão e indefinição da entidade, as morfossintáticas, como desinência de terceira pessoa-singular no verbo em primeira posição, e as fonológicas, como tonalidade acentuada sobre o verbo. As classes de palavras, como substantivos concretos e abstratos, pronomes pessoais, demonstrativos, numerais e preposições, são acionadas para o preenchimento parcial do *slot* (SN<sub>insert</sub>). A entidade inserida nesse *slot* é núcleo informativo e referencial.

Em geral, esse subesquema vem em meio de textos e o locutor tem adesão ao dito, pois é a fonte da informação inserida. Ainda, tal subesquema ocorre em contextos pragmáticos específicos: (1) imprecisão ou não individualização da informação; (2) compartilhamento da informação entre os interlocutores; e (3) expectativa sobre o conhecimento do referente inserido. Esse subesquema é um arranjo que exhibe parcial composicionalidade, devido à preservação das propriedades morfossintáticas, pragmáticas e discursivas do esquema matriz, porém restringe parcialmente a classe de palavras empregada no preenchimento do *slot*. Além disso, dispensa o elemento (loc-temp.), pois as noções de espaço e tempo são dêiticas, vinculadas ao domínio existencial.

O subesquema de inserção tem teor restritivo da entidade inserida e, nela, o verbo em posição inicial acompanha um substantivo indefinido; na sequência, vem o pronome relativo “que”, o qual encaixa uma sequência textual que serve tanto para individualizar a entidade inserida como para apresentar e fazer progredir o tema.

Já o subesquema de ancoragem de tempo como notação ([(*Exis*) (Adv<sub>temp.</sub>)]) tem restrições no preenchimento do *slot* (Adv<sub>temp.</sub>), pois somente acomoda palavras e frases que designam tempo passado durativo. No texto, esse subesquema atua como dêitico temporal; ainda, não é uma informação opcional para a interpretação do texto, porque sua remoção da porção textual afetaria o efeito de sentido do texto. Esse subesquema pode se deslocar para qualquer posição no texto – início, meio e, com pouca frequência, final.

No subesquema de tempo, as noções semânticas são acessadas por processos conceptuais como a metáfora, visto que a propriedade semântica de indefinição da entidade inserida é capturada do esquema matriz. Por conseguinte, a temporalidade inserida pode ser genérica e durativa. Desse subesquema provêm expressões idiomáticas

do português, como “era uma vez”, “tem dias que” e “tem vez”, empregadas em início de histórias fabulosas, fantasiosas e corriqueiras.

A construção existencial é convencionalizada na comunidade de falantes e atua como ancoragem de conteúdo, disseminadora de conhecimento do locutor. É uma construção linguística que mantém a referenciação e demonstra intersubjetividade. Essa construção é complexa e exhibe outros fenômenos linguísticos embutidos nela, como impessoalidade, ordem sintática, restrição categorial, definitude e indefinitude e referenciação. Na língua portuguesa, é um padrão construcional, um conhecimento linguístico público presente na vivência cotidiana dos usuários da língua, nos termos de Salomão (2009). Além dos mais, é composicional e produtiva, de acordo com Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2010).

Notamos que a construção existencial ocorre em tipos de textos diversificados, como narrativos, expositivos e dissertativos. Dentre esses tipos, os predominantemente narrativos são os mais frequentes. Esses textos reportam ações em moldes de contação de histórias, inserção de cenários, personagens, ideias, argumentos e entidades abstratas.

As construções existenciais têm propriedades pragmáticas relacionadas à informatividade, as quais evidenciam fatores informacionais. Nesse aspecto, a existencial centraliza o sintagma nominal como núcleo informativo e não tópico. Discursivamente, a focalização recai sobre a entidade inserida no plano discursivo.

Verificamos que a construção existencial representa uma construcionalização, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), pois se observa um certo entrincheiramento discursivo da construção, cujo conteúdo total é funcional para os propósitos comunicativos. No português, as subpartes são parcialmente analisadas. O *slot* (*Exis*) tem a possibilidade de preenchimento por verbos específicos (*ter*, *haver* e *existir*).

Apesar de as discussões do presente trabalho não se encontrarem encerradas, acreditamos que muito contribuímos para a descrição e análise da construção existencial e de fenômenos linguísticos, como ordem das palavras, impessoalidade, definição e indefinição, referenciação e intersubjetividade.

Além de contribuirmos para as pesquisas linguísticas, esperamos que nossa pesquisa possa ter aplicação pedagógica, nas ações de ensino e aprendizagem de língua portuguesa como língua materna, de herança e adicional no mundo. Esperamos munir estudantes, professores e amantes da língua portuguesa da perspectiva integralizada dos fenômenos linguísticos, de maneira que capturem as dimensões históricas, sociais e culturais dos usuários da língua portuguesa como uma língua global.

Afinal, o alinhamento entre propostas científicas e ensino favorece uma nova e promissora maneira de lidarmos com o conhecimento linguístico, uma vez que o fenômeno da construção existencial é presente nas interações cotidianas, sejam conscientes ou não. Assim, um fenômeno como a *oração sem sujeito*, contemplada nos manuais de ensino tradicional e definida de modo marginal nos compêndios escolares, ganha uma *nova dimensão de estudo*, revelando os mecanismos diversificados da capacidade humana e o seu potencial na vivência da linguagem.

---

 REFERÊNCIAS
 

---

ABBOTT, Barbara. *Defi niteness, existentials, and the 'list' interpretation*. In: C. Barker & D. Dowty (eds.). *Proceedings of Semantics and Linguistic Theory*, Columbus, OH: The Ohio State University, p. 1–16, 1992.

\_\_\_\_\_. *A pragmatic account of the defi niteness effect in existential sentences*. *Journal of Pragmatics* 19, 39–55, 1993.

\_\_\_\_\_. *Defi niteness and existentials*. *Language* 73, p. 103–108, 1997.

ALMEIDA, N. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1999.

AIKHENVALD, Alexandra. *Evidentiality in Typological Perspective*. In: Aikhenvald, Alexandra Y. & Robert M. W. Dixon (eds.). *Studies in Evidentiality*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 1-31, 2003.

\_\_\_\_\_. *Y. Evidentiality*. New York: Oxford University Press, 2004.

AVELAR, J. *De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão da Haver no Português Brasileiro*. 2006. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 41, nº 1, p. 49-74, 2006.

\_\_\_\_\_. *Dinâmicas morfossintáticas com ter, ser e estar em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

\_\_\_\_\_. *Relatório científico de pós-doutorado*. Relatório (Pós-Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

BEAVER, David; FRANCEZ, Itamar; LEVINSON, Dmitry. *Bad subject! (Non-)canonicity and NP distribution in existentials*. In: E. Georgala & J. Howell (eds.). *Proceedings of Semantics and Linguistic Theory XV*. Ithaca, NY: Cornell University, p. 19–43, 2006.

BECKWITH, Koguryo. *The Language of Japan's Continental Relatives: An Introduction to the Historical-Comparative Study of the Japanese-Koguryoic Languages, with a*

*Preliminary Description of Archaic Northeastern Middle Chinese*. Brill Academic Publishers, 2007.

BENTLEY, Delia; CICONTE, Francesco Maria; CRUSCHINA, Silvio. *Existential constructions in crosslinguistic perspective*. Oxford University Press, 2013.

BHATIA, TEJ K. *Negation in South Asian Languages*. South Asian Language Analysis. University of Illinois, p. 1-12. 2005.

BERGS, Alexander; DIEWALD, Gabriele (Ed.). *Contexts and constructions*. John Benjamins Publishing, 2009.

BURZIO, Luigi. *Italian Syntax*. Dordrecht: Reidel, 1986.

BYBEE, Joan. *From usage to grammar: the mind's response to repetition*. *Language*, vol.82, n. 4, p. 529-551, 2006.

\_\_\_\_\_. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CALLOU, Dinah; AVELAR, J. *Sobre a Emergência do Verbo Possessivo em Contextos Existenciais no Português Brasileiro*. Gragoatá, Niterói, v. 9, p. 85-100, 2000.

\_\_\_\_\_. *Preservação e mudança na história do português: de possessivo a existencial*. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 30, p. 224-235. 2012.

CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

CLARK, Eve V. *Existential, Locative and Possessive Buildings*. In: *Syntax*. Stanford: Stanford University Press, 1978.

CORNILLIE, Bert. *Evidentiality and epistemic modality: On the close relationship of two different categories*. In: *Functions of Language*. 16.1, p. 44-62, 2009.

CASSEB-GALVÃO, V. C. *Evidencialidade e gramaticalização no PB: os usos da expressão diz que*. Tese de Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa. UNESP. Araraquara: 2001.

COSTA, Joan. *Esquematismo, el universo de la visualización gráfica e la Teoría informacional del Esquema*. Ed. Investigación. Madrid, 2019.

COSTA, Lucas Alves. *Construções existenciais no português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Goiânia, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2018a.

\_\_\_\_\_. *Sentenças existenciais à luz da Semântica de Frames*. *Tabuleiro de Letras*, v. 12, n. 2, p. 19–30, 2018b.

\_\_\_\_\_. *Elementos acústicos da construção existencial no português brasileiro*. No prelo. 2020.

CHUNG, Sandra. *The syntax of Chamorro existential sentences*. In: E. Reuland & A. Meulen (eds.). *The Representation of (In) definiteness*. Cambridge, The MIT Press, p.191–225, 1987.

CHAFE, W. *Significado e estrutura linguística*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1979.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CROFT, William. *Radical Construction Grammar. Syntactic Theory in Typological Perspective*. New York: University of Oxford, 2001.

\_\_\_\_\_. *Typology and linguistic theory in the past decade: A personal view*. *Linguistic Typology*, v. 11, n. 1, p.79–91, 2007.

CRUSCHINA, Silvio. *Focus in Existential Sentences*. In: Bianchi Valentina, Cristiano Chesi (eds.). *Enjoy Linguistics! Papers offered to Luigi Rizzi on the occasion of his 60th birthday*. Siena: CISCL Press. p. 77-107. 2012.

CRUZ, Aline da. *Fonologia e gramática do Nheengatú: a língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa*. Utrecht: LOT, 2011.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3°. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.

DIK, Simon. *The theory of functional grammar*. Dordrecht-Holland/providence RI–USA: Foris Publications, 1989.

DRYER, Matthew S. *Clause types*. In: Shopen Timothy (ed.). *Clause Structure, Language Typology and Syntactic Description*, Vol. 1. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press. p. 224-275, 2000.

ENÇ, Mürvet. *The semantics of specificity*. *Linguistic Inquiry*, p. 22. 1-25, 1991.

FILLMORE, Charles J. *Frame semantics*. *Cognitive linguistics: Basic readings*, v. 34, p. 373–400, 2006.

\_\_\_\_\_. *The case for case reopened*. In: *Grammatical relations*: Brill, p. 59–81, 1977.

FILLMORE, Charles J.; KAY, Paul. *Construction grammar*. *Language*, v. 64, n. 501–538, p. 30, 1995.

FRANCEZ, Itamar. *Existential propositions*. Stanford: Stanford University. PhD dissertation. 2007.

\_\_\_\_\_. *Existentials, predication, and modification*. *Linguistics and Philosophy* 32. p. 1-50, 2009.

\_\_\_\_\_. *Context dependence and implicit arguments in existentials*. *Linguistics and Philosophy* 33. p 11–30, 2010.

FREEZE, Ray. *Existentials and other locative*. *Language*, n. 68, p. 553–595, 1992.

FRIED, Mirjam; ÖSTMAN, Jan-Ola. *Construction Grammar and spoken language: The case of pragmatic particles*. *Journal of Pragmatics*, v. 37, p. 1752–1778, 2005.

GARCÍA, Ángel López. *Fundamentos de lingüística perceptiva*. Madrid: Gredos, 1989.

\_\_\_\_\_. *Lingüística topológica y percepción visual*. *Glosa: Anuario del departamento de filología española y sus didácticas*, n. 3, p. 11–23, 1992.

GIVÓN, Talmy. *A Compreensão da gramática*. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

\_\_\_\_\_. *Mind, code and context – essays in pragmatics*. Nova Iorque: Psychology Press. 1989.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. In *Interdisciplinary Reviews; Cognitive Science* 1. Wiley. 1-10, 2009.

\_\_\_\_\_. *Argument Structure Constructions versus Lexical Rules or Derivational Verb Templates: Argument Structure Constructions versus Lexical Rules*. *Mind & Language*, v. 28, n. 4, p. 435–465, 2013.

\_\_\_\_\_. *Explain me this: Creativity, Competition and the Partial Productivity of Constructions*. Princeton University Press, 2019.

GOLDBERG, A; HERBST, Thomas. *The nice-of-you construction and its fragments*. *Linguistics*. p. 1-34, 2021.

GONÇALVES, Elisângela (Org.). *As construções existenciais em foco*. Salvador: Edufba, 2019.

\_\_\_\_\_. *Ser ou não ser, eis a questão: construção “existencial” com o verbo ser no português brasileiro contemporâneo*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976.

HARTMANN, Jutta M. *Wh-movement and the Small Clause analyses of the English there-construction*. In M. Salzmann & L. Vicente (eds.) *Leiden Papers in Linguistics 2.3*: 93-106, 2005.

HARLOW, R. *Uma gramática de referência maori*. Auckland, Nova Zelândia: Longman, 2001.

HAZOUT, Ilan. *The syntax of existential constructions*. *Linguistic Inquiry*, 2004.

HENGEVELD, Kees. *Non-verbal predication: Theory, typology, diachrony*. Gruyter Mouton, 1992.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. *Functional Discourse Grammar: A typologically-based theory of language structure*. Oxford University Press, 2008.

HAWKINS, J. *Definiteness and indefiniteness. A Study in reference and grammaticality prediction*. *Linguistica Investigationes*, v. 11, n. 2, p. 414–423, 1978.

HUDSON, Richard. *Language networks: The new word grammar*. Oxford University Press, 2007.

JACKENDOFF, R. *Foundations of Language: Brain, Meaning, Grammar, Evolution*. Oxford University Press, 2002.

KIM, Jong-Bok. *On the Structure of the Existential Construction: A Hybrid Analysis*. Korean studies Information, v. 72, p. 17-39, 2013.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à linguística textual*. 2ª ed. Ed. Martins Fontes. São Paulo: 2009.

\_\_\_\_\_. *A coesão textual*. 22ª ed. Ed. Contexto. São Paulo: 2014.

\_\_\_\_\_. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. Ed. Contexto, São Paulo: 2015.

KOONTZ-GARBODEN, Andrew. *Locative and existential constructions*. In: Ulwa. *Anthropological Linguistics*, p. 244–268, 2009.

LAKOFF, George. *Cognitive semantics: in the heart of language an interview with George Lakoff*. Fórum Linguístico, v. 1, n. 1, p. 83–119, 1998.

\_\_\_\_\_. *Women, Fire and Dangerous Things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

LAMBRECHT, Knud. *Information structure and sentence form: Topics, focus, and the mental representations of discourse referents*. New York, NY, US: Cambridge University Press, 1994.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar, vol. I*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. *Foundations of cognitive grammar: descriptive application. Vol 2*. Stanford: University Press, 1991.

\_\_\_\_\_. *A Dynamic Usage-Based Model*. In: M. Barlow & S. Kemmer (Eds.) *Usage-Based Models of Language*. Stanford: CSLI, p. 1-63. 2000.

\_\_\_\_\_. *Construction Grammars: Cognitive, Radical, and Less So*. In: IBÁÑEZ, F. J. e CERVEL, M. S. (eds.), *Cognitive Linguistics: Internal Dynamics and Interdisciplinary Interaction*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 101-159. 2005.

LAURY, Ritva. *Minimal reference: The use of pronouns in Finnish and Estonian discourse*. [s.l.]: BoD - Books on Demand, 2019.

LEVINSON, Lisa. *Possessive WITH in Germanic*. In Levinson Stephen C. e David P. Wilkins (eds.). *Grammars of Space. Explorations in Cognitive Diversity*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 157-205, 2007.

LINDBERG, Johan. *Finska språket - Dialekterna*. Uppslagsverket Finland, 2016.

LYONS, J. *Semântica*. Lisboa: Editora Presença/Martins Fontes, 1977.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Linguística de Texto: o que é e como se faz?* Ed. Parábola. São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. *Gêneros Textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Angela P., MACHADO, Anna R & BEZERRA, Maria A (orgs.) *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARTEN, Lutz. *Structure and interpretation in Swahili existential constructions*. *Italian Journal of Linguistics*, v. 25, p. 45–73, 2013.

MATTOS E SILVA, R.V. *Estruturas trecentistas*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1995.

\_\_\_\_\_. *A variação haver/ter*. Em Mattos e Silva (ed), *A Carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500*. Salvador: EDUFBA/UEFS/CNPq, 181-194, 1996.

\_\_\_\_\_. *Observações sobre a variação no uso dos verbos ser, estar, haver, ter no galego-português ducentista*. *Estudos lingüísticos e literários*, 19. 253-285, 1997.

\_\_\_\_\_. *Vitórias de ter sobre haver nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros*. Em Mattos e Silva e Machado Filho (eds), *O português quinhentista*. Salvador: EDUFBA/UEFS, 119-142, 2002.

MCCLOSKEY, James. *Irish Existentials in Context*. *Syntax*, v. 17, n. 4, p. 343–384, 2014.

MCNALLY, Louise. *Existential sentences*. In Maienborn Claudia, Klaus von Heusinger & Paul Portner (eds.). *Semantics: An International Handbook of Natural Language Meaning*, Volume 2. Berlin: Mouton de Gruyter. p. 1829-1848, 2011.

\_\_\_\_\_. *An Interpretation for the English Existential Construction*. Ph.D. dissertation. University of California, Santa Cruz, CA. Reprinted: New York: Garland, 1997.

MELTZOFF, Andrew N.; MOORE, M. Keith. *Resolving the debate about early imitation*. [s.l.]: The Blackwell reader in developmental psychology, Oxford, 1999.

METSLANG, Helena. *On the Case-Marking of Existential Subjects in Estonian*. *SKY Journal of Linguistics* 25, p. 151–204, 2012.

MILSARK, GL. *Existential Sentences in English*. New York & London: Garland. 1979.

MONDADA, L. *Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir*. Approche linguistique de la construction des objets de discours. Lausanne, 1994.

MORO, Andrea. *The Raising of Predicates: Predicative Noun Phrases and the Theory of Clause Structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

NEVES, M. H. M. *A Gramática do Português revelada em textos*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

\_\_\_\_\_. *Estudo de Língua e vivência de linguagem. Temas em confronto*. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. *Texto e gramática*. SP :Contexto, 2007.

PERINI, Mário A. *Estudos de Gramática Descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola, 2008.

PEZATTI, E. G. *A ordem das palavras no português*. São Paulo: Parábola, 2014.

\_\_\_\_\_. *A ordem de palavras e o caráter nominativo/ergativo do português falado*. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 37, 1993.

PRAÇA, W. *Morfossintaxe da Língua Tapirapé*. Tese de doutorado inédita. Brasília: UnB, 2009.

RIJKHOFF, Jan. *Verbs and nouns from a cross-linguistic perspective*. *Rivista di linguistica*, v. 14, n. 1, p. 115–147, 2002.

SALOMÃO, M. M. M. *Tudo certo como dois e dois são cinco*. In: MIRANDA, N. S. & SALOMÃO, M. M. M. *Construções do Português do Brasil: da Gramática ao Discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 33–74, 2009.

SANTOS, Sergio da Silva. *O estatuto morfossintático, semântico e pragmático dos verbos em construções apresentacionais não existenciais*. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara – SP, 2019.

SARTRE, J-P. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdigo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de João Batista Kreuch. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SCHULZ, Dora; GRIESBACH, Heinz. *Deutsche Sprachlehre Fur Auslander - One-Volume Edition - Level 2: Glossar: Deutsch-Englisch*. Ismaning: Max Hueber Verlag, 1984.

SRIDHAR, S. N. *Kannada: Descriptive Grammar*. London: Routledge, 1990.

STASSEN, Leon. *The problem of cross-linguistic identification*. Oxford University Press, 2011.

TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics. Vl. II: Typology and Process in Concept Structuring*. The MIT Press: Cambridge, Mass, 2000.

TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Constructing a language: A usage-based theory of language acquisition*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

TRASK, Larry. *Genderless languages: Basque*. Electronic publication, 1995.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English*. *Trends in Linguistics Studies and Monographs*, v. 197, p. 219, 2008.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. 1. ed. Oxford: University of Oxford, 2013.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard B. *The development of modal verbs*. In: TRAUGOTT, EC; DASHER, RB *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge UP, p. 105-151, 2005.

VALLDUVÍ, Enric. *A preverbal landing site for quantificational operators*. Catalan working papers in linguistics, p. 319–343, 1992.

VAN VALIN, Robert Jr. *Exploring the Syntax-Semantics Interface*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VESELINOVA, Ljuba. *Negative existentials: A cross-linguistic study*. Rivista di linguistica, v. 25, n. 1, p. 107–145, 2013.

VILLALBA, Xavier. *Eventive existentials in Catalan and the topic-focus articulation*. Italian Journal of Linguistics, v. 25, p. 147–173, 2013.

VIOTTI, Evani. *A estrutura sintática das sentenças existenciais e o efeito de definitude: semelhanças e diferenças entre o inglês e o português do Brasil*. Letras, v. 58, 2002.

WARD, Gregory; BIRNER, Betty J. *Definiteness and the English Existential*. Language, v. 71, p. 722–742, 1995.

WITZLACK-MAKAREVICH, Alena. *Typological Variation in Grammatical Relations*. Unpublished doctoral dissertation, Universität Leipzig, 2010.

*Corpus do Português NOW*: [www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org) . Acesso 13/06/20.

*Fala Goiana*: <https://gef.letras.ufg.br/p/11948-banco-de-dados> . Acesso 13/06/20.

*Corpus PAISÁ*: <https://www.corpusitaliano.it/it/index.html> . Acesso 11/04/21.

*Corpus CRPC*: <http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/> . Acesso 11/04/21.

*Corpus D&G*: <https://discursoegramaticablog.wordpress.com/corpus/> . Acesso 11/04/21.